ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 22 DE JUNHO DE 1971 N.º 17 420 ANO 51.º PREÇO 1$50

1x2 totoBOLA

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana? Na pág. 20 pode encontrar uma ajuda...

VERDADEIRA OBRA DE ARTE — O DIADEMA QUE COROARÁ A PRINCESA DAS «TEEN-AGERS»

O diadema que coroará a princesa das «teen-agers» é, na verdade, uma autêntica obra de arte, como o leitor poderá avaliar pelo texto e pela foto que publicamos na página 9. Trata-se de uma oferta de H. Stern-Joalheiros, cuja directora em Portugal entregou o referido diadema à sr.ª D. Madalena Ruella Ramos (foto acima), presidente do júri do certame

O ASSALTO À DEPENDÊNCIA BANCÁRIA FOI «ENSAIADO» NA PISCINA DO AREEIRO COM A AJUDA DE BOLAS DE PINGUE-PONGUE

Equanto a Polícia Judiciária prossegue com investigações tendentes á descoberta dos assaltantes da dependência do Pinto de Magalhães Banqueiros, ontem ocorrido na Avenida de Roma, apurámos, esta manhã, que o golpe foi «ensaiado», sexta-feira passada, na Piscina Municipal do Areeiro com bolas de ping-pong por quatro indivíduos de idades compreendidas entre os 28 e os 36 anos.

Quem presenciou a manobra foi o sr. Américo Monteiro Abreu, chefe daquela Piscina, já ouvido, aliás, pela Polícia Judiciária.

Segundo o nosso interlocutor, dois indivíduos de tipo aciganado, entre os 30 e os 36 anos, entraram na Piscina, sexta-feira cerca das 10 horas.

Tomaram banho durante algum tempo e vieram depois para a bancada. Sentados, puseram óculos escuros e principiaram uma longa conversa.

Américo Abreu, que os não conhecia dali, observava-os discretamente, até porque já vinha dado por dois outros indivíduos que continuamente circundavam a piscina, hesitando na entrada.

Seriam 11 horas quando esses dois indivíduos (um muito bem vestdo, outro de camurcine beije) se resolveram, finalmente, a entrar na piscina.

O nosso interlocutor verificou, então, que os quatro homens se conheciam.

— *Sentaram-se os quatro muito juntos e debruçaram-se sobre qualquer coisa que a princípio não distingui* — diz-nos Américo Abreu.

Bolas brancas de mão em mão

Numa posterior «inspecção», Américo Abreu descobriu que os quatro indivíduos, desconhecidos na zona, se entretinham com quatro pequenas bolas brancas de ping-pong.

— *Trocavam as bolas entre si, falavam em segredo e mantinham-se afastados dos frequentadores da Piscina.*

A sorte das bolas foi repetida dezenas de vezes, e como a atenção era muito por parte dos quatro estranhos nessas trocas, «*é provável que as bo-*

(Continua na página seguinte)

Américo Abreu, chefe da Piscina Municipal do Areeiro: «Eles planearam o assalto sexta-feira passada... Observei todos os passos, comuniquei as minhas suspeitas a pessoas conhecidas e estas transmitiram-nas ao gerente do Banco»

PONTOS E SOLUÇÕES DOS EXAMES LICEAIS

Tal como anunciamos e à semelhança dos anos anteriores, o «Diário de Lisboa» começa hoje a publicar, nas págs. 18 e 19, os pontos e soluções dos exames do 7.º ano e ciclo preparatório.

Morto entre o costado de um navio e o cais da Rocha, o arrais Joaquim Lopes Cabedal é retirado da água com o auxílio de um guincho e de um homem-rã dos B. S. B. As circunstâncias em que se deu o desastre vêm descritas na 2.ª página.

faltam oito dias para terminar a recepção dos cupões-duplos

Faltam apenas oito dias para terminar o prazo de recepção dos cupões-duplos de identificação da segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa». Prémios do maior interesse estão ainda ao seu alcance: um apartamento junto ao mar, em Paço de Arcos e um magnífico automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares, constituem o fabuloso primeiro prémio. Mas outros se lhe seguem: dois confortáveis apartamentos, também mobiliados, no grandioso

(Continua na 10.ª página)

LEITOR DO Diário de Lisboa

Aspecto da nova doca da Lisnave, a inaugurar amanhã na Margueira

A DOCA ALFREDO DA SILVA É INAUGURADA AMANHÃ

Mais de duas mil pessoas, entre as quais cerca de 300 individualidades estrangeiras, assistirão amanhã, nos estaleiros da Lisnave, na Margueira, à inauguração pelo Chefe do Estado da maior doca do mundo para reparação naval a que foi dado o nome de Alfredo da Silva.

Vários membros do Governo estarão presentes nas cerimónias que terão início ás 17 horas, com a bênção das novas instalações pelo vigário episcopal de Setubal, cónego João Alves. Seguir-se-ão o alagamento da doca e o descerramento, pelo Presidente da Republica, do medalhão com a effigie de Alfredo da Silva.

Após uma breve série de discursos, realizar-se-á um beberete no refeitório e bares anexos dos estaleiros da Margueira.

COMPRIMENTO EQUIVALENTE A CINCO CAMPOS DE FUTEBOL

Construída em menos de dois anos, segundo projecto inicial dos próprios serviços da Lisnave e da Profabril, a doca Alfredo da Silva tem um comprimento equivalente ao de cinco campos de futebol. Os maiores navios actualmente existentes no mundo — cujo porte bruto já começa a rondar as 400 mil toneladas — não chegam a preencher metade da sua capacidade de docagem, que é de um milhão de toneladas.

Característica inovatória das instalações, entre muitas outras, reside no facto de a entrada dos navios se fazer pela popa — medida que permite reduzir em cerca de um quilómetro a distância entre as oficinas e a popa, local onde geralmente se concentra a maior parte do trabalho de reparação e a carenagem descentrada da maioria dos navios.

Todo o equipamento da doca, em especial o de içar, se encontra concebido de acordo com as gigantescas dimensões da obra. O pórtico rolante, com 125 metros de largura e 65 de altura, inclui dois ganchos independentes, cada um deles com capacidade para içar pesos até 150 toneladas, e ainda um gancho de acção rápida para 20 toneladas. A altura a que se encontra, sensivelmente idêntica á da plataforma ferroviária da ponte Salazar, impôs a necessidade da instalação de um elevador de acesso á cabina de comando, situada no seu topo.

UMA MEDALHA COMEMORATIVA

O artista João Paulo de Abreu e Lima concebeu uma bela medalha comemorativa da inauguração da doca. Nela se reproduzem, em síntese, as principais características e linhas mestras da actuação da Lisnave.

Para assistir ás cerimónias de amanhã já se encontram em Lisboa grandes armadores de petroleiros, representantes das maiores companhias petrolíferas mundiais (Shell, Texaco, Gulf Oil, B. P., Chevron, Esso, etc.)

Igualmente se deslocaram ao nosso País administradores, directores e proprietários de grande numero das mais importantes entidades portuárias e companhias armadoras de 11 das maiores potências marítimas de três continentes.

TRANSPORTE PARA OS CONVIDADOS

A fim de assegurar a deslocação para a Margueira dos convidados para a inauguração da doca Alfredo da Silva, a Lisnave montou um cuidado sistema de transportes, cuja utilização se torna da maior conveniência para evitar a aglomeração de viaturas nas imediações do estaleiro.

Funcionarão dois serviços, um com partida junto ao Mosteiro dos Jerónimos e outro, para os convidados da margem sul, no Centro-Sul de Almada, ambos a partir das 15 horas e até ás 16 e 15.

O regresso estará assegurado a partir das 18 e 30, de quarto em quarto de hora, igualmente para Lisboa e Centro-Sul.

dê
aos seus filhos
o melhor prémio
...aprender
inglês
onde se
fala inglês

Peça ao seu Agente de Viagens os programas dos Cursos de Férias Multitur. E ofereça aos seus filhos a importante vantagem de falar e escrever correctamente a lingua internacional de hoje — o inglês.

Inglaterra
Anglo Continental School of English
•Cursos em Bournemouth, Londres e Oxford
•Inscrições — ambos os sexos, maiores 16 anos
•Duração — 2, 3 ou 4 semanas
•Partidas regulares, com início 5 Julho
•Preços (tudo incluído) desde 6.939$ *

Irlanda
Marian College (Colégio Marista)
•Cursos em Dublin
•Inscrições — ambos os sexos, 13 a 18 anos
•Duração — 4 ou 8 semanas
•Partidas — 4 Julho e 1 Agosto
•Preços (tudo incluído) desde 9.400$ *

Aproveite as facilidades do sistema Multicrédito

Cursos de férias
multitur

O ASSALTO A DEPENDÊNCIA BANCÁRIA

(Continuação da pág. anterior)

las tivessem qualquer coisa escrita».

A manobra na rua

Cerca do meio-dia, talvez ás 11 e 45, os quatro individuos abandonaram a piscina e foram colocar-se nos pontos estratégicos utilizados para o assalto ontem verificado.

— *Eram quatro posições distintas, mas todas dando para o Banco. Assim como tinham trocado as bolas na piscina, assim também eles mudavam constantemente de posição.*

Faltavam cinco minutos para o meio-dia, «*quando um dos individuos aciganados entregou ao mais bem vestido um saco de pano com os anéis olímpicos*».

— *Então, esse fulano, com o saco sob o braço, entrou no Banco, onde pretendeu fazer um depósito, segundo o testemunho do gerente da Pastelaria Silvia, que ali se deslocou depois de eu lhe ter contado as minhas suspeitas* — acentuou Américo Abreu.

Como, porém, demorasse o preenchimento do impresso, o gerente do Banco convidou a sair.

Eram 12 e 15.

— *Quando ele saiu, os outros três, que entretanto se tinham mantido nas suas posições, dispersaram imediatamente.*

O encontro-ensaio estava terminado.

Concretiza-se o assalto

Passou sábado, passou domingo — e, ontem, deu-se o assalto.

Quatro homens, empunhando dois revólveres e uma pistola-metralhadora, irromperam ao fim da manhã na dita agência do Banco Pinto de Magalhães. Eram precisamente 11 e 57 horas.

Os funcionários bancários atendiam os ultimos clientes da manhã. No seu gabinete, trabalhava o gerente Magalhães Oliveira. Na sala principal, Joaquim Tomás Canhão, Manuel Barbosa Oliveira, Alfredo Carvalho, Carlos Graça e Amandio Oliveira. Numa arrecadação, nas traseiras, encontravam-se o subgerente, João Santos Cavaco Gonçalves, outro funcionário, Joaquim Neves Anjos, e um guarda da P. S. P.

Ao balcão, uma senhora e quatro homens (um dos quais era o gerente da Pastelaria Silvia) esperavam ser atendidos.

— *Isto é um assalto e não é a brincar* — disse o estranho bem vestido da Piscina do Areeiro.

Seguros de si, os assaltantes colocaram pequenos sacos de pano nas cabeças dos circunstantes. Dois destes, Manuel Barbosa Oliveira (caixa) e Manuel Antão da Silva (gerente da Silvia) ficaram com as mãos atadas com uma forte ligadura.

Seguidamente, um dos assaltantes obrigou o gerente a conduzi-lo até ao cofre, do qual retirou 2180 contos em dinheiro português e estrangeiro.

Consumado o assalto, os quatro indivíduos retiraram-se, segundo algumas testemunhas, num carro de cor escura.

Foi então que o subgerente que se encontrava armado, veio para a rua e disparou contra um automóvel que alguém lhe indicou como suspeito. Era tarde — até porque os ocupantes do veículo nada tinham a ver com o caso. Aliás, um deles, oficial da Marinha, queixou-se já á Polícia contra os disparos de que foi vítima.

A unica pistola que poderia ter feito frente aos assaltantes, a do guarda ali em serviço, foi imediatamente posta fora de jogo. O subgerente (que, como dissemos, se encontrava armado) não tentou a enfrentar os assaltantes com medo de que possíveis represálias viessem a afectar gravemente os seus colegas.

Vários acontecimentos que poderiam ter alterado o curso da manobra (e já relatados nos matutinos) foram favoráveis aos assaltantes, devido, em parte, ao sangue-frio demonstrado pelos quatro desconhecidos.

Cadastrados?

Voltando novamente ao chefe da Piscina do Areeiro, há a dizer ainda que os dois indivíduos aciganados «*tinham um aspecto terrível, barba por fazer, pareciam mesmo cadastrados*».

Ninguéb (como dissemos) os conhece na zona, devendo tratar-se de indivíduos «*vindos de longe*».

— *Sai da Judiciária ás três da madrugada* — disse-nos Américo Abreu. *A história que lhe conto, de sexta-feira passada, também foi ouvida pelos agentes.*

Quatro bolas brancas na Piscina do Areeiro culminaram no assalto e roubo da agência do Banco Pinto de Magalhães da Avenida de Roma. Agora — a polícia actua em todas as direcções, estando de piquete no aeroporto de vigilancia aos aviões que levantam voo para toda a parte.

QUEDA E MORTE DE UM ARRAIS NA ROCHA CONDE DE ÓBIDOS

O arrais de uma fragata morreu esta manhã afogado, junto ao navio «Novo Redondo», da Companhia Nacional de Navegação, que se encontrava atracado ao cais da Rocha do Conde de Óbidos. O marítimo descia a escada do portaló daquela unidade da Marinha Mercante quando esta se afastou, provocando-lhe desequilíbrio, queda e uma pancada na cabeça que o fez submergir rápidamente.

O sr. Joaquim Lopes Cabedal, de 51 anos, casado com a sr.ª D. Joaquina Lopes, pai de uma jovem de 20 anos, natural da freguesia de Pego (Abrantes), era arrais da fragata «Káto» (L-2604), que estava encostada ao «Novo Redondo», a receber carga deste. Cerca das 9 horas o arrais Cabedal subiu a bordo do navio para tratar da folha de carga. Descia a escada do portaló, com a folha na mão, quando se deu o acidente. Este, segundo nos disseram, deveu-se ao facto de estarem a ser experimentados os motores do «Novo Redondo» e á aguagem provocada por uma embarcação que passou perto.

O navio afastou-se subitamente do cais e o movimento da escada do portaló fez desequilibrar o marítimo, que bateu com a cabeça no casco. Segundo alguns, o arrais, antes de submergir para ficar enterrado no lodo, ainda tentou dar algumas braçadas, mas perdeu os sentidos.

A «Káto» pertence ao sr. António Nunes Côdea e o arrais tinha seguro de vida, trabalhando naquela embarcação desde Outubro. A familia vive em Abrantes.

A falta de defesas impediu a rápida acção dos homens-rãs

Os homens-rãs da 1.ª Companhia do B. S. B. chegaram minutos depois de o acidente se ter registado (9 e 15), mas, infelizmente, para ficarem de braços cruzados. Entre o cais e o navio não existiam defesas de borracha: qualquer homem-rã que descesse, corria o risco de ficar esmagado. A escada do portaló do «Novo Redondo», por outro lado, não possuia qualquer rede de protecção, como é uso ver-se nos dos navios estrangeiros, segundo nos disseram. Só quando foram postas as defesas, eram 10 e 35, um homem-rã do B. S. B. pôde descer, e, poucos minutos mais tarde, o corpo do arrais era içado com o auxílio de um guindaste. Segundo alguém nos disse, o facto de o «Novo Redondo» não ter defesas foi factor impeditivo para que alguém se lançasse á água, numa tentativa para salvar o sr. Joaquim Cabedal. Quem o fizesse corria o risco de ficar esmagado entre o cais e o casco do navio.

MINIQUADRILHA CONDENADA POR ASSALTOS E ROUBOS

PORTO, 22. — Em tribunal colectivo, a que presidiu o corregedor sr. dr. Góis Pinheiro, foram julgados, no 2.º Juízo Criminal: José Ferreira, o «Zé Pisca», casado, ajudante de motorista, residente na Rua das Luzes, 12 em Gaia, e à revelia, por se encontrar ausente em parte incerta, Eduardo Hermínio da Conceição Silva, casado, de 31, viajante, morador na Rua Cabo Borges, 98, 3.º, também em Gaia. Juntamente com Armando de Jesus Teixeira, entregue ao Foro Militar, assaltaram o estabelecimento da firma Jorge Manuel & Crespo, Ltd.ª, da Rua de Santo Ildefonso, partindo a montra e levando objectos no valor de 8080$00. Assaltaram, ainda, uma pensão na mesma rua de onde roubaram 1220$00.

Foram condenados: o primeiro em dois anos e 10 dias de prisão maior e 280 dias de multa a 30$00 por dia e o segundo, em dois anos e 9 meses de prisão maior e 190 dias de multa. Cada um foi ainda condenado a pagar 2200$00 de imposto de justiça.

Condenado por passar um cheque em branco

Foi julgado, à revelia, no 2.º Juízo Correccional, presidido pelo juiz sr. dr. Gomes dos Santos, o francês Pierre Lemasson, de 27 anos, de profissão desconhecida, que estava hospedado no Hotel do Porto e, no dia 20 de Novembro do ano passado, com uma senhora que o acompanhava, foi a um cabeleireiro da Praça da Batalha, onde pagou os serviços prestados à senhora com um cheque de 300$00 que não tinha cobertura.

Foi condenado em seis meses de prisão remíveis a 30$00 por dia, 880$00 de imposto de justiça e 400$00 de indemnização.

CONDECORAÇÕES BRASILEIRAS

Ao fim da tarde de hoje, na Embaixada do Brasil (Rua da Emenda, 53), o prof. Luís António da Gama e Silva e o gen. Alfredo Souto Malan, chefe do Estado-Maior do Exército Brasileiro imporão a várias autoridades militares portuguesas importantes condecorações do Exército do Brasil.

A REFORMA AGRÁRIA NO PERU PREJUDICADA PELA AUSÊNCIA DE PARTICIPAÇÃO POPULAR

LIMA — A reforma agrária decretada pelo Governo peruano, em Junho de 1969, e considerada uma das mais ambiciosas da América Latina, de há dez anos para cá, entrou numa fase crítica de consolidação, pelo que tem de enfrentar sérios problemas socio-económicos, nos grandes latifúndios expropriados no litoral norte

A intenção do Governo é expropriar todas as grandes «haciendas», até 1975. Se se levar em conta o ritmo da reforma, desde o início da sua aplicação, pode pensar-se, com justeza, que aquele objectivo será atingido. Estabeleceram-se novos «cooperativas» de produção, nos complexos agro-industriais do litoral e nos latifúndios semi-explorados das terras altas andinas. Mas as «cooperativas» são tão estreitamente controladas pela burocracia da reforma agrária e o «aparelho» de segurança do Exército, que a maior parte delas se tornarão autênticas «herdades do Estado», durante os 25 anos em que devem ser pagos bónus de expropriação aos antigos proprietários.

Por NORMAN GALL

(Exclusivo «Le Monde» - «D. L.»)

A nomeação para o lugar de ministro da Agricultura do general Enrique Valdez Angulo, chefe dos serviços de segurança do Exército, constitui evidente sinal das crescentes preocupações do Governo quanto ás «falhas» da administração da reforma agrária e aos conflitos que se têm verificado entre os trabalhadores agrícolas e os funcionários das cooperativas.

O próprio presidente da República, general Velasco Alvarado, manifestou, em público, uma certa inquietação, ao declarar: «Muitos funcionários, de todos os graus hierárquicos, se mostram insensíveis ás modificações provocadas pela revolução. Não compreendem que o Peru entrou uma nova era, comportando-se, muitos deles, como sabotadores da revolução.»

Ao comentar uma greve que tinha deflagrado num complexo agro-industrial da costa, o semanário «Oiga» escrevia, na mesma altura: «O facto deste movimento de protesto ter tido lugar numa «hacienda» entregue aos trabalhadores demonstra a existência de uma confusão profunda e perigosa...»

É, no entanto, necessário reconhecer que a reforma provocou relativamente escassas desordens, decorridos já dois anos sobre a sua entrada em vigor. A mesma não causou o desmantelamento da economia peruana. Uma das razões invocadas para explicar o aumento, em 1970, da produção de açúcar (tendo em conta o fim de um período de seca que durou dois anos) é a estreita supervisão do funcionamento das «haciendas» por coronéis nelas colocados, oficiais esses que prestam directamente contas ao general Valdez Angulo.

Neste contexto, é significativa a greve que teve, recentemente lugar na «hacienda» de Cayalti. Aqui, como noutros pontos o Governo tentou destruir as antigas estruturas sindicais, controlados pela A. P. R. A. (Aliança para a Revolução Americana de Haya de la Torre), inimiga hereditária das forças armadas. As autoridades determinaram que, daí em diante, os trabalhadores deveriam dirigir-se, directamente, á direcção das «cooperativas» e não aos dirigentes sindicais. Por outro lado, os estatutos da «cooperativa» estipulam que qualquer pessoa que tenha exercido funções directivas nos sindicatos ou partidos políticos, existentes antes de 1968 não pode fazer parte dos órgãos de direcção da «cooperativa».

Em Cayalti, os trabalhadores cerraram fileiras atrás dos antigos dirigentes sindicais, impugnado o argumento oficial de que «os sindicatos já não são necessários, pois que as «haciendas» pertencem agora ás cooperativas de trabalhadores». A greve deflagrou quando Antenor Vasquez, novo secretário eleito pelos trabalhadores sindicalizados, foi expulso da «cooperativa». Segundo Antenor Vasquez, «a cooperativa está ainda em gestação, enquanto o sindicato tem uma longa história na área». E acrescentou: «É isto o que defendemos, em primeiro lugar. Se os trabalhadores decidiram pôr-se em greve, isso prova que não têm a sensação de deterem, realmente, o poder de dirigir a cooperativa. Os nossos trabalhadores nem sempre são capazes de discutir com funcionários saídos das Universidades. Não temos competência para sermos dirigentes. Mas os nossos filhos hão-de tê-la...»

A greve só terminou depois da mediação entre trabalhadores e funcionários, mediação essa orientada por um dos mais importantes coronéis do COAP (Comité dos Conselheiros da Presidência da República). A «velha norma» foi admitida de novo, isto até que «seja promulgado o novo decreto-lei sobre as cooperativas». Mas o jogo do gato e do rato continua, pois é evidente que os autoridades militares não têm a menor intenção de permitir á A. P. R. A. reconquistar as suas posições no seio dos sindicatos. Aliás, foram presos vários membros daquele movimento, sob a alegação de «sabotarem a reforma agrária».

O problema da participação autêntica dos trabalhadores nos novos organismos está, portanto, posto. «Um dos nossos maiores defeitos», reconhece um dos mais brilhantes generais da «nova geração», «é pensar que devemos ser obedecidos sem discussão. Queremos, realmente, transferir o poder para o povo, dar ás massas uma participação no processo revolucionário, mas ainda não descobrimos o modo de aí chegar. Organizar eleições sem, antes disso, ter levado a cabo as reformas de estruturas, sem pôr, realmente, o poder nas mãos dos trabalhadores, por intermédio da reforma agrária e da lei sobre as industrias, acabará por facilitar o regresso á farsa política, tão nossa conhecida, no passado. É no entanto, necessário admitir que um dos nossos principais problemas reside em conceder um papel autêntico ao povo, no processo actualmente em curso.

NOTA do dia

POLÍPTICO ESTIVAL

AGORA NÃO HÁ MAIS senão acreditar na realidade do Verão, presente de improviso, certinho, à tabela, com todos os matadores. Quando já deve estar à vista, espreitavam os vigias lá os longes do horizonte e nada, não se lhe descobriam sinais, a ponto de adiantarem os cépticos, com a sua prudente inquietação, abanando tristemente o nariz, que o Verão deveria ter sido desviado por maus conselhos e que teria ido pedir algures que lhe dessem asilo político. Afinal, por partida, tinha vindo em pèzinhos de lã, e, quando já desesperavam todos os que o deviam esperar, deu um salto e entrou à tabela, numa pirueta atrevida, esta noite, à hora precisa dos astrónomos, com as esplanadas e os arraiais engalanados para o receber com balões de S. João e copos de resfrescos.

Dois dias antes, é certo que já se tinham deixado os guarda-chuvas e outro armamento invernoso no sossego dos cabides, mas as pessoas desciam tranquilamente à vida enroupadas e guarnecidas pelo menos com o seu colete de lã e a sua aspirina para o que desse e viesse, que nunca uma criatura sabe ao certo as linhas com que a cosem. Mas num repente, pumba, foi aquele pulo dos doze centígrados em quarenta e oito horas, quando ao marmanjo, sem ter mais onde se esconder de nós, não ficou outro remédio que não fosse o de se mostrar, feliz e pimpão, impetuoso e provocador. E então era ver no domingo, que era o último de Primavera, a bacanal do mar, a feira da praia (vide Santo Amaro de Oeiras) com os romeiros obrigados a permanecer de pé por não lhes restar palmo de areia onde se pudessem estender.

Do ponto de vista do quotidiano, que poce propiciar a alguns as prosápias de banalidades disfarçadas em tentativas de interpretação sociológica, talvez mais aprimoradamente socio-económica, como se usa muito, pode recolher-se a imagem da cidade inteira movendo-se trepidante pela estrada, cada família a cavalo em quatro rodas ao ritmo certo da gasolina a arder. As segundas-feiras passaram a encontrar nos jornais o espectro sanguinolento dos resultados dessa experiência que se renova e sempre vai crescendo, na expressão das vítimas e da velocidade. E aqui interpõe-se a cautela dos regulamentos. Na amostra ultra-recente do Luxemburgo, a redução drástica para o limite dos 90 quilómetros, limite inultrapassável em qualquer caso e com outros limites mais baixos consoante e conforme, operou uma redução de 25 por cento na estatistica dos desastres.

O nosso Verão, agora já presente e certo, e anca, a bem ou a mal, o suplício dos exames para todas as escolas e ensinos. Já se sabe que é mau, é desagradável, é incómodo para as crianças e para os crescidos, para os professores e para as famílias. A verdade é que, como tristemente se conclui, por mal que seja é o mal necessário, ao menos até mais ver, enquanto não se descobre e se instala outro sistema qualquer de avaliação do trabalho correspondente a um ano. A menos que não haja exames, nem diplomas, nem ttulos, nem cartas de curso, mas simplesmente escolas livres, com um disco a passar as últimas novidades, onde vai quem quer e quem não quiser aprender que não aprenda. Verdade seja que o sistema do disco é o que funciona em muitas escolas, onde todos os anos se ouve invariàvelmente a mesma música. Mas o disco, quem o quer?

O último quadro deste pequeno painel estival é o do inabitual funcionamento da Assembleia Nacional, onde o calor das discussões não careceu dele mas acertou com o calor do calendário. O tema em debate nesta ocasião, a revisão do estatuto constitucional, é evidentemente importante em si mesmo e haveria por qualquer modo de interessar, ainda que a discussão decorresse molemente. Mas não é assim. Até mesmo sendo certo, como parece, que estão à vista as conclusões, que a todos se nos afiguram já concertadas e seguras pelas regras da aritmética, não se pode deixar de tirar o chapéu ao esforço empreendido por alguns deputados que se apresentaram com a lição estudada e sabida, a um nível de preparação e estudo significativo do propósito de bem desempenhar o seu papel. Será uma nota que fica na história parlamentar do actual regime.

FIL 71

ALIMENTAÇÃO E BEBIDAS INDÚSTRIAS A DESENVOLVER

O sector de alimentação e bebidas, com a forte diversificação que o caracteriza, está sugestivamente representado na XII Feira Internacional de Lisboa. As respectivas actividades, com um valor médio de produção mais elevado — superior a 20 000 contos anuais por fábrica — são as seguintes: moagem do trigo, refinação de açucar, margarina, fermentos e leveduras e cerveja.

Apresentando industrias caracterizadamente de consumo interno e de outras com forte presença nos mercados exteriores, o sector patenteia vários rumos de actividade com largas possibilidades de expansão além fronteiras, a médio ou longo prazo: chocolates e cacau, produtos de confeitaria; produção e refinação de azeite e outros óleos alimentares; fermentos e leveduras; amidos, féculas, dextrinas e produtos afins; e cerveja, bem como as importantes produções de vinhos e conservas.

Mas, além dos produtos de tão grande variedade, a FIL apresenta uma ampla representação de equipamentos relacionados com este sector.

JORNADA DO BRASIL
HORÁRIO: Hoje: das 17 às 24 horas
Amanhã: das 17 às 24 horas
ENCERRAMENTO
ENTRADA: 5$00

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

PRATICANTES PARA MONTADORES DE OFFSET

Precisam-se de preferência com experiência de montagem nas agências publicitárias, ou com frequência em cursos da especialidade nas Escolas Profissionais.

Resposta a este jornal ao n.º 841.

GRANDE OPORTUNIDADE
FÉRIAS NO BRASIL
VISITE O STAND Firestone

★ novo casino estoril ★

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

LES ♡ CHERIES
VEDETAS FRANCESAS DO "MUSIC-HALL" MUNDIAL

PALERMO and PHILLIPS
MARIEMA
ORIGINAIS MALABARISTAS

BENTYBER DANCERS

com
claudette walker · lindsay dolan
Beatnicks ★ JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

DESIREE DESIR
SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
maiores de 17 anos
NO WONDER BAR A 1,0H maiores de 21 anos
TELEFONE 264521

novo casino estoril ★

em três um é de mais
(STRESS ES TRES, TRES)
Uma obra-prima de um dos maiores realizadores da actualidade
com
CARLOS SAURA

FERNANDO CEBRIAN

GERALDINE CHAPLIN

JUAN LUIS GALIARDO
fotografia LUIS CUADRANO
produção ELIAS QUEREJETA
Distribuição: FILMITALUS
ADULTOS
AMANHÃ ESTREIA
estúdio cinco

CML – Estufa Fria
HOJE, ÀS 21.30 HORAS
BARCA SEM PESCADOR
de ALEJANDRO CASONA
pela
COMPANHIA DE TEATRO POPULAR
Empresa Augusto de Figueiredo
Direcção e ensaios de António Manuel Couto Viana
com Beatriz de Almeida, Alina Vaz, Fernando Figueiredo, Leonor Poeira, Assis Pacheco, Joaquim Miranda, Andrade e Silva, Vladimiro Franklim, Alberto Inácio, Igor Sampayo e Augusto de Figueiredo
Bilhetes a 10$00, 15$00 e 20$00—Venda na Praça dos Restauradores das 18 às 20 horas, e na Estufa Fria à hora do espectáculo
(MAIORES DE 12 ANOS)

ELIZABETH
A CÉLEBRE CANÇONETISTA BRASILEIRA PASSA POR LISBOA DIA 24 ÀS 11,30 H. E PARTE PARA LUANDA E LOURENÇO MARQUES ÀS 14 H. ONDE ACTUARÁ DURANTE DEZ DIAS O SEU ÚLTIMO SUCESSO EM PORTUGAL E BRASIL É:
«PARA COMEÇO DE ASSUNTO»
DISCO RODA 3071
À VENDA EM TODAS AS DISCOTECAS

«NED KELLY»

TÍTULO ORIGINAL — «Ned Kelly».
REALIZAÇÃO — Tony Richardson, 1970
INTERPRETES — Mick Jagger, Allen Bickford, Geoff Silmour,
ESTREIA — Cinema S. Jorge (17.6.1971).

Depois da reposição de «Tom Jones», um clássico do *Free Cinema*, eis que se estreia «Ned Kelly», ultimo trabalho de Tony Richardson. «Tom Jones» data de 1963, «Ned Kelly» é de 1970. Entre ambos os títulos, Richardson dirigiu cinco obras que desconhecemos ainda e que, juntas a outras duas anteriores a 1963, nos permitem dizer com inteira justiça que Richardson é um cineasta quase ignorado entre nós. Não vimos «Sanctuary» (60), nem «The Lonchssess of the Long Distant Rumrer» (61); não vimos «The Loved One» (65), «Mademoiselle» (66), «The Sailor of Gibraltar» (66), nem «Laughter in the Dark» (69), «Paixão Proibida» (59), «O Comediante» (60) e «Uma Gota de Mel» (52) foram os filmes que nos possibilitam uma vaga ideia do cinema de Richardson. Seria, parece-nos, uma boa altura para proceder á exibição de todos esses filmes em Portugal, tratando-se, como se julga tratar, de obras particularmente importantes no panorama do actual cinema inglês. Não seria também má ideia repor algumas das mais significativas películas do *Free Cinema* (um «Sábado á Noite, Domingo de Manhã», um «Jogador Profissional», uma «Paixão Proibida», um «Jovem Mentiroso», etc.).

Posto isto, regressemos a «Ned Kelly», o mesmo é dizer que recuamos até meados do séc. XIX. Na Austrália, então em pleno dominio colonialista britanico, a prepotência das autoridades agrava-se, sobretudo em relação a alguns colonos irlandeses. Ned Kelly é um deles. Preso por roubar cavalos, cumpre pesada pena. Ao sair da prisão jura não mais ali regressar. A perseguição, porém, intensifica-se. Um pequeno incidente lança-o em fuga. Da fuga rápidamente se passa á guerrilha. Não a guerrilha politicamente assumida. Mas uma guerrilha que tem por causa a injustiça social e resvala para um nacionalismo romantico (muito século XIX).

Depois, á boa maneira dos grandes rebeldes e dos salteadores por quem o povo nutre simpatia, Ned Kelly é preso e enforcado e com ele todo o «gang» familiar. Daí ao mito vai o percurso simples de uma balada. Ned Kelly passa á lenda, os contornos da figura esbatem-se e, recortado na história, fica sómente o vulto envolto na bruma. Tony Richardson pretendeu despir a personagem dessa névoa, desmontar o mecanismo popular que faz de um homem um mito. Mais pretendeu ainda que foi equilibrar a lenda e a história, ora oferecendo a balada, ora situando a figura num espaço e num tempo determinados. Nesta pretensão demasiado ousada, falhou um tanto. Já porque o tema lhe não permitia a distanciação que um «Tom Jones» possibilitou, já porque os processos se mostraram mais académicos e convencionais, não descurando até certas facilidades plásticas (como seja, por exemplo, as silhuetas dos cavalos ao pôr-do-sol).

Apesar de tudo, tendo em conta elementos pró e contra, «Ned Kelly» é um filme a ver. E ouvir, pela qualidade musical das canções «folk» que inclui Como protagonista Mike Jagger, um dos componentes dos «Rolling Stones». Também ele contribuiu, em grande parte, para a entronização do mito Ned Kelly.

LAURO ANTÓNIO

INÉDITO!...
TEMPORADA DE VERÃO
TEATRO ABC
T. 366745
COMÉDIA
A SENHORA MINHA TIA
de LABICHE
IVONE, BREYNER, ANABELA, HORTA, ESPADINHA
ESTREIA DENTRO DE DIAS
ADULTOS

MARIA VITÓRIA
M. 17 anos
* A revista «Cala-te, boca!...» sai de cena em pleno êxito, por compromissos tomados com alguns teatros da província.
Hoje, ás 20,45 e 23 h.
■ ÚLTIMA SEMANA!
■ SÓ ATÉ DOMINGO!
Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, apresentam, em
■ ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
A SENSACIONAL REVISTA
•CALA-TE BOCA!...
UM ÓPTIMO ELENCO, COM:
JOSÉ VIANA
BARROSO LOPES ● DORA LEAL
ANGELA RIBEIRO ● JÚLIA BABO
A contora linca
SUZETE DINIZ
e no «compère»
OCTÁVIO DE MATOS
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA E DE UM ESPECTACULAR «BALLET» INTERNACIONAL

SUZETE DINIZ na «Butterfly»

NOS E Costan ®
EQUIPAMENTOS FRIGORÍFICOS
SOMOS GARANTIA DE SERVIÇO E QUALIDADE
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS: J.J.GONÇALVES, SUCRS.C.I.S.A.R.L.
VISITE O NOSSO STAND NA FIL/71

A FEIRA POPULAR DE LISBOA
A FAVOR DA COLÓNIA BALNEAR INFANTIL DE «O SÉCULO»
APRESENTA, A PAR DE DIVERSÕES E DA FEIRA INTERNACIONAL DE AMOSTRAS, OS MAIS ATRAENTES ASPECTOS
ALI HÁ DE TUDO: BOA MESA — MÚSICA MELODIOSA — LUZ A JORROS — PAVILHÕES E «STANDS» DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA — CONFEITARIAS — FARTURAS E VINHOS DE TODAS AS REGIÕES
— ABERTURA AS 19 HORAS —

A renovação do Politeama

Bastante renovado, reabre depois de amanhã o Politeama, que já em 1969 passara por grandes transformações. Desta feita, são de notar as melhorias na pintura (em tons mais suaves), no maior potencial da distribuição de luz e no funcionamento da cabina (com notório reflexo na valorização da projecção). Também a instalação de ar condicionado foi modernizada.

A abrir esta nova fase do Politeama teremos a estreia da comédia «A rapariga do autocarro», realização de Jack Maley Junior com Kim Darby e Glenn Campbell nos principais papéis.

«MURIEL» NA CLÁSSICA DO IMPÉRIO

Jean Cocteau definiu «*Muriel*» como «uma obra prima terrível». «*Muriel*» é um enorme «puzzle» humano, porque, querendo caracterizar e criticar um determinado tipo de sociedade e o ambiente por ele gerado, os seus autores descentralizaram a acção do filme repartindo-a pelas diversas personagens que nela intervêm. A Bienal de Veneza atribuiria a actriz Delphine Seyrig o prémio da melhor interpretação e a Alain Resnais o Prémio da Crítica Internacional para o melhor realizador.

EMOCIONANTE! EXPLOSIVO! DESTRUIDOR!

FOI A ARMA SECRETA DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA

ZEPPELIN

COM **MICHAEL YORK**
ELKE SOMMER

RUPERT DAVIES · ALEXANDRA STEWART
PETER CARSTEN · MARIUS GORING
ANTON DIFFRING · ANDREW KEIR

PANAVISION TECHNICOLOR

Produtor Executivo J. RONALD GETTY
Argumento de: ARTHUR ROWE e DONALD CHURCHILL
Da obra de: OWEN CRUMP · Produção: OWEN CRUMP
Realização de: ETIENNE PERIER

PANAVISION® TECHNICOLOR

M/ 12 ANOS

EXCLUS. ASTÓRIA FILMES

HOJE — EMOCIONANTE ESTREIA ÀS 21,30 NO MONUMENTAL

TEATRO GIL VICENTE
Telefone 280919
CASCAIS

TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS
A Torre da princesa de Borgonha
de WITOLD GOMBROWICZ

HOJE
e todas as noites
às 22 horas
Domingo «matinée», 16 h.

Patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
Subsídios do Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian

ATENÇÃO: Não é permitida a entrada depois do espectáculo começar. Intervalo entre o 3.º e o 4.º acto.

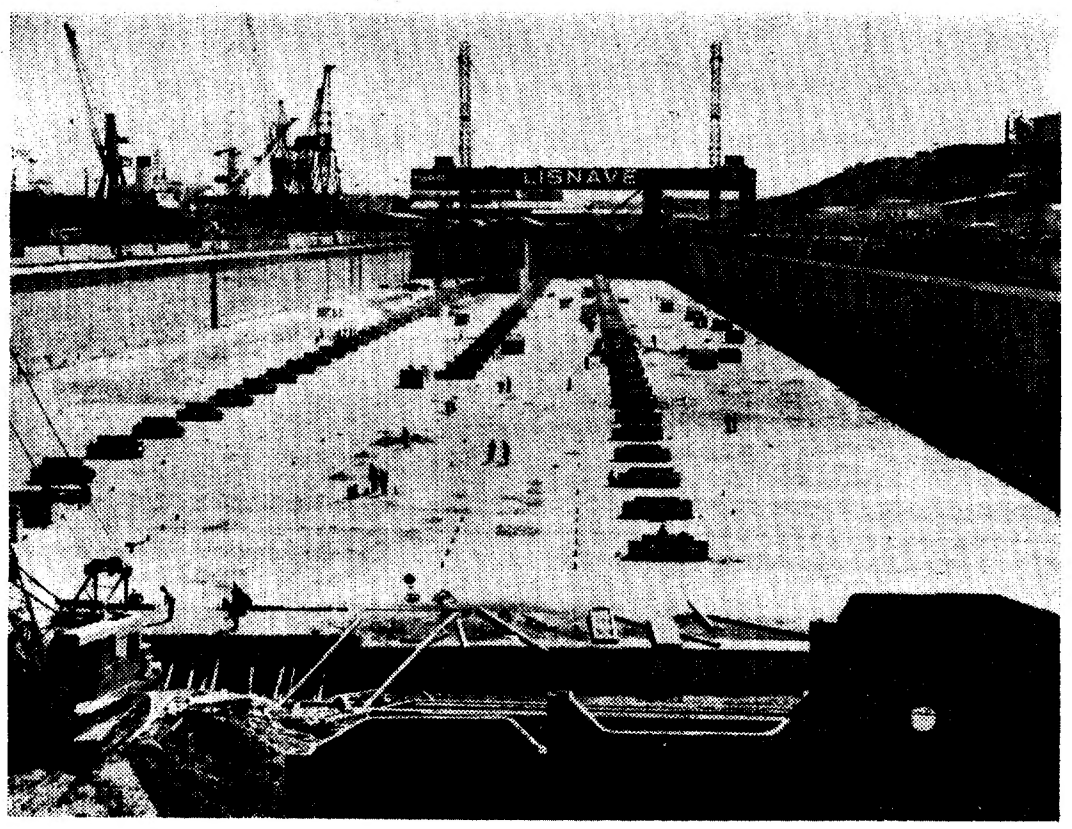
ADULTOS

SINTRA ESCOLHA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

SOMAGUE — SOCIEDADE DE EMPREITADAS SOMAGUE, S. A. R. L.

RUA CARLOS TESTA — LISBOA-1

Empreiteiro geral da construção da Doca Seca «ALFREDO DA SILVA» para a LISNAVE



ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA - OUTUBRO 1969

INAUGURAÇÃO DA DOCA - JUNHO 1971

PRAZO DE EXECUÇÃO 20 MESES

A EXPOSIÇÃO FEIRA AGRO-71 FOI HOJE INAUGURADA EM BRAGA

BRAGA, 22 — No início de uma visita de quatro dias ao Minho, o secretário de Estado da Agricultura inaugurou hoje, ao princípio da tarde, em representação do Chefe do Estado a Feira Agro-Pecuária de Braga (Exposição Feira Agro-71).

O eng. Vasco Leónidas chegou cerca das 11 e 30 ao limite do distrito onde foi recebido pelas autoridades locais. Depois do almoço, presidiu á cerimónia da inauguração da Feira, no Parque da Ponte.

No uso da palavra, o secretário da Agricultura referiu-se ás características da região, tendo afirmado:

— «*Na exploração agrícola sempre foram reduzidos os equipamentos de transporte e de mobilização do solo, todos de produção artesanal, e a energia de tracção ficava garantida por numerosos efectivos pecuários ligados á função trabalho os círculos comerciais nasciam e morriam nas feiras da região, tudo conduzindo á autosuficiência da agricultura que não dinamizava sequer os sectores industrial e dos serviços*».

Acrescentou:

«*Tal condicionalismo não poderia manter-se a partir do momento em que a economia nacional cresceu, diversificando-se, e, assim, tais estruturas começaram a ser abaladas pela força irresistível de novas necessidades que romperam o círculo de economia fechada em que se moviam*».

E ainda:

«*Não admira portanto que, na ausência da criação dinâmica de outras actividades diferentes da agricultura em espaços menos evoluídos da região do Noroeste, a emigração se instalasse como processo de escape das pressões mais vivas, no sentido da promoção social das populações e da sua participação activa em economias periféricas de espaços nacionais e estrangeiros, um crescimento*».

O CHEFE DO ESTADO VISITOU A F. I. L.

O Chefe do Estado deslocou-se hoje à Feira Internacional de Lisboa, em visita de carácter particular. Acompanhavam-no os srs. dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio, e eng. Torres Campos, director-geral dos Serviços Industriais e director interino do I.N.I.I. Durante a visita o sr. almirante Américo Thomaz foi acompanhado pelo dr. Cortez Pinto, presidente honorário da A. I. P. e presidente da F. I. L.; eng. Carlos Alves, presidente da A. I. P.; e dr. Mário Neves, vice-presidente e comissário-geral da F. I. L.

O sr. almirante Américo Thomaz que, na altura da inauguração, no dia 9, visitara já o certame, percorreu hoje novamente as instalações, demorando-se por instantes em cada pavilhão onde lhe foram prestadas várias informações.

INAUGURAÇÃO DA DOCA «ALFREDO DA SILVA»

DIA 23 DE JUNHO DE 1971

A LISNAVE tem o prazer de oferecer aos Exmos. Convidados um serviço especial de transporte, a funcionar na Praça do Império, junto ao Mosteiro dos Jerónimos, das 15 às 16,15 horas.

Dispõe também de um serviço de dois autocarros no Centro Sul de Almada, das 15 às 16,15 horas, para todos os convidados da margem Sul do Tejo.

Para comodidade dos Exmos. Convidados, pede-se o favor de utilizarem estes sistemas de transporte, devido a dificuldades de parqueamento no ESTALEIRO DA MARGUEIRA.

Regresso a Lisboa assegurado a partir das 18,30 horas, com intervalos de 15 minutos.

Manhã na praça

ALFACES A 5$00!

Chegou o calor e, simultaneamente, subiram os preços das alfaces. Alfaces a 5$00 cada!

Poderíamos aqui tecer uma série de lamentações e considerações acerca do aumento do custo de vida, da angústia da dona de casa, que vê o porta-moedas a esvasiar-se e o saco das compras quase vazio, com almoço certo á hora habitual, mas não vale a pena.

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo dos alhos a 50$00 e dos alhos novos, a 50$00; das favas, a 3$50; do feijão verde, a 6$00 e 7$00; das cenouras, a 3$00 e 3$50; dos pimentos, a 50$00 e 52$; do tomate, a 9$00 e 10$; do pepino, a 13$00; da ervilha de grão, a 5$50 e 6$00; da azeitona, a 8$40, 9$00, 10$00, 12$00 e 20$; do tremoço, a 4$00; da batata, a 1$70, e da cebola, a 2$00.

O molho dos espinafres estava a 12$00; dos grelos, a 10$00; da beterraba, a 5$00 e 7$00; da nabiça, a 6$00; dos rabanetes, a 3$50; dos agriões, a 1$50; a couve portuguesa a 1$00 e 2$50; o coração, a 4$50; a couve-flor, a 5$00; a lombarda, a 5$00, 7$50 e 12$50; o nabo, a $50 e 1$50, e a alface, a 4$00 e 5$00.

PEIXE

O quilo da pescada branca vendia-se a 40$00, 48$00, 50$00 e 59$00; do cachucho, a 32$00; do pargo, a 27$50 e 49$00; do cherne, a 34$00; do linguado, a 55$00 e 68$; do nero, a 16$60; dos rabos de pargo, a 17$20; do robalinho, a 38$00; do carapau, a 14$40 e 18$; da sardinha, a 14$00; das lulas, a 38$00; da pescada negra, a 27$00; da palma, a 18$00; da corvina, a 22$40; da sarda, a 8$90; das ovas, a 50$00; da marmota, a 28$60 e 34$00; das cartas, a 34$; do safio, a 11$00 e 28$; das azevias, a 52$00; do chicharro, a 7$90; da pescadinha, a 27$00; da faneca, a 23$00; dos chocos, a 28$00; do polvo, a 18$; da dourada, a 15$50; da garoupa, a 36$00; do gorás, a 27$00; dos filetes de pescada congelada, a 29$70; da pescada congelada, a 16$00, e da Tainha, a 12$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A duzia dos ovos apresentava a seguinte tabela: 12$20, 12$50, 14$20, 15$00 e 15$60.

O quilo do coelho limpo estava a 40$00 e vivo, a 28$00; do frango limpo do campo, a 34$00 e vivo, a 25$00; do frango limpo do aviário, a 25$00 e vivo, a 21$00.

FRUTAS

O quilo das peras vendia-se a 12$00; dos morangos, a 19$50 e 26$00; do pero «golden», a 20$; da laranja, a 11$20; dos alperces, a 13$00; das bananas, a 11$70 e 13$00; do ananás, a 35$00; dos pêssegos, a 15$60, 20$00 e 24$50; da maçã reineta, a 22$00; da ameixa, a 6$50 e 9$00; da cereja, a 16$90, e das nêsperas, a 15$60.

DONA DE CASA

O CASO DOS CADETES AFOGADOS EM MAFRA

Vai ser revisto o plano de instrução

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas distribuiu a seguinte comunicação, referente ao desastre em que morreram afogados quatro instruendos do C. O. M.:

«1. Foi entregue, no Ministério do Exército, em 18 do corrente, o inquérito mandado levantar para esclarecimento do desastre numa das lagoas da Tapada de Mafra, ocorrido no passado dia 4, durante a instrução do 1.º ciclo do Curso de Oficiais Milicianos. O inquérito foi realizado pelo brigadeiro 2.º comandante da Região Militar de Lisboa.

Foram ouvidos os comandante e 2.º comandante da Escola Prática de Infantaria, os comandantes do batalhão e da companhia de instrução, o comandante do pelotão que realizava o exercício, alferes Azevedo Sobral, e seis dos soldados cadetes do pelotão.

2. As conclusões do inquérito foram as seguintes:

1.ª É tradicional no curso de oficiais milicianos, durante os diferentes exercícios que realizam para se adestrarem para operações militares, os instruendos passarem por uma das lagoas da Tapada embora entrando e saindo pela mesma margem, quando a água está funda no meio e não permite a travessia; assim procedeu, por exemplo, o pelotão que, minutos antes do acidente, passou pela mesma lagoa.

2.ª Era intenção do comandante do pelotão, alferes Azevedo Sobral, proceder do mesmo modo com os seus instruendos, tanto mais que vários não sabiam nadar, mas consentiu que alguns, mais desembaraçados e afoitos, tentassem, por entusiasmo de momento, fazer a nado a travessia completa da lagoa, muito cheia de água por motivo das ultimas chuvas.

3.ª Devido ao volume da água e ás plantas aquáticas existentes na lagoa, os primeiros quizeram efectuar a travessia entraram em dificuldade e em pânico, sendo alguns salvos de perecer afogados, pelo próprio comandante do pelotão, que também entrou na lagoa, e por alguns dos instruendos. Quatro, no entanto, perderam a vida.

4.ª Não foi ordenada pelo comandante do pelotão nem por qualquer dos responsáveis dos escalões superiores a travessia da lagoa.

Em resultado destas conclusões do inquérito, e enquanto segue seus trâmites o auto de corpo de delito mandado levantar ao alferes Azevedo Sobral, o ministro do Exército ordenou a revisão da instrução na Escola Prática de Infantaria, por forma a acabarem-se tradições que podem tornar-se perigosas, embora sem prejuizo da dureza da instrução, absolutamente necessária para desembaraçar os instruendos, que chegam á corporação militar, na maioria dos casos, sem qualquer grau de educação física apreciável, e que é do seu próprio interesse possuir».

MODELO Supermercados

GRANDE QUINZENA DA CARNE DE PORCO
em todos os MODELO SUPERMERCADOS

COSTELETAS DE PORCO	45$00 - 50$00
CARNE DE PORCO LIMPA	49$80 - 55$00
TOUCINHO ENTREMEADO	23$80 - 28$00
CABEÇA DE PORCO	14$00 - 18$00

Chamamos a atenção para a nossa Secção de PEIXE FRESCO, diàriamente recebido das lotas de SESIMBRA, PENICHE, SETÚBAL e COSTA DA CAPARICA, e vendido em condições unicas de frescura, qualidade e higiene.

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

UMA PLANTA COM FORTES PROPRIEDADES SONÍFERAS

Agora o que tenho de mais importante para lhes dizer é que acabou mais uma emissão do Canal 13. Para algumas pessoas, isto não terá grande importância: lavam daí as mãos, passam adiante. Eu, porém, sou um crédulo, um timorato. Estava no palco, em exibição de pesadelo, o Glenn Júnior, torcia-se, retorcia-me, rebentava-me os tímpanos com as estridências da musiqueira, estilhaçava-me a paciência com o insuportável fôlego, era de endoidecer, ah, tivesse eu á mão o telefone dos Bombeiros Voluntários de Sintra e pediria socorro em grande urgência, e só pensava isto nunca mais acaba, vamos ficar com isto até á consumação dos séculos. ..

A nota dominante deste «Canal 13» foi isso mesmo: o fôlego. O fôlego e não a alma. A frieza do olhar que se contenta com as paisagens agrestes que recusam a vida até ás plantas violentas. Tiremos para fora do lote Maria Helena Tavares e a sua experiência teatral, insuficientemente exposta e com o senão de traduzir em palavras a mímica dos seus alunos retirando-lhes, assim, a melhor oportunidade de verificarem, no contacto do público, a eficácia da linguagem; tiremos a presença do bombeiro voluntário que, aconteça o que acontecer, é sempre um bombeiro e quem não respeita os bombeiros, no fogo ou na televisão, não é alma bem formada. E o que nos fica?

Fica-nos uma orquestra típica (porquê típica?) numerosa e diligente a interpretar melodias sem interessar seja quem for. Alcobaça possui, decerto, outras mais convincentes atracções. Na falta delas, mandava ao «Canal 13» uma cestada de pêssegos e eu lhes garanto: no meio de tanta pessegada seria o maior êxito.

Não. Ninguém acredita que os homens, os rapazes, as raparigas da Orquestra Típica possam dar por bem empregados os sacrifícios das horas, dos lazeres e dos prazeres que arrasta a sua presença nos ensaios e nos espectáculos — e no fim só haver para apresentar, em sessão de luxo para milhões de espectadores aquela indigência em verso e música da marcha de S. Martinho ou aquela versão desgraciosa do *Josézito já te tenho dito*.

Fica-nos uma Florência a cantar, como já ninguém canta, fados e marchas que dormem o sono dos injustos. A fadista está longe, no tempo, é como se viesse de estranhos mundos e desembarcasse vestida com exóticos, ridículos fatos. E porquê «Florência nome de artista», como sloganizou Ana Maria Lucas? Mistério.

Fica-nos um ventriloquo, José Freixo, que tem ainda muito a aprender na sua profissão mas cujo mal maior de momento, é a ausência de um repertório de qualidade. Aquelas anedotas já não podem ouvir-se nem mesmo na boca dos patos.

Apresentado como «o único ventríloquo que existe em Portugal» (o que é verdadeiramente de estranhar) José Freixo teve o condão de interessar a plateia dorminhona e apática do ABC, principalmente o público infantil, maravilhado como sempre. Pois maravilhem-se, meninos, enquanto é tempo, enquanto são crianças. Quando forem adultos compreenderão que não são assim tão raros os homens que falam pela barriga.

Fica-nos um Paco Bandeira que desde a sua aparição no «Curto Circuito» não teve ocasião de enriquecer substancialmente os seus processos e o seu repertório. A sua qualidade como intérprete e como autor situa-se na cota zero. A sua apresentação ao público da televisão representa um passo atrás na divulgação da música ligeira portuguesa.

Confrangem certas produções como aquela em que nos diz que

a mulher é como um livro
antes de se folhear.

Aí se diz que «um livro», um seu livro amado, chamado Inês, agora «tem por dono um outro ser», mas esse tal livro

não se esqueça jamais
que fui o primeiro que o li...

E outras laboseiras do género. Se as mulheres merecem a Paco Bandeira estes mimos em versos mal engarrafados, o Alentejo não está mais bem entregue:

Eu nasci no Alentejo
à beira do Guadiana
Sinto orgulho quando vejo
a paisagem alentejana

Ao primarismo das palavras acrescenta-se o primarismo da melodia. Paco Bandeira por

(Continua na 22.ª página)

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Às 6: Noticiário; 6 e 05: Programa da Juventude; 7 e 30: Estante: «As Aventuras do sr. Pickwick», por Odette de Saint-Maurice; 8 e 05: O Convidado de Hoje, Leonard Cohen; 8 e 20: Espectáculo — Cinema, por Videira Santos; 8 e 40: Encontro ao fim da tarde, com os Beach Boys; 9 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário Sonoro, 20 e 20: Interlúdio; 20 e 30: 10.º Episódio do Fôlhetim «Duas Vidas — Um Destino», 20 e 50: O saxofonista: Bud Shank; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir?; 22 e 55: Viagem ao Passado, por Judite Navarro, 22 e 50: Vamos ouvir... Artur Garcia; 22 e 30: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 23 e 05. A vida e a mulher; 23 e 30: Eles contam para si; 24: Fecho

2.º Programa metropolitano — Às 6: Uma obra... Duas interpretações; 7 e 15. Curiosidades musicais: 7 e 45: Semana Mozart em Salzburgo; 8 e 20: Valsa concerto n.º , em ré maior; 8 e 30: Gravações históricas; 9: Dança e Ballet pelo dr António Pinto Machado; 9 e 30: Rádio Educativa (Auditório Juvenil): 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O violista Narciso Yepes — Suite d'Hommages (Asencio): 20 e 30: «I Musici»; 21 A Sociedade Coral, dirigida por Rudolf Lamy — Cinco Madrigais (Luca Marenzio); 21 e 20: Tempo literário: 21 e 45: Recital pelo pianista Canzio Bucciarelli: 22: A Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida por Anthony Collins — Capricho Italiano op. 45 (Peter Ilich Tchaikovsky) 22 e 55: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco: 22 e 45: A Orquestra Filarmónica de Belgrado, dirigida pelo maestro Gilka Zdravkovitch; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

Programa Estereofónica — MF 2 — Às 21: Andy Williams; 21 e 15. Guitarradas de Coimbra; 21 e 25: Los 3 sudamericanos; 21 e 35: James Last Band; 21 e 45: Conjuntos ligeiros; 22 e 15: Temas de Amor..., pela Orquestra Robert Mann; 22 e 30: Canconetas; 23: Música Sinfónica, a Sinfonia n.º 29, em lá maior k. 201, de Mozart, em duas interpretações; 23 e 50: Música de câmara, Noneto (SPHOR), por sete elementos da Orquestra Filarmónica de Berlim, com Paul Meisen, flauta e Karl Steins, oboé; 0 e 25: Aberturas; 1: Junção com o 1.º programa, e fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: A orquestra de ..; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas, 21 e 03: Terça-feira à tarde; 21 e 32: Impasto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande Rádio, 0 e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

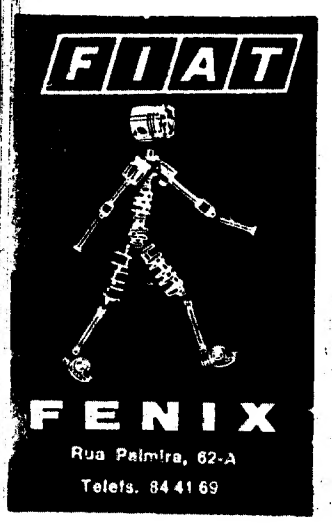
Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa, 19 e 04: Vértice; 21 e 02. Boa noite em FM; 22 e 02: Programa à Gá-gá; 0 e 02: Em órbita-dois; e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estúdio 64; 20: Genérico; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O Arputo da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Canções da Europa; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Mensagem do Evangelho; 23 e 18: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página 1; 20 e 58: Meditando; 21: Parâmetro; 21 e 30: Variedades; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora

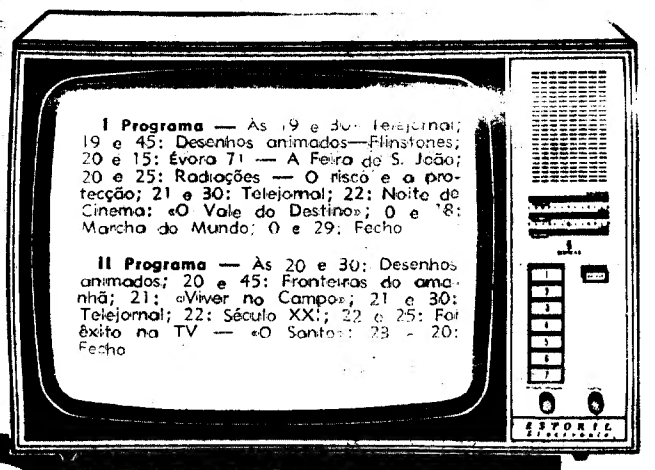
Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Quarto de hora infantil; 18 e 03: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Grande Plano; 19 e 30: Página um; 21: Modo de ler; 21 e 15: Música portuguesa; 22: Variedades; 23: A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e das 19 e 30 às 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 às 14 e 30 e das 17 às 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 às 10 e das 14 e 30 às 17; **Rádio Graça** — Das 10 às 12 e das 22 às 2



TV dia a dia

HOJE PODE VER



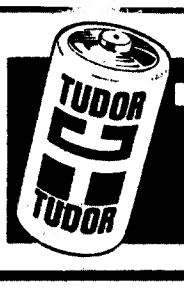
SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular — Magazine feminino; 13 e 15: Filme de série — «Júlia»; 13 e 45: Telejornal — 1.ª edição; 14: Documentário — Os Cristos de Borba; 14 e 15: Logo à noite — Cartaz dos programas da noite.

2.º período — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: TV Juvenil — Conversas diversas, um programa de Maria Alberta Menéres. «Os Jovens e a Musica». Rubrica musical de Leonor Leitão Cadete. Coordenação de Maria do Sameiro Souto. 20 e 15: Vamos jogar no Totobola; 20 e 25: Verso e reverso; 21 e 30: Telejornal; 22: Frente a frente: Henrique Santana; 22 e 30: «A Família Forsyte»; 23 e 35: Marcha do mundo — Serviço informativo; 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: Desenhos animados; 20 e 45: Cartade Espanha — Ritmos telegráficos; 21: Filme de série — «Julia»; 21 e 30: Telejornal; 22: Documentário de viagens; 22 e 25: Concerto para jovens; 23 e 25: Fecho.



AS RELAÇÕES ECONÓMICAS COM O BRASIL COMEÇARAM HOJE A SER DEBATIDAS NUM COLÓQUIO ORGANIZADO PELO BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

Nas instalações da Feira Internacional de Lisboa começaram esta manhã os trabalhos relativos ao colóquio promovido e organizado pelo Banco Português do Atlântico, em colaboração com a União dos Bancos Brasileiros, para estudo e discussão das relações económicas com o Brasil.

A presente iniciativa daquela instituição de crédito portuguesa, a 5.ª do género, insere-se num ciclo programado com larga antecedência e que tem por objectivo estudar exaustivamente e recomendar soluções para os diversos aspectos que caracterizam o condicionalismo das nossas relações comerciais com os mercados externos.

Com esse intuito, aliás, o Banco Português do Atlântico tem vindo a editar diversas brochuras visando divulgar o resultado dos inquéritos prèviamente elaborados e a análise dos vários mercados com os quais têm sido levados a efeito realizações de natureza deste «V Encontro — Relações Económicas com o Brasil».

A fim de participar neste colóquio e imprimir uma mais viva autenticidade e actualidade técnica aos trabalhos, o B P. A. e a União de Bancos Brasileiros promoveram a vinda ao nosso País de reputados técnicos do país irmão em assuntos económico-financeiros.

Na sessão desta manhã o dr. Vasco Vieira de Almeida, administrador do B. P A., falou sobre a «Evolução e perspectivas das relações económicas luso-brasileiras» e o sr. prof dr. Gonçalves de Proença fez uma desenvolvida e bem documentada exposição acerca das «Perspectivas da economia angolana».

A anteceder o debate, o sr. eng.º João Carlos Sobral Meireles, presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico — que presidiu aos trabalhos — dirigindo-se ao embaixador do Brasil, prof. Gama e Silva, proferiu um discurso em que analisou as relações entre os dois países e circunscreveu os objectivos do colóquio que ia ter começo.

As palavras do sr, eng.º João Carlos Sobral Meireles

Começou por afirmar o sr. eng.º João Meireles, depois de saudar o embaixador do Brasil:

«Sem desdouro para os meus compatriotas, pois estou certo que às minhas palavras se associam, gostaria de destacar, numa saudação particularmente cordial, os participantes que do Brasil especialmente se deslocaram a Portugal e de entre estes, os ilustres conferencistas que nos honraram com a aceitação do convite para pessoalmente virem até junto de nós e nos exporem os mais relevantes aspectos da apaixonante e pujante realidade brasileira de hoje». E prosseguiu: «Foi este, com efeito, o caminho que nos pareceu mais idóneo para a abordagem das matérias que constituem a substância deste colóquio: proporcionar a apresentação e a descrição do portentoso fenómeno de crescimento, da expansão, do florescimento económico e financeiro do Brasil, pois que — doloroso mas forçoso nos é reconhecê-lo — a maioria dos portugueses não possui uma noção exacta do Brasil actual... e decerto a recíproca também será verdadeira.»

«Não entrarei na análise desta situação, por descabida nestas breves palavras: mas direi que, se este facto é paradoxal — porquanto, se a algum povo estamos indissolùvelmente ligados, é ao brasileiro — ele se compreende talvez e... precisamente em razão desses laços».

Mais adiante, procurando explicar a reciprocidade de atitudes dos dois povos que acabara de traçar, acentuou: «Estamos tão íntimamente ligados ao Brasil, a nação irmã é a tal ponto o prolongamento da nossa História e da nossa afectividade — numa palavra: *de nós próprios* —, que damos por certa a continuidade de um perfeito conhecimento, o qual, na verdade, já nem sempre temos.»

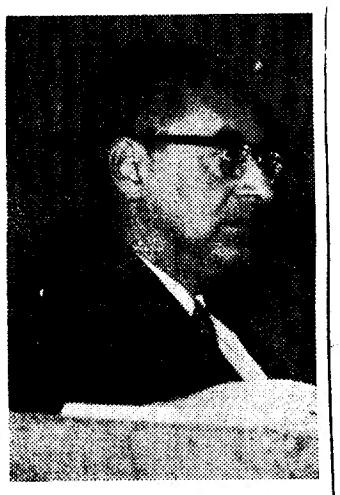
A necessidade de uma tarefa de renovação a um propósito bem firmado dos dois povos e dos seus governantes

Passou o eng. João Meireles a referir-se ao que designou por «Tarefa de actualização de conhecimento mútuo» entre os dois povos, nos seguintes termos: «Esta necessidade é mais do que o resultado de uma experiência individual — aquela que todos nós, portugueses ou brasileiros, sentimos quando nos deslocamos ao país irmão — é um propósito bem firmado dos dois povos e dos seus governantes, pois não se pode apagar da nossa memória nem o significado da visita do nosso Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, ao Brasil, nem o significado das palavras com que há menos de uma semana, numa das suas conversas com o País, ele se voltou a referir à necessária comunhão dos nossos interesses, nem ainda o significado positivo da recentíssima presença entre nós do prof Delfim Neto, ilustre ministro da Fazenda do Brasil.

Pois, para esse melhor conhecimento indispensável, esperamos que dêem um útil contributo estas *jornadas de trabalho*. É nossa intenção repeti-las dentro de poucos meses, em terras do Brasil: e aí, inversamente, competir-nos-á a apresentação e a explicação, em pormenor, do interesse real e potencial que actualmente Portugal metropolitano e ultramarino apresenta para os nossos patrícios.»

Isso levou o Banco Português do Atlântico a celebrar com a União dos Bancos Brasileiros um acordo de participação, representação e cooperação que simultâneamente simbolizasse esse espírito e exercesse essa função. Mais de 100 milhões de súbditos lusíadas passaram a dispor no Brasil, em Portugal metropolitano e ultramarino, de mais de 600 agências e dependências. Os serviços dos três Bancos servem assim, indistintamente, os interesses concretos da Comunidade.

Não é só a nós, porém, mas também — e principalmente — a V. Exas que neste colóquio cabe definir concretamente a cooperação possível entre Portugal e o Brasil. Nós podemos apresentar, enunciar, sugerir — e muito honrados nos sentimos ao fazê-lo, sabendo que desta forma estamos a procurar contribuir para a afirmação e engrandecimento da presença dos povos de língua portuguesa no mundo. Mas é a V. Exas., participantes neste encontro, que é ao mesmo tempo a celebração da velha amizade que pretendemos ajudar a rejuvenescer e uma reunião de trabalho que queremos positiva e profícua — é a V. Exas., dizia, que a partir desta altura entregamos o encargo da descoberta de novos caminhos.»



O eng.º João Carlos Sobral Meireles, presidente do conselho de administração do Banco Português do Atlântico

As palavras do embaixador do Brasil

Usou em seguida da palavra o prof. Gama e Silva, embaixador do Brasil, que num breve e eloquente improviso agradeceu as palavras que lhe tinham sido dirigidas, congratulou-se pelo significado que o «V Encontro — Relações Económicas com o Brasil» encerra nas relações entre os dois países irmãos e reiterou a sua confiança no esforço dos dois povos no sentido de revitalizarem e robustecerem laços que, embora sedimentados pela força da tradição comum, não podiam dispensar renovado contributo de iniciativas com as do Banco Português do Atlantico e União de Bancos Brasileiros — a animá-los.

A comunicação do dr. Vasco Vieira de Almeida

Entrando-se na ordem dos trabalhos, o dr. Vasco Vieira de Almeida, administrador do Banco Português do Atlantico, falou da «Evolução e perspectivas das relações económicas Luso-Brasileiras», tema a que deu largo desenvolvimento.

A comunicação do prof. Gonçalves de Proença sobre a economia angolana

O ultimo orador da sessão da manhã foi o prof. dr. Gonçalves de Proença, vice-presidente do Banco Comercial de Angola, que, falando das «Perspectivas da economia angolana», começou por pôr a questão: «que poderá Angola oferecer ao Brasil e o que poderá o Brasil oferecer a Angola no plano económico? É nosso desejo que ao finalizar este encontro tenhamos, não a resposta, mas o ponto de partida para essa resposta. Se isso se conseguir, teremos alcançado um objectivo importante».

O orador deteve-se na apreciação dos principais sectores da economia Angolana: a agricultura e as industrias extractivas, acentuando o facto de, com a expansão daquelas industrias as produções agrícolas não cheguem, actualmente, a representar 50 por cento das exportações.

E reportando-se áquele sector industrial: «A produção mineira conheceu, a partir de 1968, uma expansão considerável devido á exploração dos ricos jazigos de minário de ferro da Cassinga e do petróleo de Cabinda. Em consequência, a taxa anual de crescimento do valor da produção subiu vertiginosamente: de 11 por cento em 1960-69 para 35,5 por cento no quinquénio seguinte. Destinando-se fundamentalmente á exportação, os produtos das industras extractivas aumentaram assim rápidamente o seu peso nas vendas para o exterior da província, passando de 20 por cento em 1966 para 45 por cento em 1970».

Mereceu também atenta análise por parte do prof. Gonçalves de Proença o problema do investimento na industria transformadora, cujos numeros triplicaram entre 1963 e 1967.

Os trabalhos prosseguem á tarde com uma comunicação do dr. Marcílio Marques Moreira, administrador-conselheiro da União de Bancos Brasileiros, que fará uma exposição sobre «O mercado financeiro brasileiro», referindo-se em especial á estrutura do mercado financeiro, bancos de investimentos e financeiros, letras com cláusulas de correcção monetária e medidas tomadas para incentivar o mercado primário e secundário de títulos».

Amanhã, com início ás 10 horas, prosseguem as sessões com trabalhos dos dr. Francisco Neves Dornelles, sobre «Características fundamentais do regime tributário brasileiro», e dr. Oscar Augusto de Camargo, acerca das «Objectivos da complementação industrial»

As festas populares de Paço de Arcos prosseguem amanhã

Com assinalado êxito, estão a decorrer as festas dos Santos Populares, no Bairro Comendador Joaquim Matias, numa organização do Clube Desportivo de Paço de Arcos e da Associação dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos, com o patrocínio de J. Pimenta, S. A. R. L.

Para amanhã, o programa compreende, ás 21 e 45, em recinto fechado, um espectáculo de variedades, realizado pelos «Parodiantes de Lisboa» que para o efeito convidaram, entre outros, os seguintes artistas: Hugo Maia de Loureiro, Paulo de Carvalho, Duo Orfeu, Paco Bandeira, Renato Figueirinhas, Maria Helena Silva, Suzy Paula, José Cheta, Luís Romão, Carlos Areias, Maria Dilar, Corina e João Capela Locutores: Fernando Almeida, Paulo Cardoso, Alfredo Alvela e Carlos Albuquerque. Dá ainda a sua colaboração o conjunto musical de Pedro Osório. Estará presente o programa PBX, dos Parodiantes de Lisboa.

Às 23 horas, num percurso de cerca de 3000 metros, efectuar-se-á a corrida pedestre «Noite de S. João», destinada a atletas populares não filiados, para o que foram instituídos numerosos prémios.

O programa terminará com lançamento de vistoso fogo de artifício.

AFOGADA NUM POÇO

Deu entrada no Instituto de Medicina Legal, por ter sido encontrada morta no fundo de um poço, Idalina da Conceição Rafael, de 23 anos, residente no Cabeço de Montachique.

PORTUGAL PALPITA NOS CORAÇÕES DOS HOMENS DE ALÉM-MAR

— afirmou o deputado por Angola Fernando de Sá Viana Rebelo

Os artigos da Proposta de Lei n.º 14/X (Revisão da Constituição) referentes ao Ultramar foram defendidos hoje na Assembleia Nacional pelo deputado Fernando de Sá Viana Rebelo, de Angola. Segunlo afirmou, os referidos artigos *«conseguem o que se pretende, isto é, «leis votadas pelos seus órgãos legislativos, governo privativo que assegure a marcha corrente da administração publica, finanças provinciais que permitam custear as despesas locais com as receitas localmente cobradas segundo o orçamento elaborado e aprovado pela sua assembleia electiva»*

O deputado Sá Viana Rebelo falou na sessão da manhã, no período da ordem do dia. Antes dele, tinham usado da palavra os deputados Ávila d'Azevedo e Cunha Araújo e, depois, falaram os deputados Linhares de Andrade e Moura Ramos.

Na sua breve intervenção o deputado Sá Viana Rebelo depois de salientar que *«Portugal palpita nos corações dos homens de além mar, com a mesma veemência do que aqui, na Europa»*, afirmou: *«Mas também possuímos uma forte vontade de, sem abandonarmos os rumos gerais(...) maior autonomia poltico-administrativa, de maior capacidade de governação, pois, não afirmo só nós, mas principalmente nós, julgamos saber o que mais convém ao Ultramar para a sua vivência, para o seu progresso e até para o fraterno estreitamento de relações com Portugal europeu»*. E ainda: *«O homem do Ultramar é tão português como o do Minho ou Alentejo (...) Não poderá, portanto, sem se sentir ancilisado, pensar em ser práticamente administrado de longe por departamentos estatais tantas vezes orientado por pessoas que de Angola pouco sabem ou porque jamais viveram os seus anseios (...)»*.

BOM APETITE

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima. 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES
AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I
(Maiores de 5 anos)

restaurante arameiro
LISBOA
Restauradores
RIA
Trav. S. Antão, 21
PREMIO DO S. N. I.

VIRIATO
SNACK-BAR
RESTAURANTE
CERVEJARIA
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

(Sala na cave)
Restaurante breque
A deliciosa cozinha Portuguesa ao seu dispor em ambiente seleccionado com música de fundo estereofónica
Domingo: PERNA DE CABRITO A PADEIRO e ENSOPADO DE ENGUIAS
Encerrado aos Sábados
Rua Buenos Aires, 28-B e 28-D —— Telefs. 677006 - 679993

O diadema para as princesas «Teen-Agers» uma obra de arte de H. Stern-Joalheiros

A sr.ª D. Germaine Terville de Castro, directora de H. Stern Joalheiros em Portugal, fez ontem a entrega, ao «Diário de Lisboa», do diadema que irá coroar as Princesas Portuguesa e Mundial das «Teen-Agers»-1971, nos próximos dias 3 e 10 de Julho.

O diadema, de prata lavrada portuguesa antiga e pedras preciosas brasileiras, é mais uma autêntica obra de arte produzida por H. Stern e ficará a pertencer á organização do concurso das «Teen-Agers» em Portugal, que o utilizará em todas as eleições nos anos futuros.

Em nome do «Diário de Lisboa» esteve a receber o diadema a esposa do nosso director, sr.ª D. Madalena Ruella Ramos, que, para o efeito, se deslocou á loja de H. Stern do Hotel Ritz, onde foi recebida pela direcção daquela firma internacional.

H. Stern-Joalheiros e uma organização brasileira que se projecta no mundo inteiro. Nascida do esforço e da visão de um jovem que soube valorizar o imenso potencial de pedras e metais preciosos desse Brasil também imenso, através de um trabalho fecundo e honesto, H. Stern-Joalheiros tornou-se rápidamente na maior organização joalheira do Brasil.

Hoje, as instalações das suas casas principais no Rio de Janeiro e em São Paulo ocupam 15 pavimentos e oferecem ao visitante o espectáculo fascinante do «nascimento» de uma jóia através de todas as fases de produção. Todo o território brasileiro está práticamente coberto pelas suas cerca de 170 filiais.

No estrangeiro H. Stern-Joalheiros possui também um largo numero de filiais em todas as grandes capitais do mundo, além de lojas a bordo dos principais e mais importantes transatlanticos de luxo.

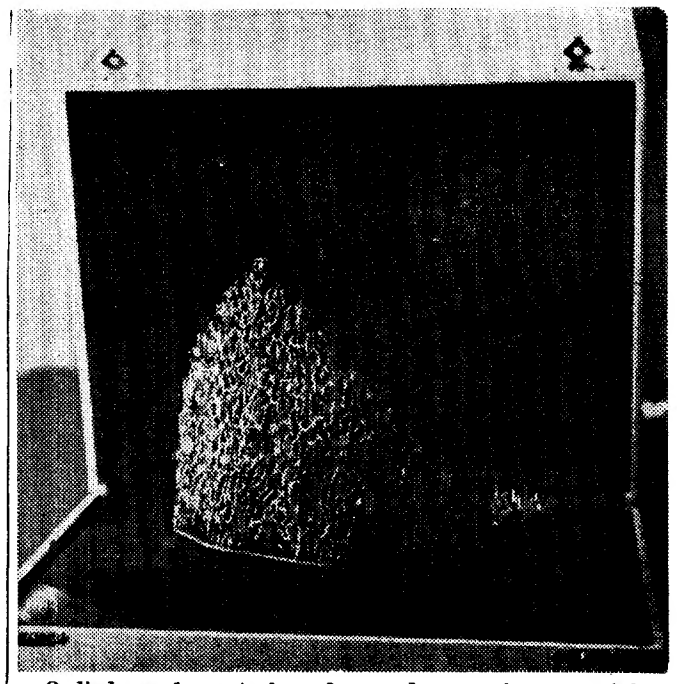
H. STERN EM PORTUGAL

Aliando a beleza das pedras preciosas brasileiras á perfeição, tradição e bom gosto dos artistas ourives portugueses, H. Stern tem hoje montada em Portugal uma organização, cuja sede funciona no Hotel Ritz, em Lisboa, e com filiais no Hotel Alvor-Praia e Hotel Jupiter, no Algarve, e no Aeroporto de Lisboa, nos voos domésticos.

H. Stern Portugal é, pois, uma organização portuguesa que importa de H. Stern Brasil todas as pedras que são utilizadas nas jóias, quer elas sejam modernas (imaginadas pela equipa de desenhadores do Rio de Janeiro), quer sejam reproduções de jóias antigas executadas com a mesma habilidade e requinte que fizeram o renome da joalharia portuguesa.

Esta é, em resumo, a história de H. Stern, uma das empresas que se associou ao «Diário de Lisboa» para dar mais brilho aos Concursos Nacional e Mundial das «Teen-Agers»-1971.

O diadema com que desfilarão as Princesas das «Teen-Agers» é, realmente, uma obra de arte saida das oficinas de H. Stern Portugal, bem digna das tradições da joalharia portuguesa, das pedras brasileiras e do prestígio mundial de H. Stern.



O diadema de prata lavrada e pedras preciosas que irá coroar, daqui para o futuro, as Princesas das «Teen-Agers»

Princesa das «Teen-Agers» Portuguesas 1971

PRÉMIOS

PARA A 1.ª:
- Viagem a Londres e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de Produtos REVLON);
- Viagem a Paris e estadia de 3 dias para 2 pessoas (oferta do Centro de Estética Feminina — Academia Internacional de Estética);
- Gama completa de produtos Lyncée;
- Gama completa de produtos Revlon.

PARA A 2.ª:
- Viagem a Palma de Maiorca e estadia de 7 dias para 2 pessoas (oferta de VIAGENS APOLO).

PARA TODAS AS FINALISTAS:
- Abertura de uma conta depósito à ordem no valor de 1500$00 (mil e quinhentos escudos) no CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS (oferta do Crédito Predial Português);
- Um rádio GRUNDIG modelo «Élite Boy 209» com alimentador Grundig modelo TM 12 (oferta da Nacional Rádio SARL);
- Hot-pants e túnica em DRALON (oferta da Bayer Portugal SARL);
- Um corte de DRALON IMPRIME e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Bayer Portugal, SARL);
- Um corte de tecido RIOPELE e 500 escudos para o feitio do vestido (oferta da Riopele);
- Um curso de manequim (oferta da Escola de Manequins JUNO);
- Produtos REVLON da linha NATURAL WONDER (oferta de Estabelecimentos Jerónimo Martins);
- Produtos LYNCÉE da linha TENDRE KID (oferta de M. L. Sousa e Silva, Lda.);
- Produtos BRECK (oferta da Intermarca, Lda. — Grupo S. N. S.);
- Perfumes e produtos ENGLISH LEATHER (oferta de Intermarca, Lda. — Grupo S. N. S.).
- Botas altas (oferta da Sapataria Bola de Prata).

PRÉMIO BAYER DE ELEGÂNCIA:
- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em DRALON IMPRIME.

PRÉMIO RIOPELE DE ELEGÂNCIA:
- Uma jóia para a finalista que apresentar o melhor vestido em tecido RIOPELE.

uma iniciativa do DL

COM O PATROCÍNIO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA DIRECÇÃO-GERAL DO TURISMO E JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL

E A COLABORAÇÃO DE:

PRINCESA DAS «TEEN-AGERS» PORTUGUESAS 1971

Bayer Portugal
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (Produtos REVLON)
Centro de Estética Feminina
Viagens Apolo
Crédito Predial Português
Intermarca — Grupo S. N. S. (Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Riopele
Nacional Rádio (Rádios GRUNDIG)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCÉE)
Escola de Manequins JUNO
H. Stern Joalheiros
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)
Sapataria BOLA DE PRATA

PRINCESA MUNDIAL DAS «TEEN-AGERS» 1971

Bayer Portugal
Intermarca — Grupo S. N. S. (Produtos BRECK e ENGLISH LEATHER)
Tróia-Mar
Agfa-Gevaert
Crédito Predial Português
Claras Turismo
Estabelecimentos Jerónimo Martins & Filho (Produtos REVLON)
M. L. Sousa e Silva (Produtos LYNCÉE)
Lusolanda (Automóveis AUDI-NSU)
H. Stern Joalheiros
Restaurante Folclore
Sapataria BOLA DE PRATA

[redacted] o fado e o folclore — restaurantes típicos [redacted]

VIELA

Cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo, 60$00 ✲ Rua das Taipas 14 ✲ Tel. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Ana Rosmaninho. Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo, 90$00 ✲ Beco dos Curtumes, 10 ✲ Tel. 860816.**

TIMPANAS

Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. min., 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 676655 e 672431.**

ADEGA MESQUITA

Cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias» 107 ✲ Telef. 328307 ✲ Encerra aos domingos**

[redacted] restaurantes, bares, «boites» e «dancings» [redacted]

CASINO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521 - 264526-264596-264621-264946.**

ADAGGIO

A presença de JOSÉ LETRIA Pop — Saul e Undergraung ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra. Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef. 775695.**

TAMILA

Marão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69 — Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.**

CLUBE ANDALUZ

Bolte com atracções espanholas ✲ Musica constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telef. 667264.

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar, Almoços e Jantares e serviço de Bar permanente, **Rua S. Tomé, 86, A B C — ALFAMA — LISBOA — Tel. 86633.**

D. QUIXOTE — Bar-Bolte

com Carlos Villaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Telef. 367136 ✲ Encerra ás 3 horas.**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerra aos domingos.

a furna
música gravada
ceias até as 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BATACLAM

BAR DISCOTECA

Rua Ramalho Ortigão, 39-A Telef. 560430

BAR: Aberto das 19.00 ás 3.30 h.
DISC.: Aberto das 22.00 ás 3.30 h.
NOITES DE PARIS EM LISBOA
ENCERRADO AOS DOMINGOS

LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA»

AINDA UMA SEMANA PARA ENVIAR OS CUPÕES

O magnífico automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares, e o complemento do fabuloso primeiro prémio desta segunda fase da iniciativa: um confortável apartamento mobilado, em Paço de Arcos

(Continuação da 1.ª página)

centro urbano do Bairro Comendador Joaquim Matias, em Paço de Arcos e muitas viagens pelo mundo serão proporcionados a leitores do nosso jornal, pelo simples facto de terem remetido, devidamente preenchido o cupão-duplo de identificação. Claro: quem o não fêz está ainda a tempo de poder tomar parte na iniciativa e habilitar-se portanto a óptimos prémios.

Com a colaboração das companhias de aviação Varig, Canadian Pacific e SAS, leitores do nosso jornal contemplados no segundo sorteio da iniciativa vão ter oportunidade de conhecer o Rio de Janeiro e a espectacular praia de Copacabana; Toronto e Montreal (e as famosas Cataratas do Niagara), a Escandinávia, com escala em Copenhague, Estocolmo e Oslo, e ainda Paris, Londres, Roma e Franckfurt. Mais se esclarece que as viagens são duplas e, portanto, cada premiado pode deslocar-se com um acompanhante (familiar ou amigo) beneficiando ambos de uma estadia de oito dias.

Estes são alguns dos prémios que reservamos para os leitores que se dicidirem a participar nesta grande iniciativa que tem despertado o entusiasmo de muitos milhares de pessoas espalhados por todos os pontos do país.

Pode ainda habilitar-se a estes prémios, remetendo, uma única vez, devidamente preenchido, o cupão-duplo que continuamos a publicar. Deve preenchê-lo com letra bem legível, enviando-o para os nossos serviços: Rua Castilho, 185-1.º-Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00. Dentro de dias, receberá o cartão que o identifica como leitor do «Diário de Lisboa» e o número que o habilitará ao sorteio. Nada mais é necessário. Apenas, se for premiado em sorteio, terá de provar ser leitor habitual do nosso jornal. Como? Exibindo a colecção de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» publicados entre 7 de Abril último e 7 de Julho próximo. Recorde-se que o regulamento da iniciativa permite uma margem de faltas de cinco exemplares por cada mês de publicação e que a conferência de «cabeçalhos» será feita por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade onde o premiado resida. Tem ainda oito dias para tomar parte na iniciativa. O prazo para a recepção dos cupões-duplos termina, impreterivelmente, no próximo dia 30.

ATENÇÃO

Não envie o cupão-duplo em sobrescrito aberto. Remeta-o em sobrescrito fechado, com um selo de 1$00.

RESUMO DO REGULAMENTO

— A iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente. O leitor deverá recortar e preencher COM LETRA BEM LEGÍVEL o cupão-duplo que o «Diário de Lisboa» publica e onde inscrevará o seu nome, a morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número do telefone e ainda o agente ou o vendedor a quem adquire regularmente o «Diário de Lisboa».

— Preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185, 1.º Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00 para que lhe seja enviado o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio dos prémios.

— Recebido o cupão-duplo, os leitores ficarão classificados por ordem alfabética e numérica. O cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— O cartão de identidade do Leitor do «Diário de Lisboa» permite-lhe ficar habilitado a qualquer dos prémios já instituídos e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

— O leitor do «Diário de Lisboa» para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual, demonstrando possuir *na sua residência* o número de «cabeçalhos» (*) do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares para cada mês desse período de publicação.

— A verificação dos «cabeçalhos» será efectuada na morada indicada pelo concorrente do cupão-duplo de identificação enviado no dia seguinte após a realização do sorteio, entre as 19 e as 23 horas, sendo realizada por um delegado do «Diário de Lisboa» e por um representante da autoridade policial da localidade respectiva, tendo o leitor (ou quem o represente) que exibir a sua identidade e o número de «cabeçalhos» exigido. No caso de o leitor não ser encontrado nos dois dias seguintes após o da realização do sorteio (ou quem o possa representar dentro deste lapso de tempo), recorrer-se-á aos suplentes apurados para o efeito em sorteio. Abre-se, assim, ao leitor que por qualquer motivo tenha de ausentar-se da morada indicada a possibilidade de se fazer representar e regularizar-se o período durante o qual o leitor tem direito ao prémio.

— No caso de o participante não ter coleccionado o número suficiente de «cabeçalhos», o prémio será atribuído ao suplente apurado no mesmo sorteio desde que este possua o número de «cabeçalhos» determinado, sendo a verificação feita no dia imediato à do premiado. Para cada um dos prémios serão designados quatro suplentes. O prémio será atribuído ao primeiro suplente apurado no mesmo sorteio que satisfaça as condições exigidas sendo a verificação efectuada no dia seguinte após o da exclusão do premiado, compreendendo os dois dias imediatos para o seu encontro (ou de quem o represente), assim se procedendo sucessivamente, em relação aos restantes suplentes.

— O leitor que não tiver tomado parte na primeira fase da iniciativa pode inscrever-se nesta segunda fase até 30 de Junho de 1971, data em que será encerrada a recepção dos cupões-duplos de identificação.

— Fica estabelecido que a partida das viagens que constituem prémios seja feita de Lisboa. Essas viagens envolvem estadia em hotéis de 1.ª classe. O alojamento e a alimentação serão considerados durante oito dias.

(*) Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal de onde consta o título deste e a data de publicação.

ASSINATURAS

Aceitam-se assinaturas do «Diário de Lisboa» pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 meses — 250$00
12 meses — 485$00

Pagamento adiantado em cheque ou selo de correio.

JORNAIS ATRASADOS

Os pedidos de jornais atrasados devem ser sempre acompanhados da respectiva importância em selos, cheque ou vale de correio correspondendo 1$50 por cada jornal solicitado

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

Nº _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(b) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

Nº _____ (a)

NOME _____

MORADA _____

LOCALIDADE _____

TELEFONE (b) _____

PROFISSÃO (b) _____

(b) Tabacaria ou vendedor onde compra o «Diário de Lisboa»

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO — O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automàticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES 22 (A. N. I.) — O Gabinete do Comando-Chefe distribuiu o seguinte comunicado das Forças Armadas:

«Comunicado n.º 9-5/71 do Comando-Chefe das Forças Armadas de Moçambique, 20 de Junho de 1971:

A — *Situação em Cabo Delgado* — Inimigo: em fuga permanente, com numerosas deserções, com diminuição drástica da utilização de minas e engenhos explosivos e com reacções á actuação das nossas forças, em numero decrescente, do tipo flagelação de morteiros, mesmo que a distancia e pouco precisa e, já raramente, do tipo emboscada, mesmo que medrosa e muito curta. Alguns poucos ataques a populações.

«A sua actividade tem sido tão baixa que se admite como possível um seu acréscimo, embora limitado.

Populações fugidas: desmoralizadas e com deficiências alimentares e de vestuário, aumentando o seu antagonismo para com a Frelimo que encontra dificuldades crescentes de «contrôle» e recrutamento.

Populações capturadas, apresentadas e presentes: Estado estacionário geral, com significativas melhorias de nível de vida em alguns aldeamentos. Numerosos oferecimentos para formação de G. E. integrados nas nossas forças em actuação contra a Frelimo.

Nossas forças: Terminadas as operações preliminares da ofensiva da época seca, das séries «Orfeu» (12 operações), «Balão» (3 operações), «Ómega» (3 operações) e «Diversas» (9 operações), lançaram-se nesta ofensiva, com as primeiras operações da série «Badanal» e com a operação «Icaro». Continuam as operações «Entre-rios», «Afluente» e «Jusante» ligadas á construção de estradas asfaltadas.

Iniciou-se a grande operação «Fronteira», de promoção socio-económica da faixa fronteiriça.

B — *Situação no Niassa* — Inimigo: Estacionário, refugiado em locais de grande inacessibilidade, de onde desce para colocação de algumas poucas minas e realização de alguns poucos ataques a populações.

Populações: Estado estacionário geral, com a grande excepção que abrange todo o Niassa Sul e se estende progressivamente para norte e sul e diz respeito á colocação entusiástica das populações em regime de autodefesa. Numerosos oferecimentos para formação de G. E. integrados sequência, aldeada e protegida do inimigo.

«Numerosos oferecimentos para a formação de G. E. integrados nas nossas forças em actuação contra a Frelimo.

Nossas Forças: Terminadas as operações preliminares da ofensiva da época seca, operações da série «Prevenção (97 operações) e operações «Flagelo Negro», «Mascote Negra», «Mascote Azul», «Rajá Negro», «Fidalgo», «Rubi» e «Perseguição», lançaram-se nesta ofensiva, com as operações «Furão» e «Falcão Negro».

Continuam a operação «Hercules» e diversas operações ligadas á construção le estradas asfaltadas.

Continuam, também, várias operações ligadas ao reordenamento das populações.»
nas nossas forças em actuação contra a Frelimo.

«*Nossas Forças:* Terminadas as operações preliminares da ofensiva da época seca, operações «Almofariz», «Amassadela», «Jaguar I» e «Jaguar II», lançaram-se nesta ofensiva, com a vista operação «Jaguar III».

C — *Situação em Tete* — Inimigo: Esforço do inimigo no sentido de obter o apoio das populações, que se reveste frequentemente da forma de terrorismo selectivo, tendente a vencer a resistência destas.

«Algumas outras, muito poucas, acções violentas isoladas em locais tão próximo quanto possível de áreas sensíveis, como são as de Cabora-Bassa e seus acessos, Angónia e região de Tete-Moatize, tendentes á criação de climes emocionais.

Populações: Uma parte, decrescente em numero, desorientada em face da sua relutancia ao aldeamento e da sua consequente exposição ao inimigo. Outra parte, crescente em numero, já mentalizada para o aldeamento e, em consequência, aldeada e protegida do inimigo. Muitos são os oferecimentos para a formação da G. F. integrados nas nossas forças em actuação contra a Frelimo.

Forças portuguesas — Terminadas as operações preliminares da ofensiva da época seca, operações da série «Prevenção» (97 operações) e operações «Fagelo Negro», «Mascote Negra», «Mascote Azul», «Rafá Negro», «Fidalgo», «Rubi» e «Perseguição», lançaram-se nesta ofensiva, com as operações «Furão» e «Falcão Negro». Continuam a operação «Hércules» e diversas operações ligadas á construção de estradas asfaltadas. Continuam também, várias operações ligadas ao reordenamento das populações».

Novo material para os Bombeiros de Coimbra

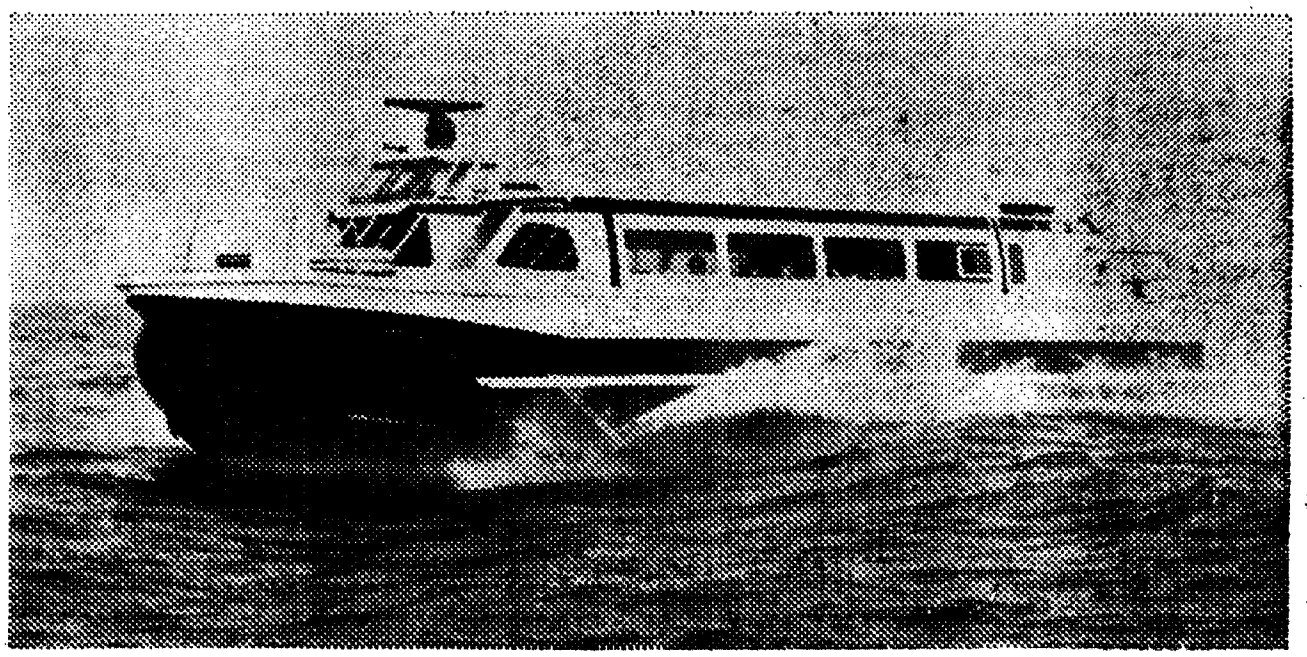
COIMBRA, 21 — Com a presença do sr. António Miranda Veloso, vereador do pelourinho de Incêndios da Câmara Municipal e do sr. tenente António da Silva Brás, comandante do Corpo de Bombeiros Municipais, foram feitas experiências com uma bomba de profundidade, alimentada por um gerador eléctrico.

As experiências deram os melhores resultados, pois foi tirada água à profundidade de 20 metros, alimentando simultâneamente duas agulhetas, na cadência de 270 litros por minuto; 240 litros, à profundidade de 23 metros; 200 litros a 26 metros; e 120 litros a 30 metros.

Em face destes resultados, os Bombeiros Municipais vão adquirir a bomba experimentada, uma vez que já possuem o gerador-eléctrico indispensável ao seu funcionamento, pois a referida bomba, nesta região é de muita utilidade, especialmente para os locais onde os poços são profundos.

Em Julho poderá voar sobre as ondas de Setúbal a Troia em menos de cinco minutos num dos «hovercrafts» das carreiras regulares Sesimbra-Setúbal-Troia.
Visite Troia, conheça o empreendimento turístico que a TORRALTA aí vai promover e utilize o restaurante Troiamar.

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS



A actual revisão constitucional considerada a primeira «liberalizante» num debate efectuado na SEDES

Na sede da Sociedade de Empreendimentos para o Desenvolvimento Económico e Social (SEDES), na Rua do Viriato, 5, 1.º, efectuou-se ontem um debate entre os sócios, sobre «A problemática do desenvolvimento económico e social e da participação na revisão da Constituição».

Os trabalhos foram orientados por uma mesa constituída pelos sócios srs. dr. Mário Campos Pinto, dr. Jorge Miranda e dr. Joaquim Magalhães Mota.

Foi recordado que a Constituição Portuguesa de 1933 constitui um compromisso entre uma reacção antiliberal e o desejo de não quebrar a tradição liberal anterior. Por um lado esta reacção antiliberal traduz-se em normas e em práticas de carácter autoritário e, por outro, sob influência da doutrina social católica e da Constituição alemã de Veimar (modelo do chamado Estado social de Direito), ela permite ultrapassar o individualismo e o liberalismo económico à século XIX. E daí o relevo prestado á família e aos restantes grupos sociais intermédios, o projecto de um regime corporativo e a definição de uma ordem económica e social. As revisões constitucionais operadas durante a vigência desta Constituição desequilibraram este compromisso no sentido mais autoritário e menos liberal.

Revisão «liberalizante»

A actual revisão constitucional quer na proposta do Governo, quer nos projectos dos deputados, foi considerada a primeira de sentido «liberalizante». Com diferença de grau, podem até apontar-se pontos de convergência entre proposta e projectos. Passando á análise dos textos, numa perspectiva da SEDES encontraram-se alguns aspectos de possível interesse para a problemática institucional do desenvolvimento económico e social.

De harmonia com a proposta do Governo virá dizer-se no art. 31.º, n.º 1, precisamente que é objectivo da intervenção geral do Estado na economia «promover o desenvolvimento económico e social do País e de cada uma das parcelas e regiões que o compõem e a justa distribuição dos rendimentos». Em termos basbante latos ficará, pois, consagrada a ideia de correlação entre o desenvolvimento nacional e o desenvolvimento regional, entre o desenvolvimento económico e o progresso social e entre o crescimento da economia e a equitativa repartição dos seus frutos. De notar a fórmula estática actual, em que se fala em «equilíbrio da população, das profissões, dos empregos, do capital e do trabalho».

No art. 33.º propiciar-se-á uma intervenção mais forte e extensa em sectores-chave da vida económica, em «actividades económicas de primacial interesse colectivo». Apesar de evidentes hesitações doutrinais, este o alcance que se depreende da redacção agora apresentada.

O art. 43.º estabelecendo o dever do Estado de procurar assegurar o acesso ao ensino de todos os cidadãos, projecta-se imediatamente no desenvolvimento: este tem por base a educação o que não significa que não haja que prevenir contra a intenção ou a ilusão de pôr a educação ao serviço de um desenvolvimento desumanizante.

Também o projecto Duarte do Amaral se debruça sobre a ordem económica e social. As inovações, que sustenta, são: o dever do Estado de realizar o pleno emprego dos recursos produtivos (art. 31.º, n.º 2), o de fomentar numa maior participação da agricultura no esforço e nos resultados do desenvolvimento (art. 31.º, n.º 3) e o de cooperar no sentido da maior justiça e eficiência das relações económicas internacionais (art. 32.º, *in fine*).

Quanto á participação, no que diz respeito á proposta de lei do Governo, pode ver-se reforço da participação das populações na vida social e política tanto no aumento de autonomia das províncias ultramarinas como no aumento das áreas de matérias reservadas á competência legislativa da Assembleia Nacional.

A autonomia das províncias ultramarinas, tal como a configuraram as primeiras alíneas do art. 135.º («direito de possuir órgãos electivos de governo próprio», «direito de legislar, através de órgãos próprios»), só se pode compreender como expressão de autonomia de todos os cidadãos das províncias ultramarinas, embora o seu exacto conteúdo e alcance dependa do que vier a ser fixado na Lei Orgânica e nos Estatutos dos Territórios Ultramarinos.

A participação dos cidadãos na feitura das leis só é possível, fora do referendo legislativo e iniciativa popular por meio de órgãos representativos em especial de órgãos representativos de debate público entre sectores diversos de opinião: os Parlamentos. Por conseguinte, essa participação há-de ser tanto maior quanto maior for o campo em que eles, e apenas eles, puderam legislar.

No projecto Sá Carneiro são dois os pontos que avultam, neste domínio: o proclamar-se um «direito á informação livre e verídica», sabido que sem informação não existe par-

ticipação, e o regresso á eleição do Presidente da República por sufrágio directo e aproximaria de sufrágio universal.

O direito à emigração

Dos projectos dos deputados, salientou-se mais adiante a modificação sugerida no projecto n.º 6/X para o art. 6.º, n.º 3. Actualmente, consigna-se como fim do Estado «zelar pela melhoria das condições das classes mais desfavorecidas, procurando assegurar-lhes um nível de vida compatível com a dignidade humana». Propõe-se que, em vez disto, se diga simplesmente: «promover o bem-estar social, assegurando a todos os cidadãos um nível de vida de acordo com a dignidade humana». São várias as vantagens da nova formulação: consideração do bem-estar social como um todo, não resignação com a mera melhoria de condições de vida, atenção a todos os portugueses.

O mesmo projecto aceita o direito á emigração (art. 8.º, n.º 1-B) Este direito tem a natureza de uma liberdade: a de deslocação e de saída do território nacional. Mas tem repercussões sociais bem conhecidas: estreitamente ligado ao direito ao trabalho, é meio de realização — á chegada já não á partida — daquela igualdade de oportunidade que a terra natal muitas vezes não sabe dar.

Disse-se ainda que a proposta de lei e o projecto Sá Carneiro pretendem ambos melhorar a tutela dos *direitos fundamentais* — contemplada sobretudo, no art. 8.º — quer no concernente ás liberdades (ou seja, ás manifestações de capacidades pessoais) quer no concernente ás garantias individuais (formas de defesa das liberdades). A proposta, porém, quase só atende as garantias, ao passo que os traços mais originais do projecto se situam no tratamento das liberdades.

Na proposta, alarga-se o direito de defesa á aplicação das medidas de segurança; entende-se a proibição das penas perpétuas ás medidas de segurança privativas ou restritas da liberdade pessoal, isto é, á liberdade de locomoção, e vedam-se também as medidas de segurança ou as penas estabelecidas por tempo ilimitado ou por períodos indefinidamente prorrogáveis, excepto, quanto ás primeiras, se se fundarem em anomalia psíquica e tiverem fim terapêutico; revê-se o regime das condições de privação da liberdade, especialmente através da prisão preventiva; alarga-se o princípio da liberdade, especialmente através da prisão preventiva; alarga-se o princípio da irretroactividade da lei penal, excluindo a aplicação de pena mais grave do que a fixada ao tempo da prática do delito, assegura-se, finalmente, o recurso contencioso de todos os actos administrativos definitivos e executivos que sejam arguidos de ilegalidade.

Em contrapartida, convem observar o que o Governo sugere a propósito de estado de emergência no art. 109.º § 6.º

(Continua na 22.ª página)

O carro mais vendido em Portugal

O aspecto desportivo das suas linhas não é só para disfarçar. O FORD ESCORT tem um motor duma potência e genica que só se encontram nos carros chamados desportivos. FORD ESCORT: o carro familiar mais desportivo, ou o carro desportivo mais familiar. De uma ou outra maneira, é o carro mais económico da sua classe. E muito espaçoso.
Duas ou quatro portas. Ou Station. Nas versões 1100 ou 1300 GT. São todos FORD ESCORT. Todos têm a garra ESCORT.

VENDAS ESCORT - em 1970 - 4058
até Abril 1971 - 1515
(Estatística do G.N.I.M.F.V.A.)

Ford
FORD À FRENTE
À sua disposição nos Concessionários Ford

CIESA-NCK

BRILHANTES
De qualquer tamanho e preço, compramos. Pagamos muito bem.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHARRUA NA SUÍÇA — Uma galeria de Neuchâtel acaba de dedicar espaço e tempo a um dos mais importantes artistas portugueses do momento: António Charrua. Quarenta pinturas e algumas esculturas integram a exposição, que agora segue (com algumas obras já adquiridadas) para Zurique e Berna

O FUTURO DA CAÇA EM PORTUGAL (13)

Mata bem e mata muito o grande caçador que é J. M. B.

— na opinião de um leitor

Inquérito de **ANTÓNIA DE SOUSA**

Continuam a suscitar reacções mais ou menos apaixonadas as cartas que publicámos do sr. dr. João Maria Bravo, director da revista «Caça e Pesca», nas quais o referido senhor, depois de nos acusar de parcialidade, apresenta como unica solução para o futuro da venatória portuguesa a entrega da caça aos donos dos terrenos. A nossa resposta elucidou então o dr. J. M. B. dos motivos porque não ouvimos quem poderia defender o regime de coutadas, ao serviços da exploração comercial, aliás explicados logo no início do inquérito. Fora-nos dito, pela pessoa que contactámos numa firma que aluga portas de caça a 1000$00 cada, que só participaria no nosso inquérito se ele se destinasse a defender sem restrições as coutadas. Outras pessoas — e referimos a identidade de algumas — ou não quiseram dar-nos qualquer depoimento ou adiaram a entrevista.

Nas suas cartas, J. M. B. assume posições controversas e contraditórias. Demonstrámo-lo sem fazer sequer exaustiva análise das suas palavras, tão evidentes eram as contradições.

J. M. B., que não conseguiu apontar no corpo do inquérito dados menos exactos — foram-nos fornecidos por um departamento oficial! — serviu-se de um pretenso lapso (os locais onde abunda a caça) para tentar diminuir todo o contexto ao inquérito que não pudera desmontar.

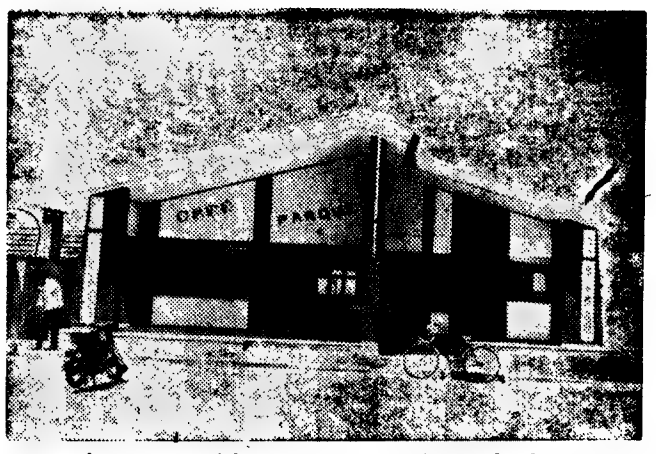
Publicamos hoje uma carta do sr. António Pereira, do casal de Zambujeiro, Óbidos, que assume a nossa defesa para diluir o nosso «*lapso*» no interesse global da campanha a favor da caça. Agradecemos essa defesa, pela boa intenção. Ela veio, contudo, demonstrar-nos que J. M. B. acertou no alvo que visara, aliás como atirador experiente. J. M. B. sabe que há uma realidade imediata portuguesa de terrenos selvagens despovoados de caça, situação para a qual contri-

(Continua na 16.ª página)

Confraternização de professores

VISEU, 22 — Reuniram-se na Escola do Magistério Primário os professores que a frequentaram, como alunos, no curso de 1949-51. Presidiu à confraternização o respectivo director, sr. dr. José Amado Morgado.

— Encerrou-se a exposição, que foi muito apreciada, a exposição de trabalhos infantis, executados pelos alunos do Jardim-Escola João de Deus, sob a direcção da sr.ª D. Themis dos Santos.



Este é o novo edifício da sede da Junta de Freguesia da Gafanha da Encarnação, concelho de Ílhavo, que importou em mais de 350 contos e foi recentemente inaugurado pelo governador civil de Aveiro

A MAIORIA ESTÁ DE ACORDO

ao aplicar os seus capitais em **J. PIMENTA, SARL**

Compre também propriedades e o seu capital **valorizar-se-á** ao mesmo tempo que lhe proporciona um óptimo rendimento.

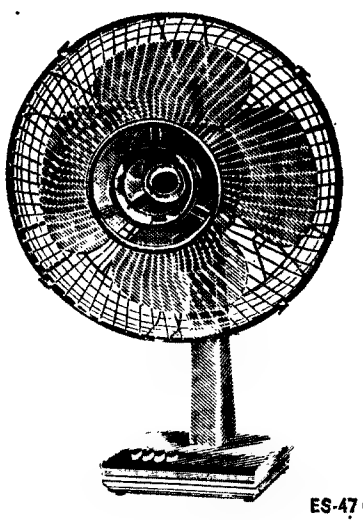
Informações:

Lisboa: Pr. Marquês de Pombal, 15
Tel. 45843 - 47843

VENTOÍNHAS Toshiba

TOSHIBA VALE POR 4

Ventoínhas de tecto, de secretária, de chão e de automóvel
UMA LINHA COMPLETA

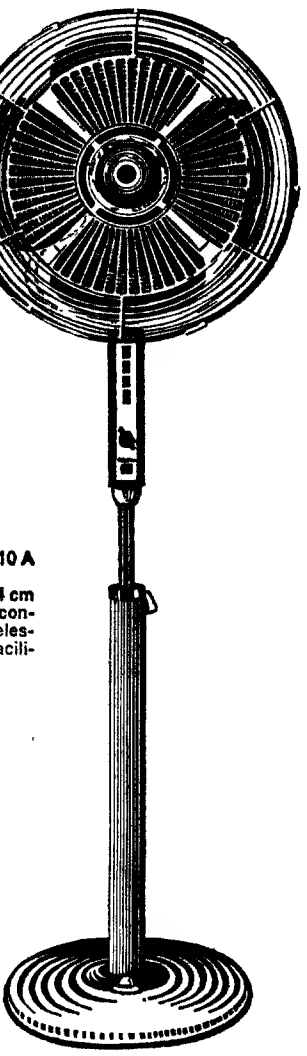


ES-47 C

Ventoinha de mesa, com 4 pás de 40,64 cm, de estilo elegante. Um trabalhar fácil e silencioso. 4 Teclas de controlo e pás desmontáveis. Pode também ser utilizada como ventoinha de parede.

EFS-10 A

4 botões de controlo e 4 pás de 40,64 cm desmontáveis, e. de dupla oscilação; controlo de oscilação frontal, suporte telescópico. Montada sobre rodas para facilidade de deslocação.



Ambiente TOSHIBA

Toshiba QUALIDADE DESDE 1875 VENTOÍNHAS

À venda em todos os bons estabelecimentos e nos Agentes Toshiba

Nos Sunbeam "Avenger" 1250/1500
conseguimos uma mistura
verdadeiramente embriagadora.
Classe e acabamentos como só os Ingleses
sabem dar aos seus carros.
Um consumo escocês que fará o desespero
dos vendedores de gasolina.
Uma resistência de material extraordinária,
à laia de mineiro do País de Gales.
A este «cozinhado» de qualidades juntámos,
como sal e pimenta,
o temperamento irlandês.
Genica, vivacidade, rapidez, fogosidade.
Sunbeam — um britânico
com temperamento irlandês, consumo escocês,
resistência galesa e classe inglesa.

CHRYSLER
DE PORTUGAL

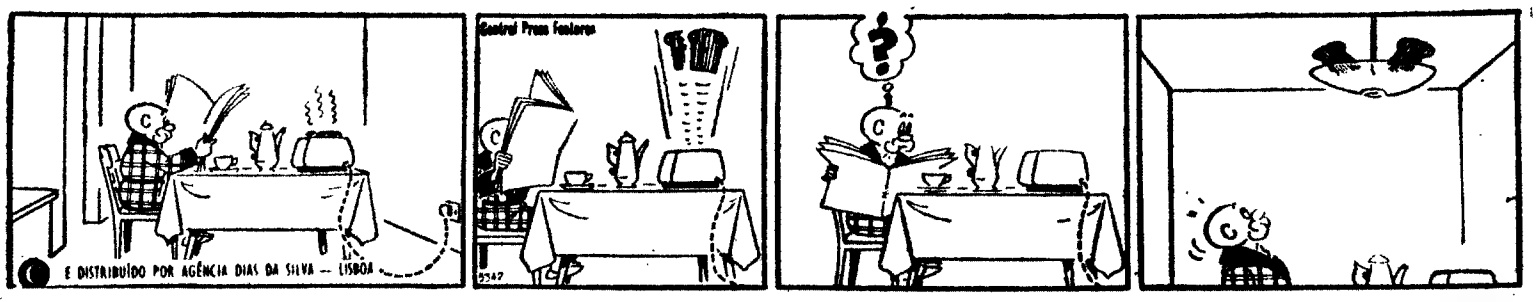
AGENTES EM TODO O PAÍS
Visite o seu agente Sunbeam/Chrysler e admire os Sunbeam "Avenger" 1250/1500

CINEVOZ SB-71-01

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 22 de Junho de 1941 publicava:

«BERLIM, 22 — Às 6 e 30 de hoje, Hitler fez uma proclamação ao povo alemão, anunciando que a Alemanha declarou guerra à Rússia.»

■

«ROMA, 22 — O Governo italiano comunicou ao embaixador soviético que, a partir das 5 e 30 horas de 22 de Junho, a Itália se considera em estado de guerra com a Rússia.»

Dentes Postiços

que se soltam não necessitam causar vergonha.

Muitos portadores de dentaduras postiças têm sofrido verdadeiros aborrecimentos, porque a placa caiu, soltou-se ou moveu-se justamente no momento menos indicado. Não viva no constante receio de que isto lhe possa acontecer. Polvilhe a sua placa apenas com um pouco de DENTOFIX. Ampara os dentes postiços mais firmemente, de modo que os mesmos proporcionam maior conforto. Não magoa. DENTOFIX elimina o mau hálito das dentaduras. Poça DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

EM AVEIRO STOP

CENTENÁRIO SNACK BAR 100 AVEIRO

LARGO DO MERCADO, 9

DINHEIRO S/AUTOMÓVEIS

Sem mudar nome, s/ alterar o seguro, sigilo. Rua D. Estefânia, 81, 3.º, dt.º — 40049 563751

GUARDE ESTE ANÚNCIO

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 208, r/c., Esq.º (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

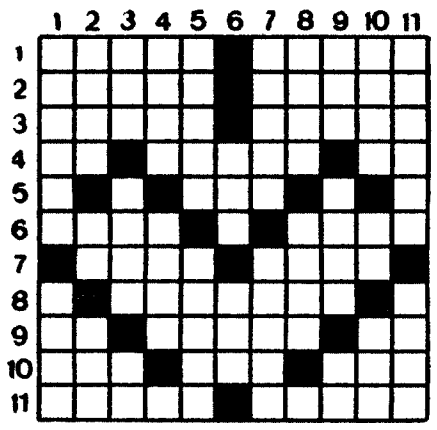
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5930

HORIZONTAIS: 1 — Adicionam. Baús. 2 — Guarnece de arames. Nome de mulher. 3 — Cidade do Brasil. Célebre poeta e músico grego que segundo a lenda foi salvo da morte por golfinhos encantados ao som da sua lira. 4 — Medida de líquidos japonesa. Uma das ilhas Jónias. Prata (s. q.). 5 — Antiga medida espanhola de comprimento. 6 — Rio de Portugal. Artigo definido. Mamífero ruminante que habita o Norte da Europa e a América. 7 — Nome místico de Baco. Arquipélago holandês ao Sul da Nova Guiné. 8 — Tomar o filar. 9 — Érbio (s. q.) Sonar. Pata. 10 — Qualidade. Fluído aeriforme igual. 11 — Presa com elos. Dama romana que cravou um punhal no peito para dar o seu marido, condenado á morte, um exemplo de coragem.

VERTICAIS: 1 — Humorista. Exige. 2 — Cidade da Argélia. Vi. Lista. 3 — Matemático (abrev.). Escravo egípcio de Abraão. Cânhamo de Manila. 4 — Estimai. Bordo (planta). 5 — Ilha do Mediterrâneo entre a Sicília e a África. Está ansioso (fig.). 6 — Cidade da Finlândia. Magnete natural. 7 — Espécie de bananeira das Filipinas. Desenruga. 8 — Raera. Lavrar. 9 — Acreditei. Impulso. Prasicalmio (s. q.). 10 — Leva á toa. Cobre (s. q.). Progenitor. 11 — A vida (fig.). Pessoa cruel (fig.)



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5929

HORIZONTAIS: 1 — Acaso. Maçam. 2 — Caros. Atolo. 3 — Abaia. Carme. 4 — Bem. TAL. 5 — Açaí. Fada. 6 — Adro. Aria. 7 — Arredes. 8 — Me. Alçai. Sr. 9 — Art. Aam. Pia. 10 — Irati. Aceso. 11 — Solas. Soros.

VERTICAIS: 1 — Acaba. Amais. 2 — CABEÇA. Erro. 3 — Aramada. TAL. 4 — Sol. Irra. Ta. 5 — Osas. Orlais. 6 — Eça. 7 — Arredes. 8 — Ata. Frei. Cá. 9 — Cortais. Per. 10 — Almada. SISO. 11 — Moela. Grãos.

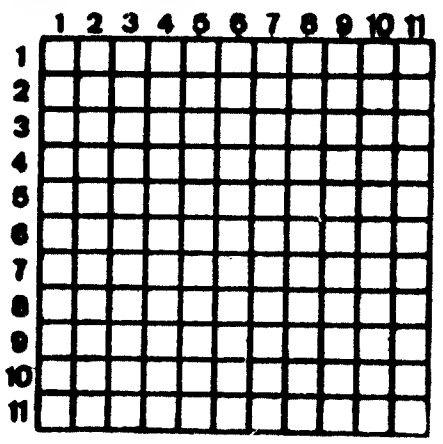
Provérbio: TAL CABEÇA, TAL SISO

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9772

HORIZONTAIS: 1 — Cidade de Portugal. Levante. 2 — Paixão de um sexo pelo outro. Em mais alto grau. 3 — Braço de mar. Nome de letra. Saudáveis. 4 — Átomo (abrev.). Desembaraçada. Batráquio. 5 — Insecto que rói a madeira. Manas. 6 — Ente Patrão. 7 — Prefixo que designa afastamento. Carapuça (pop.). Artigo definido. 8 — Senhora. Ice. Ferro temperado. 9 — Sovar. Suguem o leite materno. 10 — Além. Pançudo. 11 — Orgãos. Conjunto musical nocturno.

VERTICAIS: 1 — Espantar (fig.). Que mam. 2 — Tomo por modelo. Mentira. 3 — Ecoa. Abreviatura de Santíssimo. Serra de Portugal. 4 — Érbio (s. q.). Parte do lombo dos bovinos entre a pá e o cachaço. Rio da Prússia Oriental. 5 — Danificaras. 6 — Procedi. Tálio (s. q.). 7 — Demoraremos. 8 — Preposição. Classe de tropa. Entre os Filipinos e o Divindade. 9 — Saudáveis. Pedro de moinho. Frade catalão que tratou do casamento de D. Dinis com D. Isabel. 10 — Mitra com três coroas que o Papa usa em certas cerimónias. Ateada. 11 — Pronome demonstrativo (pl.). Adicionou.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9772

HORIZONTAIS: 1 — Aarau. Vogar. 2 — Am. Nadab. Mu. 3 — Goa. Ios. Aam. 4 — Arga. Abro. 5 — Assenta. 6 — Assoa. 7 — Anéis. Sinal. 8 — Luís. Some. 9 — Air. Raz. Tas. 10 — Grata. Abada. 11 — Oásis. Seras.

VERTICAIS: 1 — Aagar. Alaga. 2 — Amor. Anuire. 3 — Agá. Eiros. 4 — An. Asas. Ri. 5 — Uai. SSS. Ras. 6 — Dores. Va. 7 — Vãs. Nós. Zás. 8 — Ob. Atais. Be. 9 — Aba. Notar. 10 — Amar. Comada. 11 — Rumor. Lesas.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS TÉCNICO-ESPECIAIS

BATALHÃO DE SAPADORES BOMBEIROS

CONCURSO DE ADMISSÃO PARA SAPADOR BOMBEIRO RECRUTA

Para conhecimento se anuncia que, por despacho de 26 de Maio de 1971, se encontra aberto concurso de admissão para sapador bombeiro recruta do Batalhão de Sapadores Bombeiros da Câmara Municipal de Lisboa, até dia 8 de Julho de 1971, inclusive.

São condições essenciais para admissão a este concurso ter a 4.ª classe de instrução primária e mais de 18 anos de idade e menos de 30 à data do encerramento do concurso.

Os sapadores bombeiros recrutas terão o vencimento mensal ilíquido de 2000$00 durante o período de oito meses (instrução de recrutas) e de 2400$00 após esse período, tendo ainda direito a fardamento e alojamento.

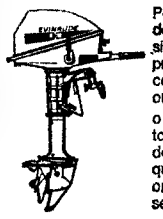
Os interessados devem dirigir-se à Secretaria do Batalhão de Sapadores Bombeiros, Avenida D. Carlos I, em Lisboa, onde se prestam todos os esclarecimentos respeitantes ao presente concurso.

Paços do Concelho de Lisboa, 12 de Junho de 1971.

O VICE-PRESIDENTE

Dr. Dinis Soares da Costa

MOTOR PEQUENO PARA PEIXE GRANDE



Pequeno, leve de linhas invulgares, silencioso e seguro, protegido no hélice contra a vegetação aquática ou obstruções submersas, o **EVINRUDE 4 HP** torna-se o motor de eleição dos pescadores que preferem as águas onde os maiores peixes se escondem.

Modelos com e sem depósito de combustível incorporado.

MUITOS ANOS DE USO • ALTO VALOR DE TROCA

EVINRUDE

O PODER DA EXPERIÊNCIA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

MENDES DE ALMEIDA, S.A.R.L.

AV. 24 DE JULHO 52 A/G • LISBOA • TELEF. 66 7784

O FUTURO DA CAÇA EM PORTUGAL

(Continua na 13.ª página)

buiu a lei em vigor (de que é autor) e ainda o não cumprimento daqueles seus artigos que a poderiam beneficiar; e uma outra realidade inicial, que J. M. B. pretendeu ignorar ou iludir, que é a de terrenos selvagens povoados de caça e terrenos de cultura defendidos pelo homem da destruição que acarreta a presença das espécies cinegéticas. Portanto, terrenos de cultura despovoados de caça.

Insulto aos caçadores

Diz o seguinte a carta do sr. António Pereira:

«Tenho acompanhado os artigos que V. tem publicado no vosso digno jornal.

Antes de mais e para esclarecimento publico devo dizer que não tenho a honra de conhecer V. nem o sr. J. M. B., mas uma carta que este senhor se permitiu dirigir-lhe sensibilizou-me bastante na minha qualidade de caçador; e, assim, não sugestionado por qualquer outro motivo que não seja a defesa da nossa querida caça, não posso ficar mudo e quedo, como dizia qualquer autor dos tempos idos.

A campanha que V. promoveu com o seu inquérito, a favor da defesa da caça, que todos sabem está pelas ruas da amargura, bastaria, só por si, para merecer a máxima consideração e respeito de todos os caçadores, muito embora essa campanha tivesse aqui ou além alguma lacuna, que merecesse reparo, mas nem isso deveria ser censurado, pois, como V. não é caçadora, não é de admirar que não esteja ao par de todos os meandros da vida cinegética.

De estranhar é que o sr. J. Maria Bravo, servindo-se de um pequeno lapso que V. teve ao afirmar ou escrever que a caça era mais abundante em terrenos silvestres, viesse fazer alarde dos seus grandes conhecimentos de grande caçador que é (mata bem e mata muito): que toda a gente sabia que era nos terrenos cultivados que a caça mais abundava, como se esse lapso invalidasse tudo o que a sr.ª tem escrito e dito sobre a caça.

Nem sequer este lapso, chamemos-lhe asim, tem qualquer importancia para o caso que se vem debatendo. Importancia tem, e essa é grande, a opinião que sua ex.ª (J. M. B.) se digna exteriorizar, de a solução do problema ser dar-lhe dono; e mais adiante afirmar que esses pseudos donos, não gastariam sequer um tostão com a mesma caça, pois quem lha alugasse ou comprasse lhe pagaria todas as despesas.

Isto sm, é que são dois casos de imporância e um insulto para todos os caçadores que não são donos de coutos ou aramados e que não têm dinheiro suficiente para se darem ao luxo de os alugar. Sabe Deus com que sacrifício pagam as suas licenças, cartuchos e deslocações, para terem um pouco de recreação na vida, como esta, que cada vez lhe é mais negada.

Desde tempos imemoráveis que a caça é daqueles que pagam ao Estado as respectivas licenças excepto nos terrenos que antigamente lhe chamavam vedas. Doutra forma nem mesmo se compreenderia que o Estado passasse licenças e cobrasse dinheiro por uma coisa que não é de alguns, mas sim de todos.

Falar de fome ou de pobreza com indivíduos que nunca a passaram, é a mesma coisa que falar com caçadores privilegiados que nunca tiveram falta de caça.

Decididamente estes indivíduos deviam estar muito caladinhos. Não lhes caia o Diabo em cima!»

Restrição da área dos coutos e aramados

Posto isto, e para não me alongar mais, uma coisa é certa: A caça que os nossos avós tinham com abundância escassceia a olhos vistos. Quando se deve andar para diante está-se a fazer retrocesso.

Cabe ao Governo decidir e quanto antes. Para responder a um inquérito eu diria:

a) É necessário restringir a dimensão dos coutos e aramados. Já não digo proibir, porque já que deram autorização a tantos, todos devem ter os mesmos direitos.

O que me parece é que os proprietários não devem ter o direito de aramar todas as suas áreas de terreno, e ás vezes bem grandes para caça bem miuda. Ainda se fosse para caça grossa talvez se justificasse.

b) Acabar com o profissionalismo.

c) Limitar o numero de peças a abater ou o numero de dias, pelo menos por um ano ou dois.

d) Fazer a abertura da caça a rolas, codornizes e patos, mais próxima da abertura geral.

e) Não permitir mais do que duas batidas por ano nos coutos e aramados.

f) Limitar a 3 tiros as armas de 5 tiros.

• ANTÓNIO PEREIRA

ADIADO O FESTIVAL DA FIGUEIRA

Marcado inicialmente para os dias 17 e 18 de Julho, o Festival da Canção Portuguesa da Figueira da Foz foi adiado para 31 de Julho e 1 de Agosto, devido a dificuldades de programação por parte da R. T. P.

A produção de leite na Beira Litoral

COIMBRA, 22 — Durante o primeiro trimestre deste ano, a Federação dos Grémios da Lavoura da Província da Beira Litoral, recolheu 16 537 239 litros de leite tendo pago á lavoura cerca de 46 160 contos assim distribuídos:

Núcleo de Aveiro, 4 567 555 litros, sendo 3 285 625 da classe A (pasteurizado); 1 182 540, da classe B (comum) e 99 390 da classe C (desvalorizado, o que produziu o movimento global de cerca de 13 000 contos pagos à lavoura, com o preço médio por litro de 2$85,71. Núcleo de Cantanhede, respectivamente, 4 793 707, 2 582 835, 1 888 382 e 322 489, 13 000 contos, 2$71. Núcleo de Coimbra, 562 486, 393 164, 161 168 e 8154, 1600 contos, 2$86,97. Nucleo de Estarreja — 3 110 515, 1 941 580, 1 009 705 e 159 230, 8600 contos, 2$76,75. Núcleo de Oliveira de Azeméis — 352 292, 234 446, 108 796, 9050, 960 contos, 2$72,38 e Núcleo da Figueira da Foz — 3 250 684, 2 106 360, 1 026 860, e 117 464, 9000 contos, 2$78,48.

nova agência PHILIPS

Casa Júnior
(AO CAIS DO SODRÉ)
RUA DO ALECRIM, 19 A - 21 A • TEL. 32 10 53
RUA DE S. PAULO, 29, 1.º • TEL. 32 86 63
LISBOA

RÁDIOS
TELE-RECEPTORES
ELECTROFONES
GRAVADORES
ELECTRODOMÉSTICOS

prestinox

OS NOVOS DIAPROJECTORES DE SLIDES PARA CARREGADORES UNIVERSAIS E ROTATIVOS

OS DIAPROJECTORES DE SLIDES PRESTINOX 4 R PERMITEM PASSAR EM ENCAIXES 8 x 8 TODOS OS DIAPOSITIVOS 24 x 36 EM CARTÃO, EM PLÁSTICO E EM VIDRO.

3 VERSÕES

prestinox 4 R SEMIAUTOMÁTICO, BAIXA TENSÃO, LÂMPADA QUARTZ IODE 24 V — 150 W.

prestinox 4 R AUTOMÁTICO, COM COMANDO À DISTÂNCIA, LÂMPADA QUARTZ IODE 24 V — 150 W.

prestinox 4 R AUTOFOCUS (FOCAGEM AUTOMÁTICA), COM COMANDO À DISTÂNCIA, LÂMPADA QUARTZ IODE 24 V — 150 W.

OS PRESTINOX 4 R USAM OS CARREGADORES DE 30, 36 E 50 DIAPOSITIVOS E ROTATIVOS DE 100.

EXCLUSIVO IBEREX LISBOA

EM EXPOSIÇÃO NO STAND N.º 645/6 DA
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

DIA E DATA
100% IMPERMEÁVEL,
AUTOMÁTICO
CALENDÁRIO
INCABLOC
RESISTENTE
Mudança de data ultra-rapida

Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa

CAUNY
A MAIS ALTA PRECISÃO SUIÇA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

EXCURSÕES DA CP

Dia 27 de Junho

1 — CIRCUITO DE PENACOVA

2 — CONIMBRIGA E SERRA DA BOA VIAGEM

A CP promove, no dia 27 de Junho próximo, em colaboração com a EGT — AGÊNCIA DE VIAGENS, duas excursões de muito interesse, com percurso comum por caminho de ferro (Lisboa a Coimbra-B) e itinerários de autocarro distintos:

CIRCUITO DE PENACOVA — Viagem ao longo do Mondego até Penacova (almoço na Pensão Avenida), Serra do Buçaco, Luso, etc.

Preço por pessoa ... 270$00

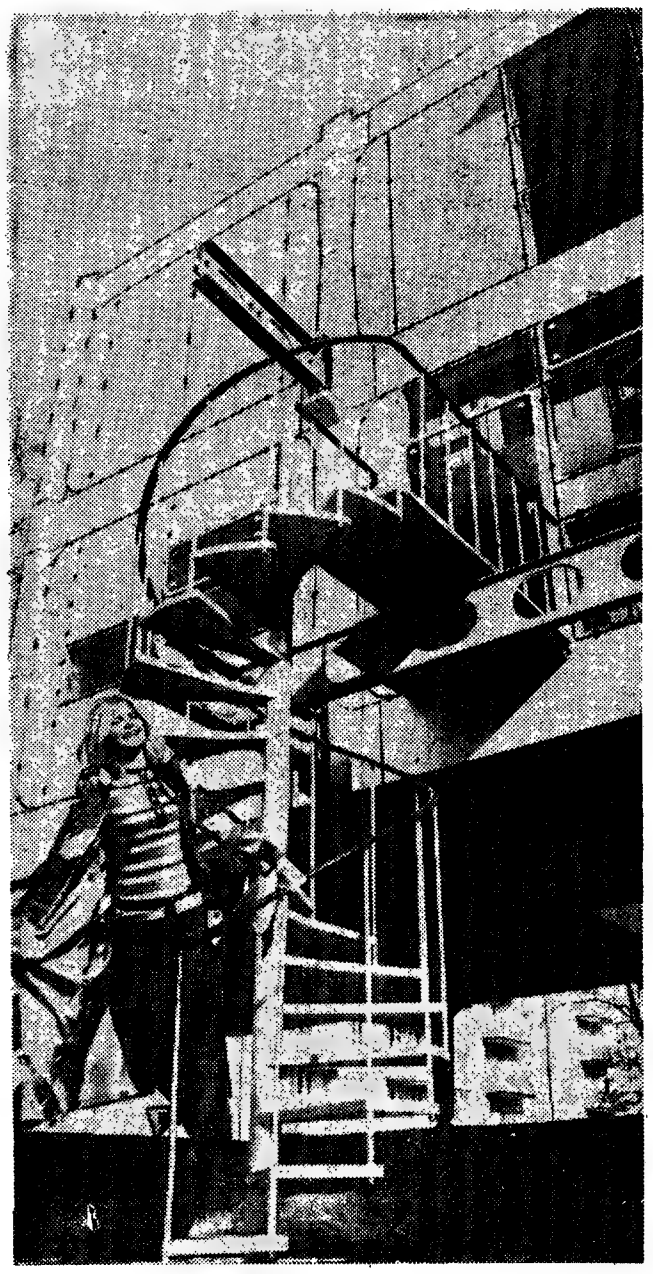
CONIMBRIGA E SERRA DA BOA VIAGEM — Visita às Ruínas Romanas, Figueira da Foz (almoço no Restaurante das Piscinas), Cabo Mondego e Miradouros da Serra.

Preço por pessoa ... 285$00

Informações telefónicas — (Telef. 367529).

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa; E. G. T., Rua do Arsenal, 124; e demais Agências de Viagens.



No ano 2000, segundo o arquitecto Richard Dietrich, os alemães passarão a habitar nestes «dados» que dispensam os tradicionais mobiliários. Cada um dos dados tem de aresta 3,60 metros, é construído em alumínio, apoiado em três suportes a determinada altura do solo, havendo uma escada em caracol para os unir ao chão

Actualidade internacional

«ESTAMOS NO BOM CAMINHO MAS TEMOS MUITO QUE ANDAR»

— comentário britânico às propostas da CEE

LUXEMBURGO 22—(R.) — Os «seis» do Mercado Comum chegaram finalmente a um acordo sobre a proposta a apresentar á Grã-Bretanha quanto ao futuro dos Lacticínios da Nova Zelandia ac-tualmente exportados para a Grã-Bretanha, apesar das objecções levantadas na ultima hora pela Itália.

Fontes bem informadas disseram que, após uma hora de aceso debate, os ministros dos «seis» conseguiram superar as reservas manifestadas por Aldo Moro, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Itália, com base numa solução de compromissos apresentada por Franco Malfatti, o presidente da Comissão Executiva da Comunidade.

Quando as delegações abandonaram a sala da conferência, ás 3 horas da madrugada, o representante britanico Geoffrey Rippon disse aos jornalistas que a proposta agora apresentada pelos seis sobre os lacticínios da Nova Zelandia era melhor do que a anterior.

Rippon disse que a proposta ainda não é totalmente satisfatória, mas salientou que se trata de um importante passo em frente

«Estamos no bom caminho, mas ainda temos muito que andar.»

Os seis conseguiram chegar a uma posição comum sobre o problema apenas depois de uma confrontação bastante viva entre Aldo Moro e o ministro francês Maurice Schumann, que chefia a delegação que está a negociar com a Grã-Bretanha

Depois das seis delegações terem assente no texto da proposta, Moro, ansioso para que ela fosse aceite pela Grã-Bretanha, propôs ainda que fosse eliminada a referência a uma gradual redução das exportações de lacticínios da Nova Zelandia para a Grã-Bretanha, o que provocou viva reacção de Schumann, que retirou o seu apoio á moção enquanto ela era redigida novamente.

«REALÍSSIMA» BRONCA DO PRÍNCIPE FILIPE

LONDRES, 22 — (R.) — A Imprensa britânica acusa hoje o príncipe Filipe de «ter dado bronca» com os seus comentários sobre o Mercado Comum.

O príncipe declarou durante uma reunião que havia casos na Comunidade Britânica onde as velhas práticas agrícolas tinham sido completamente arruinadas pelo sistema preconizado pelo Mercado Comum e avisou que a aplicação de «uma filosofia crua industrial resultaria numa confusão terrível».

O «Daily Mirror» comenta as declarações do príncipe com a seguinte frase «o príncipe Filipe é um ignorante para poder falar desta maneira sobre agricultura e sobre o Mercado Comum. O discurso de ontem teria sido uma bronca em qualquer altura que o tivesse proferido nestes últimos anos. Neste preciso momento é uma realíssima bronca».

Por sua vez, «The Sun» comentou: «Desta vez o príncipe Filipe meteu os pés pelas mãos. O príncipe não tem habilitações especiais, e é pago para desempenhar o seu papel de figura independente. Dizer ao país para trabalhar ou falar das dificuldades da família real está certo, mas... Quando Edward Heath fizer a próxima visita ao palácio terá de pedir à Rainha que ponha em prática o conselho dado pelo Governo. E esse conselho deve ser «Fechem a boca ao príncipe».

PRÍNCIPE FILIPE — pagam-lhe para ser neutral

O «dossier» do Pentágono publicado em mais de um jornal

BOSTON (Massachusetts), 22 (F. P.) — O «Boston Globe» publicou hoje extractos, até agora néditos, do estudo do Pentágono quanto ás origens da guerra do Vietnam, cuja publicação pelo «New York Times» e pelo «Washington Post» foi temporáriamente proibida por ordem judiciária.

O grande diário de Boston declara que os documentos do pentágono foram postos á sua disposção ontem, mas não explica mais nada a não ser que a direcção do «Boston Globe» entendeu «ser do interesse do publico» publicar os documentos.

Entretanto, Paul McCloskey, representante republicano da Califórnia no Congresso, que declarou estar na posse de uma parte dos «dossiers» secretos do Pentágono acerca da guerra do Vietnam e que tentaria entregá-los amanhã oficialmente a uma subcomissão de informação da Camara dos Representantes para que sejam publicados

Segundo McCloskey um liberal que manifestou a intenção de se apresentar contra Richard Nixon nas eleições presidenciais de 1972, estes «dossiers» revelam que o senador Robert Kennedy já pretendia, em 1963, que os Estados Unidos se retirassem do Vietnam, antes do golpe de Estado contra Ngo Dinh Diem.

ESTADO DE EMERGÊNCIA NA BOLÍVIA

LA PAZ (Bolívia), 22. — (F. P. e R.) — O Governo boliviano impôs o estado de emergência em todo o país, segundo anunciou o Ministério do Interior para pôr cobro a uma conspiração das direitas que visava derrubar o presidente Juan Torres.

O estado de emergência, declarado ontem á noite, impedirá a realização de uma Assembleia Popular de Camponeses e Operários que estava prevista para hoje.

Segundo os dirigentes operários, o golpe de Estado em preparação teria por fim derrubar o regime do general Torres e impedir a instauração do poder operário, representado pela Assembleia Popular.

(M. [illegible] nos)

CALDAS DA RAINHA

Quinta-Feira, 24 de Junho
às nove e meia da noite

A JÁ FAMOSA CORRIDA NOCTURNA DA FEIRA DE S. JOÃO, com os 3 grandes de Portugal

MESTRE BATISTA
JOSÉ NÚNCIO
LUÍS M. VEIGA

2 Grupos de Forcados em competição Amadores do MONTIJO, Prémio da Imprensa de 1970 e estreia dos Amadores de Coruche

6 — Gordos e Bravos Toiros de João Gregório (da Azinhaga)

NOVA NAVE ESPACIAL SOVIÉTICA — afirma-se em Bochum

BOCHUM, 22 — (R.) — O observatório de Bochum anunciou hoje que estava va nave espacial soviética numa frequência normalmente utilizada para os voos tripulados.

O director, professor Heinz Kaminski afirmou que o tipo dos sinais levavam a suspeitar que o novo lançamento espacial estava relacionado com o sistema Salyut-Soyuz, a estação orbital lançada em órbita terrestre. O observador começou a captar os sinais ás 2 e 49 TMG de hoje e cerca das 6 e 41 TMG o novo veiculo espacial tinha completado três órbitas ter-

✝

JOSÉ MARIA DE ANDRADE

MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Gracinda da Conceição Pereira de Andrade, Maria Teresa Andrade Pereira da Costa, seu marido e filha, Maria de Lourdes Pereira de Andrade, Maria Madalena Nunes de Andrade, seus filhos e mais família, participam que amanhã, dia 23, pelas 12.30 horas, na Capela de Santo António (Rua Chaby Pinheiro), será rezada missa pelo eterno descanso do seu muito querido marido, pai, sogro, avô, cunhado, tio e parente.

Agradecem desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto, bem como aquelas que lhes manifestaram o seu pesar, e o não fizeram directamente por desconhecimento de moradas.

P. N. A. M.

PÊSSEGOS
REGIÃO DE COINA

MAIS BONITO POMAR DA PENÍNSULA DE SETÚBAL,
VENDE NA ÁRVORE CERCA DE 30 TONELADAS DE FRUTO

Resposta Telef. 537091

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

OS EXAMES DO CICLO PREPARATÓRIO

Publicamos, a seguir, os pontos e soluções dos exames do Ciclo Preparatório entem efectuados.

Prova escrita de Língua Portuguesa

1971 1.ª chamada

TEXTO

Aqueles homens só pediram ao lavrador que lhes arrendasse a Charneca...

— Para que querem vocês aquela pedra esfarelada? — perguntou ele.

— Para viver nela... — respondeu o Moitinha, o único capaz de falar.

— Mas... fazerem o quê? — perguntou ainda o lavrador.

— Trabalhar... — disse o Moitinha.

— Aquilo não dá um bago de nada...

— No suor dum homem, pode nascer uma flor, saiba o patrão — respondeu o Moitinha, todo de rompantes.

O proprietário gostara da prontidão da réplica e consentira.

— E quanto é a renda, por ano?

— Nada — respondeu ele. Não dou terras de renda. Empresto-a...

— E por quanto tempo, patrão?

— Enquanto vocês e os netos quiserem.

— E, quando pode ser, lavrador?

— Hoje mesmo, se vocês quiserem.

Eles lá se aguentaram naquele deserto... Buscaram água e encontraram-na; quiseram terra e fizeram-na no suor de cada um.

O velho lavrador esqueceu-se deles.

Um dia o Moitinha apareceu-lhe em casa. Dizia ele que achara um punhado de ouro na Charneca e vinha dá-lo ao seu dono.

— Quem és tu? — perguntou o lavrador.

— Sou aquele homem que lhe pediu para fazer a Charneca, num dia de cheia...

— E depois?

— E depois?.... Trago-lhe este pão, o primeiro que a terra deu à gente, este ano...

— Que comeram vocês, neste tempo?

— Fé e dificuldades, lavrador... Lembra-se do que eu lhe disse naquela tarde?

— Não me lembro bem.

— Que do suor do homem pode nascer uma flor. Aqui lho trago.

Alves Redol (adaptado)

I

1 — Pensa na pergunta do lavrador: «*Para que querem vocês aquela pedra esfarelada?*»

a) Que opinião tinha o lavrador acerca da terra que lhe queriam tomar de renda?

b) Copia do texto outra frase que confirme essa opinião.

c) Classifica morfològicamente a palavra *aquela*, da frase transcrita.

2 — «*No suor dum homem, pode nascer uma flor.*»

a) Explica o sentido desta frase.

b) Escreve um diminutivo da palavra *flor*.

3 — O que levou o lavrador a aceitar, finalmente, o pedido daqueles homens?

4 — «*Não dou terras de renda. Empresto-a...*»

a) Escreve a expressão «Empresto-a...», substituindo *a* pela palavra a que se refere.

b) Classifica morfològicamente esse *a*.

5 — *O lavrador emprestou-lhes a Charneca para a cultivarem.*

a) Esse empréstimo foi feito por muito ou por pouco tempo?

b) Transcreve do trecho a frase em que baseaste a tua resposta.

6 — *A vida na Charneca foi cheia de dificuldades.*

a) Transcreve uma frase do trecho que justifique esta afirmação.

b) Escreve uma frase da tua autoria em que entre o vocábulo *cheia* como substantivo.

c) Da família a que pertence a palavra *dificuldades*, *escreve*:

1 — um adjectivo;
2 — um verbo;
3 — um advérbio.

7 — «... *quiseram terra e fizeram-na.*»

Começa a frase por *O Moitinha...* e completa-a pondo os verbos no presente do indicativo, na pessoa gramatical conveniente.

8 — Repara na seguinte frase:

«*Dizia ele que achara um punhado de ouro na Charneca e vinha dá-lo ao dono.*»

a) Escreve-a no discurso directo.

b) No trecho encontra-se outra expressão que mostra o verdadeiro significado de *punhado de ouro*. Indica qual é.

9 — *O Moitinha ofereceu ao lavrador, com certo orgulho, o primeiro pão que a terra lhe deu.*

a) Qual o motivo desse orgulho?

b) A palavra *pão*, além do seu sentido comum, pode apresentar outros significados. Indica-os nas frases que se seguem:

1 — Conseguiram que a Charneca produzisse *pão*.

2 — Ganharam honradamente o seu *pão*.

10 — Lê de novo o texto, divide-o em partes e exprime por um simples título (uma ou mais palavras) a ideia geral de cada uma delas.

11 — «*Aqueles homens só pediram ao lavrador que lhes arrendasse a Charneca.*»

a) Quantas orações há neste período?

b) Qual é o complemento directo do verbo da primeira oração?

c) Classifica a segunda oração.

d) Indica qual é a função sintáctica de cada um dos elementos da segunda oração.

II

O texto mostra como o trabalho do homem conseguiu transformar uma terra pedregosa em terreno produtivo. Tu próprio sabes que, na vida, *nada se consegue sem esforço*.

Conta, pois, um caso passado contigo ou do teu conhecimento, em que se mostre a verdade desta afirmação.

Não te esqueças de dar um título adequado à tua redacção.

SOLUÇÃO

I

1 —

a) O lavrador considerava a terra improdutiva.

b) «Aquilo não dá um bago de nada».

c) Pronome adjunto demonstrativo, género feminino, número singular.

2 —

a) O trabalho, realizado com Fé e Tenacidade, terá sempre uma recompensa.

b) Florzinha — florinha.
Florzita — florita.

3 — O desejo de vencer daqueles homens representado na pronta resposta do Moitinha.

4 —

a) «Empresto a terra».
«Empresto a Charneca».

b) Pronome pessoal, feminino, singular.

5 —

a) A terra foi emprestada por muito tempo.

b) «Enquanto vocês e os netos quiserem».

6 —

a) «E eles lá se aguentaram naquele deserto»;... «quiseram terra e fizeram-na no suor de cada um».

b) O lavrador já se esquecera que lhes emprestara a terra num dia de cheia.

c)
1 — Dificultoso — difícil;
2 — Dificultar;
3 — Dificultosamente — dificilmente.

7 — O Moitinha quer terra e fá-la.

8 —

a) Ele dizia:
— Achei um punhado de ouro na Charneca e venho dá-lo ao dono.

b) «Trago-lhe este pão...».

9 —

a) O Moitinha sentia-se orgulhoso porque aquele pão representava o suor e o esforço dele e dos seus companheiros.

b)
1 — Conseguiram que a Charneca produzisse trigo.
2 — Ganharam honradamente o seu sustento.

10 —

1.ª parte — «Aqueles homens... todo de rompantes». A Charneca — terra apetecida.

2.ª parte — «O proprietário... se vocês quiserem». A dádiva do lavrador.

3.ª parte — «Eles lá se aguentaram... no suor de cada um». A recompensa do trabalho.

4.ª parte — «O velho lavrador... aqui lho trago». E na Charneca nasceu uma flor.

11 —

a) Duas orações.

b) Que lhes arrendasse a Charneca.

c) Subordinada integrante.

d) Predicado — arrendasse
Sujeito — ele (subentendido).
Complemento directo — a Charneca.
Complemento indirecto — lhes.

II

A redacção é de carácter pessoal.

Prova escrita de História e Geografia de Portugal

1971 1.ª chamada

Lê com atenção o texto, observa bem as figuras e responde por frases completas.

I

A aldeia, vila ou cidade em que vives ou melhor conheces é uma das parcelas de Portugal.

Descreve resumidamente os seus aspectos mais importantes, atendendo aos seguintes pontos:

— *a localização;*
— *os aspectos geográficos;*
— *os meios de comunicação;*
— *o modo ou modos de vida dos habitantes;*
— *os aspectos histórico (se os houver) e*
— *tudo o mais que te pareça de interesse.*

II

Mas não basta conhecer apenas a localidade onde se vive: estudaste também outras parcelas do território, outras gentes e as suas acividades no passado e no presente.

Procura então responder às perguntas que a seguir vão ser feitas.

O povo que influenciou o género de construções que vês na figura n.º 1 contribuiu muito para o progresso e desenvolvimento da Península.

Fig. 1

VILA DE OLHÃO

1. — *Que benefícios trouxe esse povo à nossa Península?*

2. — *Quais as condições de clima na região apresentada na seguinte figura?*

Fig. 2

CEIFA NO ALENTEJO

Lisboa, no tempo de D. Afonso Henriques, era já uma grande povoação, por isso, não admira que o «Conquistador» tivesse feito todos os esforços para a tomar aos mouros.

EXTERNATO DE ALVALADE
PRIMÁRIO E LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO
Telef. 77 1965 LISBOA
Rua Isidro Viana, 12 ——— Campo Pequeno

3. — *Como foi possível, no Afonso Henriques não possuía cereo à cidade, cortar as comunicações suficientes para o famunicações pelo Tejo, se D. ser.*

Fig. 3

LIEBOA NO SÉCULO XVI

Lisboa no século XVI desenvolveu-se extraordinàriamente.

4. — *Quais as razões que explicam esse desenvolvimento?*

Se pudesses visitar três das nossas províncias de Além-Mar ou, no caso de viveres no Ultramar, três das províncias da Metrópole, indica:

5. — *As que escolherias, citando um facto histórico ou uma das características geográficas mais importantes de cada uma delas.*

6. — *Que riquezas naturais lá irias encontrar.*

7. — *Que cidade ou cidades desejarias visitar em cada uma delas.*

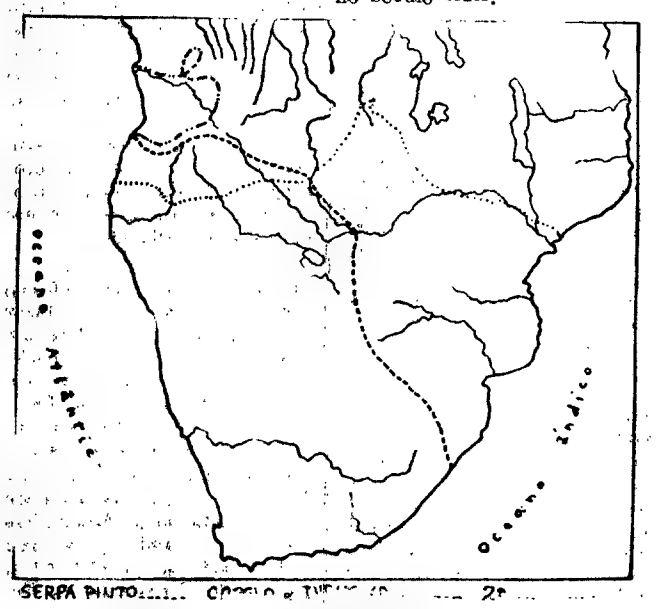
Nos séculos XV e XVI, a cultura da cana do açucar desenvolveu-se muito na Madeira, Açores e S. Tomé.

8. — *Porque teve, nesse tempo, tanta importancia a cultura da cana do açucar?*

Como sabes, o desenvolvimento do Brasil está relacionado com a ida da família real para essas terras.

9 — *Que razões explicam a deslocação da Corte para o Brasil?*

No seguinte mapa estão assinaladas as viagens de exploração do continente africano no século XIX.



10. — *Que razões levaram os Portugueses a explorar o interior desse Continente?*

11. — *Que dificuldades encontraram pelo caminho?*

O Parque da Gorongosa, em Moçambique, é um dos mais ricos no género.

12. — *Porque se trata de medida de protecção à Natureza a proibição de caçar neste parque?*

SOLUÇÃO

I

As perguntas que completam o 1.º grupo estão bem estruturadas e conduzem à observação do meio em que o aluno vive, o que é de interesse.

No entanto, no âmbito destas soluções, não deve optar-se por uma resposta concisa, até para não provocar motivo de apreensão aos que descrevem ambientes diferentes.

II

1) Os árabes.
Desenvolveu a agricultura, as artes, a matemática e a medicina.
2) Clima seco e quente no Verão Frio e húmido no Inverno.
Transição do clima marítimo para o continental.
3) Dispondo das esquadras dos Cruzados que o auxiliaram na conquista da cidade.
4) Como consequência da descoberta do caminho marítimo para a Índia e exploração do comércio de especiaria pelos portugueses, Lisboa tornou-se o 1.º centro comercial da Europa.
5) Como a 1.ª
6) Idem.
7) Idem.
8) Originário da América o açúcar era desconhecido pelos povos da Europa. Foram os navegadores portugueses e espanhóis que o trouxeram.
Substituindo, com vantagem, o mel usado até então, atribuindo-se-lhe altas qualidades medicinais e sendo de fácil propagação entre o povo, o açúcar adquiriu grande importância.
9) A invasão de Portugal pelas tropas napoleónicas sob o comando de Junit.
Retirando-se para o Brasil a família real por-

(Continua na página seguinte)

OS EXAMES DO 7.º ANO DOS LICEUS

Publicamos, a seguir, os pontos e soluções dos exames do 3.º Ciclo Liceal, que se realizaram ontem.

Prova escrita de Organização Política e Administrativa da Nação

(7.º ano — 1.ª chamada)

I

Responda, *com clareza*, às seguintes questões:

1) Que entende por *Estado ético*? Compare a posição do indivíduo no *Estado ético* e no *Estado socialista*.

2) Diz-se que o homem é «*um animal político*».

Justifique a afirmação.

3) Defina *Nação*. Refira-se à sua *origem* e *desenvolvimento* na ordem histórica.

4) Como é encarado o *direito de propriedade* pela encíclica «*Rerum Novarum*»?

5) *A principal fonte do direito* é a lei. Distinga *Lei Constitucional* e *Lei Ordinária*. O que é um decreto simples?

6) Demonstre que na administração ultramarina se verifica *solidariedade* e *descentralização*.

II

ANALISE O SEGUINTE TEMA:

Do trabalho

a) Valor do trabalho na sociedade moderna.

b) Do trabalho por conta do Estado segundo o *Estatuto do Trabalho Nacional*.

SOLUÇÃO

1) Entende-se por Estado ético o Estado que se baseia nas doutrinas intervencionistas. Não se limita apenas ao controlo das actividades económicas, mas visa também objectivos de ordem moral. Desta forma os fins de ordem espiritual a que se propõe, distinguem-no dos Estados socialistas, de orientação materialista. O Estado corporativo é uma modalidade de Estado ético.

No Estado ético, como sucede no exemplo do Estado corporativo, o interesse particular deve subordinar-se sempre ao interesse geral da colectividade, procurando-se desta forma evitar a concorrência desregrada, no entanto são respeitados certos direitos, liberdades e garantias individuais como se testemunha pela existência do artigo 8.º da actual Constituição Portuguesa que trata especificamente dessa matéria.

No Estado socialista, conforme a modalidade de socialismo praticado, ou o Estado absorve totalmente a iniciativa e propriedade privadas, (socialismo extremista), ou apenas pretende estabelecer uma igualdade não absoluta mas apenas fazer desaparecer injustas desigualdades ainda existentes. Por isso, esta última modalidade apenas colectiviza e nacionaliza os grandes meios de produção.

2) Na justificação desta afirmação, deverá o aluno referir a condição do homem como «ser eminentemente social», da necessidade de estabelecer regras que possibilitem a vida em sociedade (a vida na «polis» (a cidade) e portanto a necessidade de ser «político», pelo interesse que a vida do agregado, as suas regras e normas lhe devem merecer.

3) «Nação é um agregado social autónomo e permanente em que existe um sentimento de unidade — a consciência nacional.»

Como «consciência» colectiva que a Nação implica, ela é o produto de uma evolução histórica, que vai contribuindo para a sua formação. Dos factores que para ela mais contribuem são as tradições, os costumes, as necessidades e aspirações comuns, que grupos cada vez mais extensos — grupos de famílias, tribos, cidades, vão experimentando na evolução histórica. Se a Grécia Antiga nos mostra como modelo de agregado social com autonomia — a cidade — estado, a Idade Média apresenta-nos a formação das modernas nacionalidades. Outros factores podem contribuir para o fortalecimento da consciência nacional: a língua e a religião, por exemplo.

4) A propriedade privada e o direito da sua posse é encarado na Encíclica «Rerum Novarum» como de direito natural. Reputando as soluções propostas pelo socialismo, Leão XIII considera-a de posse tão legítima, como o direito ao trabalho. O fundamento desta afirmação estará no facto de que o operário reduzindo as suas despesas pode realizar economias, que para assegurar a sua conservação pode empregar na compra de propriedade. Desta forma a propriedade resulta directamente do trabalho realizado.

Quanto à utilização das riquezas o problema está no uso social que delas se deve fazer — «... o homem não deve ter as coisas exteriores por particulares, mas sim como comuns, de tal sorte que fàcilmente dê parte delas aos outros nas suas necessidades».

5) Entende-se por Lei Constitucional aquela que só pode ser alterada pela Assembleia Nacional, quando para isso tenha poderes constituintes, dados pelo Presidente da República, o que não acontece com a lei ordinária.

6) «As províncias ultramarinas, como parte integrante do Estado Português, são solidárias entre si e com a Metrópole».

Essa solidariedade verifica-se pelos poderes dos órgãos centrais na administração ultramarina: — Assembleia Nacional, o Governo e o Ministro do Ultramar, procurando assegurar a integridade e defesa de toda a Nação e concretizar os fins da política nacional. Por outro lado é patente a descentralização pela grande autonomia concedida aos orgãos de administração local: governadores, conselho legislativo, conselho económico e social, conselho do Governo.

II

a) Deve depender dos conhecimentos e perspectivas do aluno a resposta a esta questão.

b) O trabalho por conta do Estado é considerado serviço da colectividade e não de qualquer partido ou organização de interesses particulares, por isso não abrangido pela estrutura corporativa que este diploma regula.

Prova escrita de Filosofia

1971 1.ª chamada

I

Leia, *com muita atenção*, o seguinte texto de um filósofo contemporâneo:

«Em 1957, o primeiro satélite artificial da Terra, o *spoutnick* dos Russos, foi enviado para o espaço.

O entusiasmo cresceu ao máximo, sobretudo quando, pouco depois, um satélite habitado trouxe para a Terra o seu cosmonauta, são e salvo. Todos o viram em carne e osso e todos o ouviram falar de coisas que nenhum homem tinha visto antes. Podia julgar-se que o Homem ia tomar posse do Cosmos e deixaria de estar ligado à Terra, a qual não seria senão a sua pátria de origem. Há dezenas de milénios, o Homem arriscou-se sobre a água com o primeiro barco; acabou por cobrir o planeta com uma rede de navegação.

Hoje, arrisca-se no espaço com uma espécie de primeiro barco, e um dia, o espaço será para ele como é hoje a Terra. Falar assim é enganador. Embora, provàvelmente, o Homem deva ir ainda muito mais longe do que até aqui, os seus limites fisiológicos são intransponíveis.

Não foi no *Cosmos* mas apenas no nosso sistema solar que o homem penetrou. Ele não chegará nunca a pôr pé no universo (...)

Isto não é uma condenação mas um limite.»

Responda às seguintes perguntas e *justifique todas as suas afirmações:*

1 — As viagens espaciais demonstram a «*coragem de querer conhecer*».

a) Que entende por *conhecer*?

b) Como caracteriza o *conhecimento científico*?

2 — Diz o autor do texto que todos ouviram falar o cosmonauta «*de coisas que nenhum homem tinha visto antes*».

a) Como pôde o cosmonauta *conhecer essas coisas*?

Utilizou a *memória*? Serviu-se de *imagens*? Julgou com a sua própria *personalidade*?

b) Acha que teria havido *síntese perceptiva*?

3 — Afirma também o autor do texto que o universo é impenetrável para o homem porque os seus limites fisiológicos «*são intransponíveis*».

a) Mostre, adequadamente, a relação que existe entre *fenómenos psíquicos* e *fenómenos fisiológicos*.

b) Considerando que cada *sentido* tem os seus *próprios limites*, enumere as *leis psicofísicas da sensação* e *discuta o seu valor*.

II

Repare na expressão do texto: «*Podia julgar-se que o Homem ia tomar posse do Cosmos e deixaria de estar ligado à Terra*».

a) Parece-lhe que o Homem pode abandonar alguma vez as suas próprias estruturas?

Exponha, a propósito, os argumentos do *cepticismo* quanto ao *valor* e *limites* do *conhecimento*.

b) Kant também *nega ao conhecimento racional valor absoluto*. Porquê?

III

Haverá vida nos outros planetas?

a) Quais são os caracteres distintivos dos corpos vivos?

b) *A vida segundo o mecanicismo*.

SOLUÇÃO

1)

a) Conhecer é o acto de apreensão e interpretação do objecto pelo sujeito. A relação estabelecida entre o sujeito e objecto traduz-se na possibilidade de formulação de juízos, por parte daquele.

b) O conhecimento científico caracteriza-se pela objectividade, positividade, racionalidade, revisibilidade e autonomia em relação á fé e á filosofia, que lhe é dada pelo objecto e o método.

2)

a) O aluno podia responder a esta questão de um modo muito pessoal o que impossibilita uma correcção objectiva. Poderia referir o valor de antecipação da hipótese científica como «arma» de conhecimento e reconhecimento, com que o cosmonauta já vai apetrechado. Poderia referir também o raciocínio por analogia e as experiências passadas, (treinos de percepção nos simuladores de voo) e portanto o trabalho da memória e das imagens no «conhecer essas coisas que nenhum homem tinha visto...»

b) A síntese perceptiva, implica certa experiências passada. Em face de perspectivas absolutamente inéditas alguns dados devem ter-se-lhe apresentado, muitas vezes, de forma sincrética, com dificuldade de objectivação perceptiva.

3)

a) Esta questão permitia ao aluno estabelecer vários tipos de relações: ou entre os fenómenos fisiológicos e os processos do conhecimento sensorial — leis psico-fisiológicas ou entre os fenómenos fisiológicos e a afectividade — temperamento, emoção... etc. ou ainda entre os fenómenos fisiológicos e a atenção...

b) *Lei do limiar inicial:* — para que uma sensação se produza é indispensável que o estímulo atinja um valor mínimo, (de intensidade, duração, altura e frequência) e não ultrapasse um máximo.

Lei do limiar diferencial — dois estímulos (sucessivos ou simultaneos) só serão percebidos como diferentes, quando a diferença atinja um mínimo de valor, ou limiar diferencial.

Lei de Weber — A quantidade que é preciso juntar á variável estímulo para que as diferenças sejam percebidas, é uma fracção constante do estímulo.

Sobre o valor destas leis, havia que referir que a capacidade de discriminação sensorial é muito variável de indivíduo para indivíduo. Chamar a atenção para a importância que tem nestas relações a experiência passada, e ainda os aspectos essencialmente qualitativos da sensação, difíceis de traduzir em termos quantitativos. Este último aspecto, refere-se especialmente ás críticas a fazer á fórmula de Fechner que não enunciámos, por não se poder considerar propriamente uma lei.

II

a) O estado de espírito do homem em face do conhecimento, segundo o cepticismo é o de dúvida. Não nega o cepticismo que possamos afirmar a verdade, o que contesta é que tenhamos a certeza que a afirmamos.

Os argumentos dos céticos, focam especialmente as duas vias do conhecimento: os sentidos e a razão. A verificação de fenómenos como as ilusões e alucinações levam á dúvida sobre legitimidade da primeira via: a necessidade de utilizar o raciocínio para aferir da veracidade do conhecimento racional, conduz a uma petição de princípio que leva a conclusão semelhante sobre a segunda.

b) Embora Kant considere a universalidade e necessidade do conhecimento racional, nega-lhe o carácter objectivo e absoluto. As formas e categorias kantianas dão á verdade apenas um valor formal e humano. O conhecimento do objecto é sempre relativo (fenómeno) ficando-nos para sempre inacessível a realidade nomenal.

III

a) Caracteres distintos dos corpos vivos:

— a individualidade — manifestada pela independência e organização;
— a espontaneidade
— a assimilação
— a finalidade.

b) Segundo o mecanicismo (conjunto de teorias que pretendem explicar a vida pelas propriedades físico químicas da matéria), a vida é um conjunto desses processos, a nível mais elevado de complexidade e int

exames para amanhã

ENSINO LICEAL
3.º ciclo — 1.ª chamada
(23 de Junho, 4.ª feira)
Inglês, Ciências Físico-Químicas e Grego — 9 horas
Português e Desenho — 11 h.

Ciclo Preparatório
1.ª chamada
Francês — 15 e 30 horas
Desenho — 17 e 30 h.

O exame de Desenho do Ciclo Preparatório é apenas para alunos exte[illegible]

CICLO PREPARATORIO

(Continuação da pág. anterior)

tuguesa poderia, a todo o tempo, fazer prevalecer os seus direitos á coroa de Portugal.

10) A exploração de ouro e de diamantes que se dizia existirem no interior.

11) A animosidade das tribos selvagens que habitavam as florestas do interior; a própria floresta e o desconhecimento da região.

12) A descoberta [illegible] de armas de fogo trouxe consigo a destruição quase maciça dos animais de grande porte, cuja espécie está em vias de extinção.

A criação de reservas, como a de Gorongosa, tem por fim criar condições para que as espécies mais perseguidas se não extingam e continuem a influir no equilíbrio da natureza, sempre desejável.

LICEU
NOCTURNO
Ensino Audio-Visual
EXTERNATO
PAULO DIAS
R. TEN. FERREIRA DURÃO, 37-3.
65 43 04

Liceu-Institutos
CICLO PREPARATÓRIO
Cursos práticos de dactilografia e/ diploma
ESCOLA SÃO VICENTE:
Rua do Paraíso, 28 — Telef. 865904
EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL:
Rua Edith Cavel, 8 (ao Chile) — Telef. 356821
EXTERNATO ÁLVARES CABRAL:
Av. Grão Vasco, 1 (frente à Igreja de Benfica) — Telef. 706974
CURSOS DE FÉRIAS
Julho, Agosto e Setembro

EXTERNATOS
● LEAL CONSELHEIRO — MASCULINO
R. do Alecrim, 47, 2.º — Tel. 326957
● NOVO RUMO — FEMENINO
P. Luís de Camões, 6-1.º, Esq. — T. 36 14 26
ENSINO LICEAL E PREPARATÓRIO
CURSO DE FÉRIAS
(EXAMES SETEMBRO)

CURSOS DE VERÃO
CRISFAL
LICEAL — 2.ª ÉPOCA
AV. DA REPÚBLICA, 83 — TEL. 77 90 47 · 76 86 20

EXTERNATO NUN'ÁLVARES
PRIMÁRIO - C. PREPARATÓRIO - 2.º e 3.º CICLOS
DIURNO e NOCTURNO — por discip. e secções
LÍNGUAS - Semi-internato — transporte
Praça João do Rio, 2 (ao Arrefro) — Tel. 722461 — LISBOA

Durante a assinatura do contrato de Seguro de Grupo que garante aos colaboradores da Rank Xerox, através da Companhia de Seguros Império, um Plano de Previdência Privado

PLANO COMPLEMENTAR DE PREVIDÊNCIA

Uma das Companhias Multinacionais há menos tempo trabalhando entre nós, celebrou ontem um contrato de Seguro de Grupo pelo qual garante aos seus colaboradores, através da Companhia de Seguros Império, um Plano de Previdência Privado. Trata-se da Rank Xerox, Ltd. que só em 1965 iniciou as suas actividades em Portugal mas para quem a segurança dos seus empregados tem constituído uma preocupação permanente.

O presente contrato inclui coberturas de largo alcance social, como sejam Pensões de Reforma e de Invalidez, Capital em Caso de Morte, além de outros benefícios que vem juntar-se aos que já eram anteriormente proporcionados.

O contrato foi assinado na sede da Rank Xerox pelo sr. F. P. Glibbery, director-geral desta Companhia em Portugal e pelo sr. dr. José Gonçalves Viegas Dias, administrador da Império.

Estiveram presentes ao acto funcionários superiores das duas empresas, nomeadamente o sr. dr. J. L. Rebelo Pinto, director do Departamento Manpower & Development, da primeira Companhia e dr. Amândio Camelo, director-técnico do sector Seguros de Grupo da empresa seguradora.

a Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

TORNEIO POPULAR DE NATAÇÃO

A Federação Portuguesa de Natação vai concretizar uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa: o «Grande Torneio Popular de Natação.

O torneio realiza-se no mês de Julho e destina-se a nadadores de ambos os sexos, de 8 a 13 anos completos ou a fazer em 1971, que nunca tenham estado filiados na F. P. N., nem tomado parte em provas organizadas dentro da hierarquia federada, quer como individuais, quer em representação de clubes filiados.

Nós valorizamos o ESCUDO!...
Mais material - Por MENOS DINHEIRO!...

FRIGORÍFICOS 140 litros com congelador total . . . 2000$00
» 180 » » » » . . . 2650$00
» 200 » » » » . . . 2990$00
FOGÕES com 2 queimadores e forno . . . . . 800$00
» » 3 » » » . . . . . 1100$00
ESQUENTADORES 5 litros . . . . . 1000$00

PANELAS DE PRESSÃO MARMITEX
4 litros . . . . . 380$00
6 » . . . . . 430$00
8 » . . . . . 530$00
TELEVISÃO 59 cm — 2 canais . . . . . 3500$00
SOFÁS-CAMA TIPO BELGA . . . . . 2000$00
MOBÍLIAS DE QUARTO E SALA DE JANTAR . . . 3500$00
MÁQUINAS DE LAVAR — 100% AUTOMÁTICAS . . 4500$00

GARANTIA DA FÁBRICA

UM TELEFONEMA OU UM SIMPLES POSTAL
E O VENDEDOR IRÁ A SUA CASA

SUPERMANOS

LARGO DO MASTRO, 3 a 9 (do C. Santana) — Tel. 562411 — LISBOA

1x2 totoBOLA

O próximo concurso

JÁ PERTO DO FIM DA ÉPOCA

AINDA É TEMPO PARA GANHAR NO TOTOBOLA

Para que termine a 1.ª época do Totobola faltam apenas três concursos: este do próximo domingo e mais os dois dos seguintes domingos de Julho. Os totalistas têm, portanto, mais três oportunidades — e alguns mais vão encontrar as «chaves» e os correspondentes prémios. Já sem falar daqueles que, não acertando totalmente, falham por tão pouco que também são premiados.

São os seguintes os 13 jogos (todos da Taça Ribeiro dos Reis) escolhidos para o próximo concurso:

1.ª SÉRIE

1. **Famalicão - Riopele** — Na primeira «volta» empataram por 0-0. Agora o Famalicão está no 4.º lugar com 7 pontos e o Riopele no 2.º, com 10

2. **Vizela-Braga** — O Vizela é o 6.º — e último — com 3 pontos, enquanto o Sp. Braga é o 3.º, com 8. Na primeira «volta», em Braga, os locais ganharam por 4-1.

3. **Varzim - Guimarães** — No jogo da 1.ª volta, e no seu campo, o V. Guimarães ganhou com dificuldade (1-0), mas agora é o «leader» com 10 pontos, enquanto o Varzim está no penúltimo lugar, com 4 apenas.

2.ª SÉRIE

4. **Leixões-Penafiel** — Empate por 1-1, no primeiro encontro entre ambos, em Penafiel. Na clasificação actual o Leixões está em vantagem: 9 pontos (2.º lugar) contra 5 dos penafidelenses (5.º).

5. **Espinho-Tirsense** — Favoritismo natural do Espinho (já vencedor em Santo Tirso, na 1.ª volta, por 3-0) pois joga agora no seu campo e tem 8 pontos (3.º lugar) ao passo que o Tirsense é o último da série, com 2 pontos.

3.ª SÉRIE

6. **U. Coimbra-Académica** — Na 1.ª volta empataram por 1-1. Agora a Académica está no 1.º lugar, com 12 pontos, mas o União vem logo a seguir, com 9.

7. **Gouveia-Sanjoanense** — O D. Gouveia alcançou no passado domingo a sua primeira vitória — e que vitória: 5-1 sobre o B. Mar! Mesmo assim está no último posto (apenas com esses 2 pontos), enquanto a Sanjoanense ocupa a 4.ª posição, com 6 pontos.

8. **U. Lamas-B. Mar** — Depois da pesada derrota que sofreu em Gouveia, o B. Mar está no 3.º lugar, com 8 pontos mais 3 que o U. Lamas, situado na 5.ª posição. Na primeira volta, em Aveiro, empataram: 0-0.

5.ª SÉRIE

9. **Atlético-Benfica (R)** — Quando se encontraram na Luz, os benfiquistas ganharam por 4-1. Aliás, ainda não perderam: 6 vitórias e 1 empate, e o 1.º lugar com 13 pontos. O Atlético está no 2.º lugar (10 p.).

10. **Torriense - Peniche** — Vitória do Peniche por 2-0 quando recebeu a visita do mesmo adversário. Aliás essa vitória é que marca a actual diferença de pontos entre as duas equipas: o Peniche com 6, o Torriense com 4.

6.ª SÉRIE

11. **Luso-Barreirense** — Na 1.ª volta 2-0 para o Barreirense, que está no comando da série com 11 pontos, enquanto o Luso é o 3.º, com 5.

12. **Montijo-CUF** — O Montijo está no 5.º e último lugar com 1 ponto apenas, e a CUF ocupa a 2.ª posição, com 7. Na primeira volta: CUF 1 - Montijo, 0.

7.ª SÉRIE

13. **Portimonense-Seixal** — Os seixalenses (que no seu campo venceram os algarvios por 2-1) estão no 3.º lugar com 5 pontos. O Portimonense ocupa a 5.ª (e última posição) com 3 pontos.

Depois de alguns concursos caracterizados pela abundância de premiados, o concurso do Totobola de anteontem ficou mais fino e tanto os «trezes» como os «dozes» garantem já aos seus felizes autores que as suas férias deste ano serão melhores...

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

Uma «sociedade» da Marinha Grande pede-nos o desenvolvimento, em múltiplas, do sistema de 5 TRIPLAS e 6 DUPLAS «condicionado ao 12».

Acertando nos dois «fixos» e nas seis duplas há uma garantia total de 12 resultados certos — a percentagem para o 13 é de 11,11.

Desdobra-se este sistema em 9 boletins de 192 apostas e o seu custo é de 3456$00

TRIPLA	1	x	2	1	x	2	1	x	2
TRIPLA	1	x	2	x	2	1	2	1	x
TRIPLA	1	x	2	2	1	x	x	2	1
TRIPLA	1	1	1	x	x	x	2	2	2
TRIPLA	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2	1x2
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x
DUPLA	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x	1x

As duplas apresentam-se para 1-X mas podem ser alteradas — conforme o palpite do apostador — para 1-2 ou X-2.

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Nos concursos n.º 42 das nove épocas anteriores verificaram-se as seguintes «chaves»:

1961-62	Não houve			
1962-63	11x	x21	x11	121x
1963-64	1x1	112	xx2	11x1
1964-65	21x	21x	212	x111
1965-66	111	2x2	xx2	1111
1966-67	112	11x	xx1	112x
1967-68	x22	x11	12x	x112
1968-69	xxx	221	12x	2xx2
1969-70	x11	222	11x	2112

a) *Na época 62-63 — a primeira em que o Totobola se prolongou por 42 concursos — apareceu um único máximo acertante que recebeu 911 631$80;*

b) *Na época 64-65 não houve totalistas e na última época apenas dois totalistas recebendo cada um 956 375$20;*

c) *É sem dúvida um concurso que — estatisticamente — promete «aquecer» este final de época.*

O PENÚLTIMO CONCURSO

O penúltimo concurso da temporada, no próximo dia 4 de Julho, compreenderá os seguintes treze jogos da «Taça Ribeiro dos Reis»:

1. Varzim-Famalicão
2. Guimarães-Braga
3. Espinho-Salgueiros
4. Boavista-Leixões
5. Tirsense-Penafiel
6. U. Lamas-U. Coimbra
7. T. Novas-Tramagal
8. Marinhense-U. Leiria
9. Torriense-Atlético
10. Peniche-Sintrense
11. Montijo-Luso
12. Barreirense-Belenenses
13. Olhanense-Seixal

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Armando Aldegalega, o melhor «fundista» português, foi convidado para disputar em Porto Rico uma corrida de 33 km. O corredor sportinguista alinhará ao lado de alguns dos melhores especialistas mundiais

No G. P. Fagor

Andrade dominou mas quanto a ganhar...

O Grande Prémio Fagor, disputado em Angola, terminou em «festival Joaquim Andrade». Na verdade, o ex(?)-Sangalhense foi primeiro em todos os campos de luta: geral individual, pontos e montanha; e, naturalmente, já que a sua (?) equipa — a Fagor — foi a primeira na classificação colectiva, a ela lhe deve o principal quinhão...

Mas (e aí a razão dos interrogados) há, pendente, o caso levantado pelo Sangalhos que, considerando seu, o ciclista, pediu, através das vias competentes, a suspensão, não só de Andrade, mas também a de Joaquim Santiago (terceiro classificado(?) na prova, nas mesmas condições. O «caso» é sabido... E agora evoluiu: a Associação de Ciclismo de Luanda, solidarizando-se com os corredores e a Organização, pediu a sua desvinculação da Federação Portuguesa de Ciclismo, o que a libertaria de dar cumprimento ao determinado pelo organismo máximo — daí resultando, logo, a homologação (regional) da prova e dos resultados. Mas as coisas cresceram... e o Conselho Provincial de Educação Física de Angola, notificado pela F. P. C. e de acordo com o organismo máximo do ciclismo, impugnou também a homologação da corrida, condicionando-a à exclusão dos dois ciclistas.

Enfim, um caso que promete. Será que Joaquim Andrade passará de grande vencedor a grande vencido? Há dois anos, por motivos diferentes, mas que também deram muito brado e controvérsia, foi o contrário. Então, o cumprimento do regulamento levou Andrade à lista dos vencedores da Volta a Portugal...

Se agora suceder o mesmo, o bocado estará guardado para o espanhol Galdamez, da Coelima...

O dr. Silva Rocha proferiu uma magnífica palestra no Curso de Treinadores que está a decorrer em Lisboa. Na imagem, vivamente interessados nas palavras do conhecido médico, figuram grandes nomes do nosso futebol: Quaresma, José do Carmo, Carlos Silva, Celestino, Peres e Simões

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Torneio de basquetebol promovido pelo Sport Algés e Dafundo: Cruz-Quebradense, 25--Algés, 23 (iniciados) e Algés, 29-Benfica, 27 (senhoras).

FUTEBOL JÚNIOR

Resultado do sorteio das meias-finais do campeonato nacional de juniores (futebol): Sporting-Benfica e Boavista--F. C. Porto, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

TÉNIS

Carlos Figueira venceu o torneio de ténis organizado pelo Clube Internacional de Ténis.

TÉNIS DE MESA

Em Leiria, o Benfica conquistou o título nacional de ténis de mesa. O F. C. do Porto foi segundo classificado.

VELA

Na regata «Vasco da Gama», que está a disputar-se ao largo de Matosinhos, os três primeiros classificados são Didier Poissant (França), Félix Gancedo (Espanha) e Altameyer (Brasil).

HÓQUEI EM PATINS

Na Zona Sul do Campeonato Metropolitano da I Divisão de Hóquei em Patins o Sporting bateu o Parede por 8-0.

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Torneio Internacional: Vitória de Setúbal-Belenenses, ás 21 e 15; e Almada-Selecção de Essen, ás 22 e 30, no Pavilhão da Escola, em Almada.

ASSEMBLEIA — Do Alhandra Sporting Clube para eleição dos novos dirigentes, na sede da Sociedade Euterpe Alhandrense, ás 22.

BADMINTON — II Torneio de propaganda de Não-Federados Seniores, na Escola Nuno Gonçalves, ás 21.

BASQUETEBOL — Torneio Aniversário do Ateneu Comercial de Lisboa, no Pavilhão da Ajuda: Nacional--Técnico, ás 20 e 30; C. U. F.--C. Quebradense, ás 21 e 45; e C. I. F.-Ateneu, ás 23.

Sessão solene da Associação de Lisboa para distribuição dos prémios relativos ás épocas de 1967 até ao momento, ás 21 e 30, no Ateneu Comercial de Lisboa.

Torneio Aniversário do Algés e Dafundo, no seu campo: Algés B-C. D. U. L. B, ás 21, em iniciados; e Algés-Barreirense, ás 22, em juniores.

HÓQUEI EM PATINS — Campeonato Metropolitano da II Divisão (Zona Sul): Estremoz - Azeitonense, Amadora-Belenenses, F. Benfica-Vilafranquense e Algés-Cimento Tejo, ás 22 e 15, nos rinques dos primeiros.

Campeonato Metropolitano da I Divisão: Benfica - Paço de Arcos, ás 21 e 15 (reserva) e ás 22 e 15 (honra), no Estádio da Luz.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Seniores de Lisboa: Musical 3 de Agosto-Progresso Clube, Paço do Lumiar-Lisbonense e Académica da Amadora - Económicos, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

VOLEIBOL — Torneio Encerramento de Juvenis: Lisboa Ginásio A-Moscavide, ás 19 e 30, na Escola Josefa de Óbidos.

XADREZ — Campeonato de Lisboa de Equipas (2.ª categoria): Juventude-Benfica, A. P. Surdos-Sporting e Alekhine-Amadora, ás 21, nos tabuleiros dos primeiros.

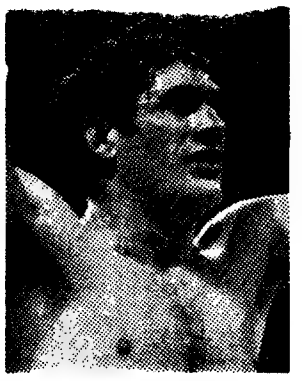
FINAL DO CAMPEONATO MILITAR DE FUTEBOL

Amanhã, ás 17 horas, no campo da Tapadinha, realiza-se o jogo final do campeonato militar de futebol. São finalistas os grupos representativos da R. A. F. e do Regimento de Cavalaria 7.

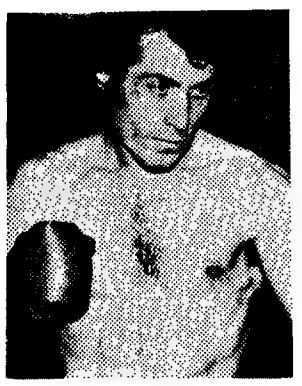
BOXE

AMANHÃ (21.45) NO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

GRANDE SESSÃO DE BOXE PROFISSIONAL!



RODRIGUES

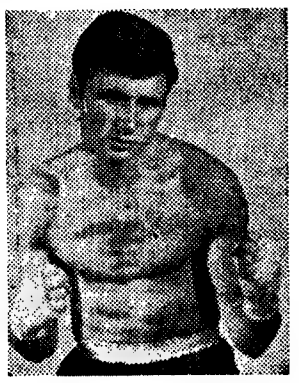


ANJOS

QUEM IRÁ VENCER?

ALMEIDA

ALMEIDA CONTRA RODRIGUES
ANJOS CONTRA TAVARES
KAKÁ CONTRA CHANÇA
REALINHO CONTRA REBELO

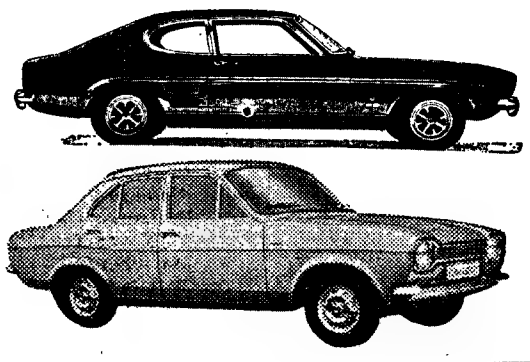


TAVARES

Uma série de combates empolgantes e sensacionais! A abrir MOCUNA contra DELGADINHO, amadores, «meios-pesados».

ORGANIZAÇÕES «LISBOA BOXE»

(Bilhetes á venda nos Restauradores e no Pavilhão P/M-17 anos)



Capri Ford Escort

2 CARROS DIFERENTES
2 ÊXITOS SEMELHANTES

CONSULTE O SEU CONCESSIONÁRIO FORD

LINCURI

AV REPUBLICA LISBOA
e concelhos de Cascais Lages [illegible] França de Xira

A actual revisão constitucional considerada a primeira «liberalizante»

(Continuação da pág. central)

Que se prevejam crises menos graves do que as correspondentes ao estado de sítio, com a possibilidade de o Governo tomar as necessárias medidas de restrição de liberdade e garantias, ninguém contesta. Mas que dependa da discricionariedade do Governo a declaração da existência da situação e a determinação do grau de compressão dessas liberdades e garantias, sem autorização ou, pelo menos, ratificação o mais cedo possível por parte da Assembleia Nacional ele o que parece inquietante (3). Ao cabo e ao resto, os direitos solenemente enunciados no art. 8, ficam sujeitos, em cada momento, a ser esvaziados de conteúdo, ou qualquer medida que restrinja a liberdade pessoal (art 8.º, § 4.º)

e o regime de estado de emergência torna-se paradoxalmente menos benévolo do que o de estado de sítio (art. 109.º, § 5.º), não obstante o perigo para a tranquilidade publica ser menor

Em matérias de garantias, notou-se ainda que o projecto Sá Carneiro deseja acima de tudo realçar a missão dos tribunais, *dos tribunais comuns de jurisdição ordinária*: devem ser só eles a aplicar penas ou medidas de segurança privativas ou restritivas da liberdade pessoal (art 8.º n.º 9); a instrução em processo penal, preparatória e contraditória, deve ser judiciária e escrita (n.º 10), fora de flagrante delito só a autoridade judicial deve poder ordenar a prisão

Liberdades e desenvolvimento

Além das duas liberdades — de informação e de emigração — desconhecidas, ele preocupa-se com a regulamentação do exercício das liberdades em geral e define os princípios por que se devem pautar a imprensa e — algo que, a ser aprovado, quase seria único no mundo — a rádio e a televisão. O exercício das liberdades não pode ser submetido a poder discricionário do Governo ou da Administração, nem lhe podem ser criadas limitações que redundem na sua supressão prática (art. 8.º, § 2.º) (1). A imprensa não pode estar sujeita a censura, prévia ou não: as medidas preventivas ou repressivas de crime e de imprensa competem a tribunais comuns de jurisdição ordinária; é livre a fundação de empresas jornalísticas por portugueses residentes em Portugal art. 23.º). São objectivos da rádio e da televisão a comunicação entre todos os portugueses, a objectividade da informação e a prioridade dos programas educativos (art. 23.º-A).

Por último, verificou-se que da *liberdade religiosa* curam a proposta do Governo e o projecto Sá Carneiro. As finalidades são idênticas: maior garantia e maior igualdade das diversas confissões (art. 45.º e 46.º). Sem embargo também aqui é mais liberal o projecto: só a prática, e não a vida religiosa em toda a sua dimensão (como pode resultar da proposta do Governo), pode ser regulada pelo Estado (art.º 8.º § 2); e só são proibidos actos de culto incompatíveis com a vida e a integridade da pessoa e com os bons costumes (art 45.º).

O debate incidiu essencialmente sobre a prioridade a atribuir ou ao desenvolvimento económico ou ás liberdades e direitos fundamentais, concluindo-se que, se é possível o crescimento económico sem liberdades, já o desenvolvimento em sentido global as pressupõe.

Uma passagem de modelos para beneficência

COIMBRA 22 — Foi definitivamente marcada para sábado, à tarde, a passagem de modelos, organizada pelas senhoras da Casa da Amizade do Rotary Clube de Coimbra e que devido ao mau tempo fora adiada

Festa mundana, é aguardada com muito interesse, pois além da passagem de modelos haverá a exibição de conhecidos artistas e, em especial, o facto de a receita se destinar à Casa da Infância «Doutor Elísio de Moura», benemérita instituição que a cidade acarinha.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 7.ª página)

razões que não descortino merecerá a promoção de que está sendo alvo. A verdade porém é a verdade que se mete pelos olhos dentro [illegible] que o seu valor como intérprete e a «novidade» das canções não justificam a promoção Uma aposta: ninguém cantará jamais as canções que Paco Bandeira cantou ontem Isto num país onde se cantam coisas tão mãzinhas.

Longo, longo tempo levou a sessão dedicada ao Labiche, agora traduzido para a língua do Parque Mayer. (Pobre do Labiche, nem sabe onde se foi meter!) Participaram do «número» Nicolau Breyner («um homem que todos conhecem pela sua versatilidade»), segundo a apresentação de Rui Romano/Ivone Silva («Gostava de fazer comédia uma vez por ano») e César de Oliveira, um dos tradutores da peça. Incluída no «número» a antestreia de uma cena. Pois é verdade, Labiche, mal tu sabes...

As maiores novidades desta emissão residiram nas estreias de Nicolau Breyner e de Rui Romano. Este, palavroso e incapaz de dominar a verborreia (pecha demonstrada já noutras rubricas de televisão), vem decerto aumentar as qualidades soníferas do «Canal 13».

Quanto a Nicolau Breyner, a sua presença foi... deprimente. Enterrado, ensopado na cadeira, aí tão triste de ser visto como quando forçou a nota da piada e da «naturalidade», Nicolau Breyner exemplificou na perfeição o *como não se deve dizer*, o *como não se deve estar na televisão*.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV
Em CASTELO BRANCO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por António de Sá Rodrigues, Suc. Rua Mousinho Magro, 46

Engenheiro Electrotécnico

IMPORTANTE EMPRESA METALOMECANICA SITUADA JUNTO DE LISBOA, PRETENDE PARA ADMISSÃO IMEDIATA ENGENHEIRO QUALIFICADO PARA GABINETE DE ESTUDOS DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS DE EQUIPAMENTOS E MÁQUINAS

PRETENDE-SE CANDIDATO COM VÁRIOS ANOS DE EXPERIÊNCIA SIMILAR OU COM PRÁTICA DE MANUTENÇÃO ELECTROMECANICA DE EQUIPAMENTOS.

EM PRINCÍPIO DESEJÁVEL EXPERIÊNCIA SUPERIOR A 5 ANOS E IDADE ATÉ 40 ANOS.

INDISPENSÁVEL INDICAR IDADE, ANO E CLASSIFICAÇÃO CURSO, ACTIVIDADE DESENVOLVIDA E CONDIÇÕES DESEJADAS.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 844.

Estenodactilo—Correspondente

Que escreva com rapidez teclado «AZERT» e redija correntemente português, francês e bons conhecimentos de inglês; para escritório de movimento área Praça de Londres. Estabilidade, 14 meses de ordenado, 30 dias de férias anuais. Favor só responder quem tenha devidas habilitações e prática.

Resposta a este jornal ao n.º 843.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 3/4%	459$	459$	—
Consolidado 3%	474$	—	474$
Consolidado 2 1/2%	590$	—	590$
Sentenários 4%	396$	—	396$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	—
Externo Série	595$	595$	600$
Externo Série C	610$	—	—
Externo 3 Série	—	—	680$
Externo 3 Série	—	700$	—
Cautelas 1 Série	—	—	—
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	—	—
A P 1 5% 56	—	—	—
A P 1 5% 58	—	—	895$
C P 4 1/2% 65	—	790$	820$
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U F 6%	—	930$	—
C U F 6% 68	—	930$	—
Gás Electr 4% 48	—	870$	—
Gás Electr 4 1/2% 51	—	—	665$
Gás Electr 5% 54	860$	855$	870$
Gás Electr 5% 58	—	—	850$
Gás Electr 5% 59	—	—	850$
Gás Electr 5% 62	—	950$	—
Gás Electr 5% 63	—	950$	—
Gás Electr 5% 65	—	—	—
Gás Electr 5% 67	—	975$	—
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	750$	750$	760$
H E Cávado 6%	965$	965$	—
H E Douro 5%	760$	760$	770$
H E Douro 6%	965$	965$	970$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	940$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Insrave 6%	—	—	—
Metropolitano 4%	—	—	900$
Metropolitano 5 3/4%	950$	950$	900$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Elect 5%	—	745$	—
Nitratos 5%	—	720$	750$
Nitratos 5% 60	—	—	—
Petroquímico 5%	—	—	—
Port Celu 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	905$	940$
Sacor 5% 62	—	930$	—
Sideurgia 5% 2.ª	—	—	—
Sideurgia 5% 3.ª	—	720$	—
Sideurgia 5% 4.ª	—	730$	—
Sonete 5%	—	825$	—
U E P 4%	—	905$	—
Termoelect Port 5%	—	—	760$
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	—	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	775$	—
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro, 52-54—LISBOA—Tel 366066/7
Teleg ALMEIRO —— Telex 47 ALAPI P

AÇÕES			
Banca			
Agricultura	—	2.230$	2.230$
Alentejo	1.127$	1.127$	1.130$
Angola	4.220$	4.215$	4.240$
Burnay	—	—	—
Crédi Predial	—	—	—
E Santo	6.580$	6.585$	6.590$
E Santo n.	—	—	—
Fonsecas & p.	—	26.900$	27.500$
Fomento	—	2.715$	2.740$
Fom Açores p	—	—	—
Fom Açores n.	—	—	—
Fom Atlântico p	6.470$	6.460$	6.480$
Portugal n	—	3.550$	3.600$
Portugal p	—	4.030$	4.100$
Totta Aliança	6.910$	6.910$	6.920$
Ultramarino n.	4.170$	4.160$	4.180$
Ultramarino p.	4.500$	4.490$	4.520$
Seguros			
Alentejo	—	136$	140$
Douro	—	2.450$	—
Mundial	—	990$	1.020$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarino	—	—	—
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	—	—
Ag Casseque!	—	665$	675$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	350$

Ultramarinos	Efec	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	—	—
Borar	—	121$	140$
Buzi	70$5	70$	71$
Cabinda	—	195$	200$
Comantes Angola	1.950$	945$	980$
Ind Revue	—	600$	—
Ind de Príncipe	—	—	—
Moçambique	—	184$	—
Sonete n	—	395$	—
Sonete p	—	405$	410$
Zambézia	64$5	64$	65$
Diversos			
Cadic	6.820$	6.800$	6.850$
Cim Leiria	4.400$	—	4.500$
Cim Tejo	—	—	—
Co Navegação	—	1.480$	1.500$
Cuf	1.400$	1.390$	1.420$
Ind Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.700$	3.800$
Petroquímica	1.140$	1.130$	1.150$
Port e Colónias	950$	950$	960$
Port Celulose	3.830$	3.820$	3.820$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	581$	580$	582$
Sacor	3.850$	3.830$	3.870$
Siderurgia Nac	2.330$	2.330$	2.340$
Sacor	3.280$	3.250$	3.300$
Tabacos de Portugal	1.490$	1.480$	1.500$
Tabaqueira	—	—	—
Uf Azote	630$	630$	635$
Agua Elect Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	420$	430$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Electricidade	1.122$	127$	122$
Electricidade n	1.100$	098$	100$
Electricidade 965	—	—	—
Elect Beira	—	625$	635$
Gás Electr	376$	376$	376$5
H E Alto Alentejo	—	75$	76$
H E Norte Portugal	—	228$	230$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	195$	94$5	96$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	—	—
F I D E S	—	27$6	3 $8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	15-6-71	21-6-71	22-6-71
GERAL	150,6	150.3	149,8
METROPOL	146.6	146.8	146,9
ULTRAM.	179.6	175,9	170.7

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	55$00	57$50
Alemanha — Marco	7$90	8$25
América		
— Dollars de 1 e 2	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$20	28$70
— de 50 a 100	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	4$50	6$00
Austria — Schilling	$14	$19
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$30	5$60
Canadá — Dólar	27$50	28$00
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,7	$42,2
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$85	8$20
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$90	7$15
Ouro		
Inglaterra — Libra Isabel	300$00	320$00
Inglaterra — 1/2 Libra	305$00	325$00
Ouro fino — Barra	37$00	39$00

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Papéis de crédito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

CARTAZ DOS CINEMAS

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
As 15.45 e 21.45
John Wayne num filme de John Huston
O BARBARO E A GUEIXA
Cinemascop — Cor de Luxe

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
3.ª SEMANA
As 15.15. 18.15 e 21.30
Christopher Jones e Pia Degermara em
AQUELES DIAS CONTIGO...
(Briel Season)
Colorido

ROMA
(Adultos) Tel. 78778
4.ª SEMANA
Às 15.30 e 21.45
O BELO ANTONIO
com Marcello Mastroiani, Claudia Cardinale e Pierre Brasseur

MUNDIAL
(Adultos) Tel 538743
3.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
As 18.30 e 21.45
George Peppard, Carrol Baker, Alan Ladd e Marth Hoper
OS INSACIAVEIS
Um filme de Edward Dmytryk
Cinemascope — Technicolor
Metro: Estação Picoas

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
ESTREIA
Às 21.30 horas
Emocionante! Explosivo! Destruidor!
ZEPPELIN
Michael York, Elke Sommer
Panavision — Technicolor
Às 15.15 — Ultima
O TESOURO DE EL CONDOR

SATÉLITE
(Adultos) Tel 562882
Às 15.30, 18.30 e 21.45
17.ª SEMANA
COISAS DA VIDA
com Michel Piccoli e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
As 15.15 e 21.30 h.
Um filme de amor de Jack Clayton com argumento de Harold Pinter, como não se vê muitas vezes.
DISCUSSÃO NO QUARTO
com Peter Finch, Anne Bancroft e James Mason

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
5.ª SEMANA
As 15.30. 18.30 e 21.45
O filme de Godard
ALPHAVILLE
com Anna Karina, Eddie Constantine e Akim Tamiroff

APOLO 70
CINEMA ESTUDIO
Av. Júlio Dinis
(M. 1º anos) Tel. 763319
4. SEMANA
Às 14.30, 16.45 e 21.45
O VALE DO FUGITIVO
com Robert Redford e Katharine Ross
Scope Technicolor
HOJE, ás 19 h. (Adultos)
LABIRINTO DE PAIXÕES
de Robert Mulligan
com Rock Hudson e Burt Ives

EDEN
(Adultos) Tel. 320768
As 15.15 18.30 e 21.30
2.ª SEMANA
Christopher Lee, Boris Karloff e Barbara Steele
A MALDIÇÃO DO ALTAR VERMELHO
Colorido

CONDES
(Adultos) Tel 322523-326716
3.ª SEMANA
4 SESSÕES
As 14.15 16.30 18.45 e 21.45
Charles Bronson em
A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO
Technicolor

LUMIAR
(Adultos) (Às 21 horas
SABATA
ENGANEI-ME NO NÚMERO

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 50595
As 15, 18.15 e 21.30 h.
3.ª SEMANA
LUA DE MEL COM URTIGAS
com Gig Young, Bonnie Bedelia e Michael Brandon.

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 horas
PERSEGUIDAS
NA ESCURIDÃO
A MINHA FILHA
É UM PROBLEMA

LIDO
(M. 17 anos) As 21.30 h.
Charles Bronson em
A ADOLESCENTE E O QUARENTÃO
Um filme para ver e... meditar! Interesse e oportunidade!

CHIADO TERRASSE
(M. 17 anos) Tel. 320017
As 15 e ás 21 h
CONTESTAÇÃO GERAL
ANTES DO INVERNO CHEGAR

ODEON
(M. 12 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
EM 4.ª SEMANA TRIUNFAL
UM FILME DE QUE TODOS FALAM PELA SUA NOBREZA DE PENSAMENTO
ROSAS BRANCAS PARA MINHA IRMÃ NEGRA
com Libertad Lamarque, Robert e Irma Lozano
-- Eastmancolor —

ESTUDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
6.ª SEMANA
As 15.30. 18.30 e 21.45
O maravilhoso filme de François Truffaut
O MENINO SELVAGEM

REGINA
(M. 17 anos) Tel. 616375
As 21.30
O AMERICANO

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) As 17 e 21.30 h.
O ASSUNTO ERA ROSAS
com Patricia Meal, Jack Albertson e Martin Sheen.

VOX
(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
10.ª SEMANA TRIUNFAL!
UM MARIDO INFIEL
com Jean Yanne e Françoise Fabian
(Junto á Av de Roma)

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
LOUIS DE FUNES em
O GENDARME EM FÉRIAS
Colorido

BERNA
(Adultos) Tel. 776098
As 18.30 e 21.45
9.ª SEMANA DE ÊXITO!
SOLDADO AZUL
(TRAGICA VITORIA)
Candice Bergen e Peter Strauss
num filme de Ralph Nelson
Em Panavision e Technicolor
(á Av Marquês de Tomar)

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
STROGOFF
DOIS CONTRA O TEXAS

SÃO JORGE
(Adultos) Tel. 54153
As 15.15. 18.15 e 21.30
Agora no Cinema!
Mick Jagger é
NED KELLY
Um filme notável de Tony Richardson

NOVAL
(M. 17 anos) Tel. 865837
Às 15 e 21 h.
Novamente o grande sucesso
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON
Michele Mepcier e John Mills
e
CASTA SUSANA

outros espectáculos

LISBOA

TEATROS

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Jogos de Sociedade» (17 anos).
GIL VICENTE — Às 22: «Ivone» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 «A Cozinha» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e ás 23 h.: «A Capital» (17 anos).
M. VITÓRIA — Às 20.45 e 23 h.: «Cala-te, boca!...» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Sugar Colt» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O carniceiro» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Missão caverna humana» (17 anos).
IDEAL — Às 21: «O criado» (17 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Ao lonjo da fronteira» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «O detective» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «Assassinos» (17 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «O diabo atrás da porta» (17 anos).

Linha de Cascais

CARCAVELOS — VITÓRIA-CINE — Às 21 e 30: «Sob o signo da guilhotina» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «O Rio da Violência» e «Estes turistas americanos» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O Faraó» e «Rapsódia» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «O assunto era rosas» (12 anos).
ESTORIL — PALÁCIO — Às 21 e 30: «Nunca foram vencidos» (12 anos).
ESTORIL — ESPLANADA — Às 21 e 30: «O roubo da Pietá» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Perdido no deserto» (12 anos).

Outro Sendo

ALMADA — INORITEL — Às 21 e 15: «Chego, Vejo e disparo» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Sete noivas para sete irmãos» (12 anos).
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Sartana, reza por tua morte» (12 anos).

Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «O Monstro da Cidade de Londres» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A Marca do Vingador» (17 anos).
QUELUZ — QUELUZ CINEMA — Às 21 e 15: «Ciccio, perdoa... ou não» e «O Tesouro dos Astecas» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE CHABY — Às 21 e 30: «Os Homens do Bonança» (12 anos).

PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «A Batalha Naval» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «O exército da sombra» (17 anos)
COLISEU — Às 21 e 30: «A vista» (17 anos)
RIVOLI — Às 2 e 30: «California» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «O Distraido» (12 anos).
BATALHA — Às 21 e 30: «A Piscina» (17 anos).
AGUIA D'OURO — Às 21 e 30: «O Espadachim do Capa Negra» (12 anos).
OLIMPIA — Às 2 e 30: «Rio Bravo» (12 anos)
ESTUDIO — Às 2 e 30: «John e Mary» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Oito feras á solta» e «Um espião de uniforme» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 2 e 30: «Amores Proibidos» (17 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 2 e 30: «Um Homem para a Eternidade» (17 anos)

Amanhã, á noite, não há espectáculos por motivo dos festejos de São João.

COIMBRA

TEATROS

GIL VICENTE — Às 21 e 30: Recital pelo Coral dos Estudantes de Letras (12 anos).

CINEMAS

AVENIDA — Às 21 e 30: «O cow-boy da meia-noite» (17 anos).
TIVOLI — Às 2, e 30: «A morte do Dragão» (17 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Um lugar para amar» (17 anos).

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
TODAS AS NOITES ÀS 21.45
8 ÚLTIMOS DIAS
AR REFRIGERADO
Jogos de Sociedade
(M. 12 anos)
A SEGUIR EM
SENSACIONAL REAPARIÇÃO
A RELÍQUIA
EÇA DE QUEIROZ

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA — Moura, Travessa do Meméria 55 (telef 630944
ALCANTARA — Barrão, R Prior do Crato, 25 (tel 66'32). * Blotitar, Rua D João de Castro 27-B (tel 638824.
ALVALADE — Zil, Av da Igreja, 9-D (tel 7 180) * São João de Deus, Rua Pedro Ivo, -A (tel 725 40) * Roma, Avenida de Roma, 85-B (te 772466
ANJOS — Confiança, Av Almirante Reis 46 (telef 42453)
AREEIRO — Garantia, R Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (te 727300) * Imperial, Av Guerra Junqueiro 30-B (tel 726860)
AVENIDA DA LIBERDADE — Fernandes, Rua de S. José, 87 tel 326476)
AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Avenida da República, 74-A (te 77'379) * Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45 (tel 773043 * Daiva, Avenida Duque de Avila, 25 (tel 45225)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 4 (tel 3' 2'6)
BAIRRO DA LIBERDADE — Salutar, Rua R, 15-A (tel 683694)
BAIXA — Azevedo, Rossio, 3 (tel 327478)
BENFICA — Lavinha, R Eng Paulo de Barros (ex-Rua C à Rua da Casaulha), 28-A (te 708242) * União Estrada de Benfica, 59, (te 700092) * Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (tel 7805)
CAMINHOS DE FERRO — Frazão Rua do Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel 847019
CAMPOLIDE — Pinto, Rua de Campolide, 11 (tel 6826'0)
CAMPO DE OURIQUE — Nobel Rua de Infantaria 16, 98-B (tel 688807)
CASTELO — Zíler, Rua S Tomé, 54 (te 862835)
CHELAS — Banha, Estrada de Chelas 73 (tel 38224)
ENTRECAMPOS — Alcântara, Av da República, 1 (te 6826 0)
ESTEFANIA — Mundial, Largo de D Estefânia, 9 (tel 45578)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av Infante Santo, 66-B (te 66697)
LAPA — César, Rua das Trinas 02 (te 66263)
LUMIAR — Central, Rua do Lumiar, 17 (tel 790480
* Douro, Alameda das Linhas de Torres 93-A (tel 791'3)
OLIVAIS — Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (telef 31'237)
PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, Rua da Penha de França, 58 (tel 849245) * Vitális, Rua Morais Soares, 66-A (tel 848011
PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (telefs 728395-720703)
POÇO DO BISPO — Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11-3 (te 38 36)
REGO — Baptista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (tel 77'873)
SANTO AMARO — Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (telef 638626.
S BENTO — Max Teixeira, Rua do Poço dos Negros 5 (tel 67996).
S. MAMEDE — Albano, Rua de Escola Politécnica 59 (tel 326750)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — S. Sebastião, Largo de S Sebastião da Pedreira, -9 (tel 486421
* Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (t 553468)

Linha de Cascais

ALGÉS — Almeida Nifo — Av. Combatentes G. Guerra, 64 (Tel. 212070).
CAXIAS — Nova — R Bernardim Ribeiro, -A (te. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patão Lopes, 4 (T. 2432039).
OEIRAS — Alcântara Guerreiro — Bairro Residencial Dr Augusto de Castro — Lote 0 (telef 2430591)
PAREDE — Crincho — Av. da Republica, 67 (Tel. 247'204)
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (tel 260'91).
S. PEDRO DO ESTORIL — S Pedro (tel 263052)
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (tel 280078) * A. Costa — R. Freitas 24-C (tel 2802 4)

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaca — Rua Elias Garcia, 209 (tel. 930019) * Flama — Rua Elias Garcia, 78-B (telef 932485) * Confiança — Av D Nuno Alvares Pereira, 15-A (tel. 938149)
DAMAIA — Damaia — P. Alexandre Gusmão, 9 (Tel 970523).
QUELUZ — Zeller, Rua da Republica, 83 (Telefone 950045 * Correia, L do Mercado, 3 (Tel 950905)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (Te. 29'00'2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim. (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes — L Afonso de Albuquerque (Tel 980058).
COLARES — Colares — Abreia — (Tel 299088)

Outro Sendo

ALCOCHETE — Nunes — L Coronel Ramos da Costa, 10 (tel 234'37)
ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (tel 224020).
ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 (telefone 270271).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 74 (Tel 224302).
BARREIRO — Santo Marte — R do Lavradio, 77-A (tel, 2272'41).
COVA DA PIEDADE — Atlantico — Quinta do Pombal, 1 (Tel. 274365).
MOITA — Silva Rocha — P da Republica 16 (Tel 289029)
MONTIJO — Montepio — R Almirante Reis, 93 (Tel 230035)
SESIMBRA — Leão — Av Salazar (tel 229471)
SETUBAL — Oliveira — L da Misericórdia (Telefone 22488)
SEIXAL — Soromenho, R Paiva Coelho 38 (Tel 22'8560)

PORTO

Anacleto de Barros, Rua do Loureiro 04 (Telef 35075) * Cemeira, Rua do Heroismo 90 (Telefone 52583 * Canavarro, Rua do Restauração, 53 (Tel 60754 * Confiança, Rua de Santa Catarina, 960 (Te 22884) * Costa Cabral, Rua de Costa Cabral 883 (Tel 40780) * Figueiredo, Lda., Rua de Cedofeita, 25 (T 2'620 * Fonte da Moura, Rua de Targer, 463 (Telefone 68 444) * Monte dos Burgos Rua do Monte dos Burgos, 802 (Tel 62279 * Monte Cativo, Rua Monte Cativo 444 (T 41687) * Nova Avenida, Av Hermão de Magalhães, 692 (Telefone 52250) * Padrão, L do Padrão, 342 (T 52'49) * Parente Rua das Flores 4 (Tel 2'6'') * Pombeiro, Campo dos Mártires da Pátria, 52 (Telefone 3 295 * Sá de eBndeira, Rua de Sá da Bandeira 236 (Tel 22'64) * Nacional Rua Senhora da Luz 56-Foz T. 680833)

COIMBRA

M. Nazaré, Avenida João das Regras (tel 23033) * Figueiredo, Rua da Sofia (tel 22837) * Correia, Rua Visconde da Luz (telef. 22834).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 14
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA, Telex 136
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado ou limpo nas regiões do interior e com algumas nuvens nas regiões do litoral; havia neblina em alguns locais do litoral Oeste para norte do Cabo Carvoeiro; o vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 36°,5; mínima: Sintra, 12°.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15°; Penhas Douradas, 21°; Coimbra, 16°; Portalegre, 20°; Lisboa, 18°; Faro, 20° e Funchal, 18°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 21°; na água do mar, 16°,4.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo, com excepção das regiões do litoral onde estará temporàriamente nublado durante a manhã; vento fraco a moderado do quadrante Norte; nevoeiro ou neblina locais.

Amanhã
Nascer ás 6 e 12
Ocaso às 21 e 5

Amanhã Dia 30 Dia 8 Dia 15

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 3 e 47 (3,8 m); 16 e 09 (4,1 m). **Dia 23** — 4 e 38 (3,9); 16 e 57 (4,1); **Dia 24** — 5 e 24 (3,8 m); 17 e 39 (4,1 m).
BAIXA-MAR: **Hoje** — 9 e 06 (1,0 m); 21 e 37 (0,9 m). **Dia 23** — 9 e 53 (1,0 m); 22 e 26 (0,9 m) **Dia 24** — 10 e 30 (1,0 m); 23 e 06 (0,9 m).

O VERÃO CHEGOU PONTUAL!

Estamos no Verão, que já se anunciava com promissoras esperanças no domingo cálido e soalheiro, após uma tormentosa e prolongada invernia, de tempo incerto, chuvosa e frio. Desta vez, o advento da estação estival verifica-se com pontualidade, pois entrámos no Varão á uma hora e vinte minutos de hoje — segundo se anunciava nos anais de astronomia e almanaques divulgadores.

Hoje temos um dia de sol esplendoroso e com calor, preludiando os regalos da praia e do campo. E oxalá o ciclo estival se cumpra inalterável, para nos fazer esquecer toda a desilusão do Inverno prolongado e entediante!

Segundo o boletim do Serviço Meteorológico Nacional, as chuvas em excesso e os valores da temperatura do ar abaixo do normal, que ocorreram no princípio da segunda década deste mês, prejudicaram as culturas; no entanto, a ausência de precipitação e a subida de temperatura ocorridas nos ultimos dias foram favoráveis ao seu desenvolvimento. Fizeram-se lavras, sementeiras, plantações, sachas, mondas, ceifas de cereais, tratamentos fitossanitários em vinhas, batatais e pomares, e outros trabalhos.

VAI CONTINUAR O BOM TEMPO

O Serviço Meteorológico Nacional prevê que o anticiclone dos Açores deverá continuar a influenciar o estado do tempo em Portugal continental até 5 de Julho. A antevisão é a seguinte:

Céu pouco nublado ou limpo, com possibilidades de períodos matinais de muito nublado na região costeira ocidental para norte do cabo da Roca; vento fraco a moderado do quadrante norte; condições favoráveis á ocorrência de neblina ou nevoeiro matinais; temperatura média do ar próxima dos valores normais da época.

UM ASSALTO NO BARREIRO

BARREIRO, 22 — Gatunos desconhecidos aproveitaram-se do facto de não estar casualmente ninguém em casa do sr. Manuel de Almeida Carvalho, industrial de latoaria nesta vila, para dali furtarem 1200$00 em dinheiro e todo o ouro da família: fios, medalhas e anéis de valor também estimativo.

O assalto foi praticado com arrombamento num primeiro piso do n.º 11 da Rua Vasco da Gama. A G. N. R. investiga.

Um aspecto das novas instalações nas suas primeiras horas de funcionamento

Novas instalações do Banco Nacional Ultramarino

Destinadas a servir as zonas de Algés, Belém, Pedrouços, Restelo, Linda-a-Velha e Caxias, foram inauguradas, ontem, novas instalações do Banco Nacional Ultramarino naquela primeira localidade vizinha de Lisboa. O B. N. U. prossegue, assim, o programa de renovação das suas dependências, cujo conjunto — um total de 155 — forma a maior rede bancária portuguesa.

Como é do conhecimento do público, o B. N. U. já se encontrava em Algés, mas em situação provisória, vindo agora a ocupar o gaveto das ruas Damião de Góis e Major Afonso Pala, junto ao largo da Estação.

A dependência ficará (como até agora) sob gerência de Nuno da Silva.

É AMANHÃ O DESFILE DOS PREGÕES

As Festas dos Santos Populares nos bairros típicos da cidade prosseguem até à noite de 30, com vários números, entre os quais o constituido pelo concurso das monitras.

Para amanhã, ás 19 horas — e não ás 17 como inicialmente foi noticiado — está programado o desfile evocativo dos pregões. A gente de Litboa pode assistir, desde o Largo Barão de Quintela, com passagem pelas Duas Igrejas, Chiado, ruas do Carmo e 1.º Dezembro, Rossio, Rua do Ouro e Praça do Município, onde os vendedores, figurando os ambulantes de há décadas, vão exibir os pregões perante o presidente da Câmara Municipal, que assiste ao curioso espectáculo.

Conselho de Ministros

Sob a presidência do prof. Marcello Caetano reuniu-se hoje, á tarde, em S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

FÉRIAS NA PRAIA

A «EUROPEIA» apresenta

Vacaciones

Férias de 8 ou 15 dias em qualquer das famosas praias:

PALMA DE MAIORCA — MENORCA — IBIZA — CANÁRIAS — TORREMOLINOS — COSTA BRAVA — RIMINI

desde **1420$00**

incluindo avião ida e volta (de Madrid) e hotel em pensão completa

RESERVE JÁ AS SUAS FÉRIAS NA

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235—LISBOA-2—Tel. 53 61 21

CORRIDA DE GALA À ANTIGA PORTUGUESA

M/6 anos

CAMPO PEQUENO

HOJE ÀS 21,45 HORAS

A favor da Liga Portuguesa Contra o Cancro
A que se digna assistir
o Sr. Presidente da República

CONCURSO DE GANADERIAS

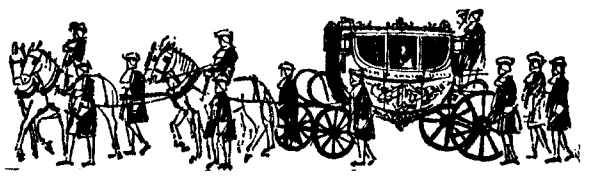
7 toiros gentilmente oferecidos pelos Herd.ºs do conde de Cabral, Manuel e Mário Vinhas, José Pedrosa, eng.º António Teixeira, Ernesto de Castro, João Ramalho e eng.º Alberto Xavier

CAVALEIROS

RIBEIRO TELLES • VARELA CID MESTRE BAPTISTA • JOSÉ NÚNCIO • SOMMER DE ANDRADE GUSTAVO ZENKL • FREDERICO CUNHA

FORCADOS

AMADORES DE MONTEMOR E DO RIBATEJO
Chefiados, respectivamente, por
António José Zuzarte e Parente de Almeida

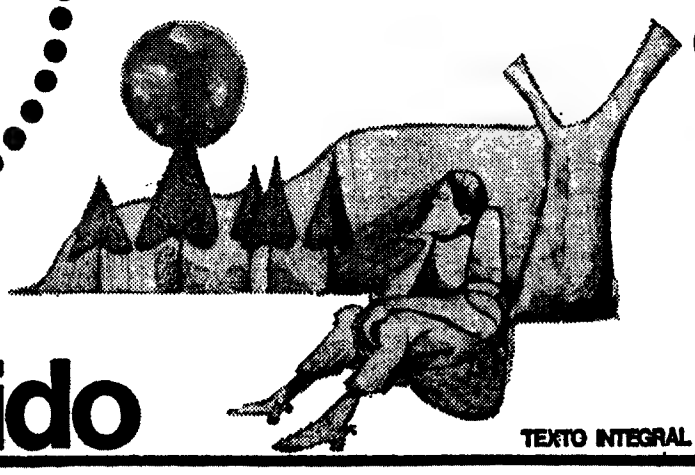


15$

Com este volume oferecemos uma capa de plástico

JOHN STEINBECK

a um deus desconhecido



esta quinzena

716

livros de bolso europa america

TEXTO INTEGRAL

Exclusivo

Pompidou e Heath. Para quando a unificação?

O FUTURO DO MERCADO COMUM

POLÍTICA ECONÓMICA E SUPRANACIONALIDADE

Como fazer cumular ao mesmo ritmo económico os países que constituem a Comunidade Europeia para evitar as divergências de evolução que se puderam observar, no decurso dos últimos anos, e atingir o objectivo da união económica e monetária? Esta a pergunta implicitamente formulada pela Comissão de Bruxelas a um «grupo de estudo das perspectivas económicas a meio termo», presidido por M. P. de Wolff, da Universidade de Amsterdão. A resposta está contida num relatório intitulado «Perspectivas para 1975 — Evolução global e problemas de política económica na Comunidade», documento de umas trezentas páginas, que o referido grupo de estudo acaba de enviar á Comissão. As incidências não só económicas como políticas daquela resposta são tanto mais importantes para o futuro da Comunidade quanto esta está prestes a alargar-se. Era, aliás, indispensável que antes de acolher novos membros a Comunidade tentasse definir o seu futuro, da maneira mais rigorosa possível, e superar a «contradição profunda», segundo os próprios termos do relatório, á qual está submetida.

Com efeito, explicam os especialistas, «a crescente interpenetração das economias nacionais e a sua cada vez mais marcada interdependência exigem uma cada vez maior convergência e uma melhor compatibilidade das políticas económicas. De facto, porém, os centros de decisão responsáveis pela gestão económica situam-se, quanto ao mais importante, no plano nacional; toda e qualquer carência na harmonização fundamental das medidas de política económica se repercute no desenvolvimento interno dos países membros».

Esta carência é tanto mais prejudicial quanto leva os Estados a recorrer a medidas de excepção, de carácter proteccionista (controle dos cambios, modificação das taxas de cambio) que provocam «tensões e desvios capazes de atrasar os objectivos comunitários». Estas tensões e desvios, acrescentam os especialistas, que redigiram o seu relatório antes da crise monetária de Maio, «à força de se renovarem podem adquirir um carácter destrutivo».

CRISES INEVITAVEIS

A harmonização das políticas económicas tornar-se-á, por outro lado, indispensável quando se realizar a união monetária em que as paridades entre divisas não poderão, em princípio, ser modificadas. Quando não, os países de moeda fraca serão ràpidamente dominados pelos de moeda forte.

Sob este ponto de vista, o exercício mais interessante a que se dedicaram os especialistas foi tentar apreciar o grau de compatibilidade entre os diferentes projectos nacionais a meio termo, ponto este em que não conseguiram pôr-se de acordo. Para uns, «não é possível constatar com segurança a existência de incompatibilidades entre os projectos nacionais» (que não negam), «que as evoluções efectivas poderiam situar-se no limite da compatibilidade». Para os outros, o risco de incompatibilidade é muito mais sério. É evidente que, com base em previsões já em si tão frágeis, tais apreciações só se podem fazer um tanto ao acaso, como quem molha o dedo para ver donde sopra o vento, e são mais ilações subjectivas do que resultado de rigor científico. O relatório, aliás, não pretende negá-lo. Pelo que se exprime nele a opinião de que «se a elaboração de um conjunto de projecções por País plenamente compatíveis sobre o plano formal é importante, muito mais o é que a política económica seja conduzida de tal forma que possa ser assegurada a compatibilidade das evoluções económicas efectivas».

No fulcro do problema encontram-se os preços. Se a sua evolução continuar a ser tão dissemelhante de país para país, como nos anos já decorridos, serão inevitáveis novas crises monetárias. O grupo de estudo partiu do objectivo fixado pelo terceiro programa de política económica a meio termo, que consiste em limitar a 2,5-3% anuais a média de aumento do nível geral de preços, no seio da Comunidade, percentagem que corresponde a um aumento de 2,3-2,8% para os preços de consumo (ou custo de vida).

Com base nesta orientação média, os especialistas calcularam para cada um dos Seis uma orientação particular para levarem em conta os projectos nacionais (ver o quadro). Podem, assim, distinguir-se três grupos de países:

1) PAÍSES CUJA ORIENTAÇÃO É IGUAL À ORIENTAÇÃO MÉDIA. Trata-se da França, da Itália, dos Países Baixos e do Luxemburgo.

● Para a França, a projecção nacional corresponde ao limite superior da referida orientação. Este País encontra-se, pois, no limite da compatibilidade. Para não sair dele, é necessário que «as políticas de estrutura (nomeadamente

→

A violência em França toma proporções sur preendentes e «esconde um mal-estar profundo e difícil de analisar». Numa série de dois artigos, Gilbert Compte sintetiza os estudos a que procedeu acerca da questão. (Pág. Co

A fim de resolver o problema dos fundos que permitam fazer face ás despesas da campanha eleitoral, os membros do Partido Democrático norte-americano julgam ter encontrado uma fórmula satisfatória: o «níquel por voto». Será? (Págs. 8 e 9)

A guerra do Vietnam prossegue na sua marcha impiedosa de sofrimentos, de lutos e de dores. Entretanto o Vietnam do Norte, na sua inalterável persistência e eficácia, reafirma as condições de paz, através de declarações do chefe da sua delegação ás conversações de Paris. (Ler na pág. 11)

POLÍTICA ECONÓMICA E SUPRANACIONALIDADE

em matéria de emprego) e de concorrência consigam transformar, progressivamente, as principais relações e os principais comportamentos tradicionais».

● Em Itália, a projecção nacional encontra-se, como o Luxemburgo, a meio do gráfico, e «parece perfeitamente possível no plano estrutural».

● A projecção dos Países Baixos ultrapassa o limite superior do gráfico comunitário, sem que, no entanto, aquele tenha sido modificado. Com efeito, foi nos Países Baixos que mais subiram os preços de 1960 a 1970. «É difícil conceber que tal evolução possa continuar indefinidamente», fazem notar os especialistas. Por outras palavras, sob pena de incoerência, os preços holandeses deverão entrar dentro dos limites ou, pelo menos, não divergirem mais do que o previsto pela projecção nacional.

2) PAÍSES CUJA ORIENTAÇÃO É SUPERIOR A ORIENTAÇÃO MÉDIA. É o caso da Bélgica, para a qual os especialistas tiveram de aumentar os valores do gráfico, porque a projecção nacional belga era muito superior à média comunitária. Mas, mesmo assim, a projecção nacional ultrapassa o limite superior da compatibilidade, e os belgas, tal como os holandeses, terão de fazer um esforço particular para entrarem na fila.

3) PAÍSES CUJA ORIENTAÇÃO É INFERIOR A ORIENTAÇÃO MÉDIA — Trata-se da Alemanha Federal, cuja projecção nacional é tão baixa que os especialistas tiveram de rectificar, diminuindo-os, os valores do gráfico. Mesmo após esta adaptação, a projecção alemã continua a situar-se quase junto ao limite inferior do gráfico. Objectivo «ambicioso», fazem notar os especialistas, «mesmo levando em conta as condições prevalecentes na Alemanha». «Entretanto», acrescentam eles á maneira de aviso, «um regresso á estabilidade dos preços, que seria obtida por uma excessiva flexão da actividade... ameaçaria, gravemente, a compatibilidade; seria diferente se a opção de estabilidade... fosse abrandada ...». O leitor fica com a impressão de que os especialistas, com vista á «compatibilidade», desejariam que os alemães se mostrassem um pouco menos razoáveis!

O EFEITO DO AVISO

Não nos podemos libertar de uma certa impressão de gratuitidade, perante este exercício. Existe uma tal diferença entre as taxas de inflação reais sofridas no decurso dos anos anteriores e as taxas projectadas que se acaba por duvidar da plausibilidade desta «comunidade de estabilidade», «programada» pela comissão. «Parece», sublinham os especialistas, «que» (nas projecções nacionais) «certas taxas de aumento dos preços foram fixadas a um nível mais baixo do que aquele com que se pode contar», para evitar aquilo a que os especialistas chamam um «efeito de aviso» (os agentes económicos, antecipando a alta dos preços, com tanto mais segurança quanto aquela é oficialmente anunciada, aceleram, com isso, a inflação). Lembramo-nos de que, por receio de um tal efeito, os especialistas da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico (O. C. D. E.) renunciaram, em fins do ano passado, a publicar as suas previsões de preços. Não será de perguntar se os números da Comunidade não foram, eles também, estabelecidos tendo em conta o tal «efeito de aviso»?

As orientações comunitárias são tanto mais frágeis quanto uma das hipóteses que serviram para as definir é a de que os preços no exterior do Mercado Comum não aumentarão mais de 3% por ano. Se a inflação mundial fosse mais forte, «seria preciso prever», afirmam os especialistas, «que para a Comunidade no seu conjunto, os problemas ligados á aparição de um desequilíbrio de tipo excedentário se pusessem, a longo prazo, de maneira semelhante aos que se observaram no passado, nomeadamente na Alemanha. Numa tal perspectiva, a meio ou longo termo, a opção de estabilidade da Comunidade não poderia, provàvelmente, ser realizada a não ser pelo recurso a uma maior flexibilidade comum da taxa de cambio ou por modificações comuns de paridades em relação ao resto do Mundo».

EXISTIRÁ UM INTERESSE GERAL COMUNITÁRIO?

«Isto pressupõe, todavia», acrescentam, «não só que a personalidade da Comunidade no domínio monetário seja consideràvelmente desenvolvida mas também que a política económica de cada País membro esteja em medida de defender a opção comunitária de estabilidade com possibilidades de êxito muito semelhantes. Ora, se transpusermos as experiências do passado para o período de 1970-1975 os movimentos conjecturais diferentes e uma «vulnerabilidade» diversa face ás tendências para a alta do nível geral dos preços poderiam provocar, no interior da Comunidade, evoluções de preços demasiado divergentes para serem reversíveis: estes aumentaram, a longo prazo, o risco de ver estabelecer desequilíbrios exteriores assim como novas modificações de paridades no seio da Comunidade.»

Estando o problema assim posto e bem, a compatibilidade das políticas económicas dos países do Mercado Comum não poderia deixar de levantar a questão política das instituições comunitárias. «O grupo de estudo não tem que formular recomendações em tal matéria», pode ler-se no fim do relatório. Foi, no entanto, de opinião, por grande maioria — mas não por unanimidade, sublinha-se — que o exame dessa compatibilidade seria incompleto se se não interrogasse sobre o funcionamento do sistema.

Seria tudo muito mais simples se se pudesse definir um interesse geral para a Comunidade, ou, ainda, uma escala de preferências comunitárias. Ora já é difícil, sublinham com justiça os especialistas, para cada nação estabelecer uma tal escala. Esta nem sequer é coerente ao longo do tempo, devido a remodelações governamentais, ás eleições, ás crises políticas ou sociais. E os especialistas citam o exemplo de Maio de 1968, para a França, e o Outono quente de 1969, para a Itália. «Os efeitos destas crises sobre a evolução económica», fazem eles notar, «não são previsíveis e ainda menos, acessíveis á coordenação.»

Também «a relação (dos sistemas nacionais) com o sistema de preferência embrionário da Comunidade só se pode estabelecer «ad hoc», pois que a responsabilidade pelos erros técnicos e políticos continua a situar-se a nível nacional».

NASCENÇA DE UM NOVO «LEVIATHAN»

Coerentes consigo próprios, os especialistas afirmam logo a seguir: «A tomada em consideração da dimensão comunitária no processo político das tomadas de decisão é, contudo, um pré-liminar para o indispensável desenvolvimento do sistema de preferências comunitárias e pela sua adaptação ou exclusão da situação.»

Por isso, não nos surpreendemos ao ver nascer sob as palavras dos especialistas um novo «Leviathan», que se mostra já mais do que embrionário. «Os problemas das regularizações globais são, por força das coisas, postos ao nível mais alto, seja qual for a repartição jurídica das competências. Outros domínios da política económica, como, por exemplo, a orientação da política estrutural, podem ou devem ser tratados, pelo menos sob a forma de uma orientação-básica, ao nível das decisões superiores.»

E aqui temos o domínio comunitário a alargar-se, mesmo que seja definido, a seguir, como «o mínimo necessário para se pôr em comum as políticas económicas.» Como escrevia A. Kervyn de Lettenhove, há já treze anos, em «Aspectos do Mercado Comum» (citado pelo relatório): «Isto não garantiria o valor das decisões, mas se se devem conhecer erros é necessário que seja sobre a base duma decisão colectiva, doutro modo o sistema tornar-se-á politicamente inviável. Não se pode aceitar ser solidário com o vizinho se não se tiver direito a dizer qualquer coisa sobre os seus problemas.»

Em resumo, a compatibilidade das políticas económicas pressupõe um certo grau de supranacionalidade. Todavia, sem duvida para que se não grite «olha o lobo, olha o lobo», os especialistas evitam, cuidadosamente, empregar aquele termo, que, com efeito, se tornou *tabu*, de há uns anos para cá

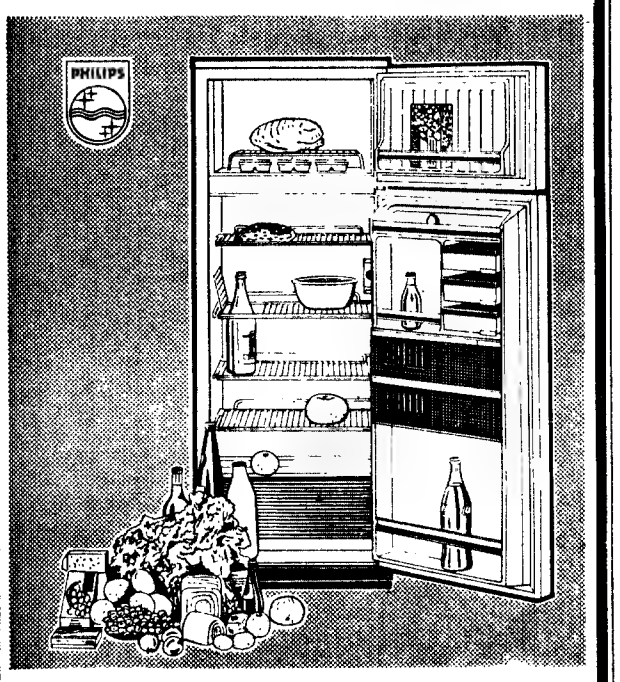
Mas, nas vésperas do alargamento do Mercado Comum, podemos-nos perguntar — e lamentar que os especialistas nem sequer se tenham posto a questão — se os riscos de incoerência e incompatibilidade das políticas económicas dos dez países não serão ainda mais perigosos e se, para os reduzir, não será indispensável dotar as autoridades comunitárias de poderes supranacionais ainda mais fortes. A lógica do relatório impõe aos leitores respostas afirmativas àquelas duas questões.

Mas aceitarão os Estados perder uma parte tão importante da sua soberania e não conhecerá, por isso, a Comunidade ampliada crises muito mais graves do que as que o Mercado Comum tem sofrido, desde a sua fundação? É um dos méritos deste relatório obrigar os «europeus» a porem-se tais pontos de interrogação.

EVOLUÇÃO DOS PREÇOS DO CONSUMO
Percentagem de alta anual

	1960-70	1970-1975	
	Tendência anterior Em %	*Projecções nacionais Em %*	*Orientação comunitária Em %*
Alemanha Federal...	2,8	1,9	1,8-2,3
França	4,1	2,8	2,3-2,8
Itália	4,0	2,5	2,3-2,8
Países Baixos	4,2	3,2	2,3-2,8
Luxemburgo	2,6	2,5	2,3-2,8
Bélgica	2,9	3,9	2,6-3,1
Média C. E. E.	3,6	2,5	2,3-2,8

no espaço desejado o frio apetecido



faça num só dia as compras para toda a semana

Agora pode escolher o dia e o momento para fazer as suas compras. É possível que não ocupe todo o espaço que o frigorífico Philips lhe oferece, mas pode ocupar de outra forma o tempo precioso que perdia nas suas compras diárias.

TORNE MAIS ÚTEIS OS SEUS DIAS ÚTEIS

tenha em sua casa um frigorífico

PHILIPS

VIAGENS LONGO CURSO 1971

ITINERÁRIOS CUIDADOSAMENTE ESTUDADOS COM O FIM DE PROPORCIONAR AOS PARTICIPANTES UMA RECORDAÇÃO INESQUECÍVEL E AGRADÁVEL

CULTURAS E PAISES EXÓTICOS

POVOS E RAÇAS ANTÍPODAS CIVILIZAÇÕES DIFERENTES são os aspectos mais salientes de uma viagem de longo curso

ESTADOS UNIDOS e CANADA	16 dias	17.950$00
O CONTINENTE AMERICANO	25 dias	47.310$00
A TERRA SANTA	7 dias	9.850$00
O LESTE EUROPEU	16 dias	17.440$00
O CEILÃO e o NEPAL	17 dias	29.250$00
O FASCINANTE ORIENTE	24 dias	38.500$00
A AUSTRÁLIA e os MARES DO SUL	32 dias	66.100$00
A ÁFRICA DO SUL e a RODÉSIA	27 dias	36.950$00
ROMÂNTICA BALI	21 dias	31 550$00

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO

Informações e reservas em

SETÚBAL — Avenida 5 de Outubro — Telef. 23291

BELOS Turismo

LISBOA — Rua da República — Telef. 24254

BOGOTÁ

COLÔMBIA: IMOBILISMO E DESCONTENTAMENTO POPULAR

Por PHILIPPE LABREVEUX

O sr. Misael Pastrana Borrero, eleito presidente da República colombiana, em 19 de Abril de 1970, e em funções desde 7 de Agosto do mesmo ano, tem a convicção de ter realizado uma obra util. «O país conhece agora o essencial das reformas anunciadas no programa de Frente Nacional» (a coligação governamental) —declarou-nos ele. «Submetemos os nossos projectos ao Congresso e estudamos os mecanismos que permitirão pô-los em prática».

A despeito destes propósitos, o ritmo de trabalho do Governo Pastrana contrasta com o do seu antecessor. No decurso dos primeiros cem dias do seu mandato presidencial, o sr. Carlos Lleras Restrepo tinha imprimido o seu cunho sobre o curso dos acontecimentos. Decorreu um ano após a eleição do sr. Pastrana e nove meses depois de ele ter assumido a suprema magistratura: é preciso admitir que se verificaram poucas realizações.

Todavia, as dificuldades estão aplanadas. O Governo Lleras Restrepo tinha saneado as finanças do país, reforçado por meio de uma reforma constitucional os poderes do executivo e, ao reorganizar a administração, dotado o Estado de um instrumento mais eficaz para um desenvolvimento acelarado. A taxa de crescimento do produto bruto interno ultrapassou 7% em 1970. (Para dizer a verdade, o Governo de «transformação nacional» do sr. Lleras Restrepo não cumpriu todas as suas promessas: o crescimento da economia, em 1970, permitiu evitar um aumento do desemprego, e o número dos sem emprego cresceu durante o seu mandato.

REFORMA URBANA E AGRÁRIA

Ao consolidar a obra do seu predecesor, o Governo da «Frente social» do sr. Pastrana propos se satisfazer as necessidades imediatas do povo: «Aquando da última temos ao Congresso os projectos mais urgentes: um projecto de reforma urbana destinado a evitar a especulação sobre os terrenos para construção, que queremos utilizar para habitações populares; uma reforma da educação destinada a acelerar a mobilidade social; uma reforma do Seguro Social, a fim de tornar extensivos os seus benefícios a novas profissões; uma reforma jurídica que porá os advogados ao serviço dos pobres, para que estes possam efectivamente exercer os seus direitos».

O presidente Pastrana Borrero, da Colômbia, durante uma recente visita a Espanha, na companhia de Palomo Linares. Querer os fins, opondo-se aos meios

Desde a sua chegada ao poder, o presidente Pastrana nomeou uma comissão encarregada de elaborar um balanço da reforma agrária, questão que domina os debates dos políticos: «Desejamos eliminar os obstáculos jurídicos à execução da reforma agrária, que impediram até agora que ela seja posta em execução, como o país reclama — declarou-nos o sr. Pastrana. Trata-se de delimitar as terras actualmente cultivadas, que poderão ser redistribuídas aos camponeses, preparar os instrumentos jurídicos susceptíveis de facilitarem as expropriações e, por último, reduzir o custo destas para o Estado. O Governo projecta igualmente cobrar um imposto sobre a renda «potencial» da terra.»

Estes projectos, assim como um plano trienal de investimentos públicos, são objecto de estudo pelo Congresso. Mas enquanto aguarda a próxima reunião dos parlamentares, em Julho, a população manifesta a sua impaciência: desordens de Cali, em Fevereiro, greve geral organizada por duas das três centrais sindicais colombianas, em 8 de Março, invasão de «haciendas» por camponeses membros da organização dos utentes dos serviços agrícolas, tudo isto são avisos para um Governo cujo imobilismo é, sobretudo, útil aos favorecidos.

NÃO ADMITIMOS AS DESORDENS

A repressão dos descontentes não se fez esperar. Apenas poupou os camponeses e os seus dirigentes, todavia, independentes do Governo. «Estamos dispostos a levar a efeito alterações sociais — disse-nos o sr. Pastrana, mas não permitiremos que a desordem e a subversão invadam os nossos princípios e as nossas instituições.»

O presidente da República é um acérrimo defensor destas instituições. «O nosso sistema baseia-se na democracia parlamentar — afirmou-nos ele. O poder executivo não poderia ignorar os mecanismos do Congresso.»

O sr. Pastrana quer os fins — ainda que os seus projectos de reforma pareçam extremamente modestos em relação aos dos interessados, particularmente dos camponeses —, mas opõe-se aos meios. Contudo, desde que o estado de sítio foi decretado em Fevereiro, dispõe de poderes mais latos: mas não deseja servir-se deles para legislar nos sectores económico e social.

Num país que tem vivido quase sem interrupção num estado de excepção, o legalismo do presidente contribui para desacreditar ainda mais o «sistema», isto é, a «Frente nacional», constituída em 1954 pelos Partidos Liberal e Conservador, a fim de pôr termo à «violência», tradicional neste país, e à «ditadura» do general Rojas Pinilla.

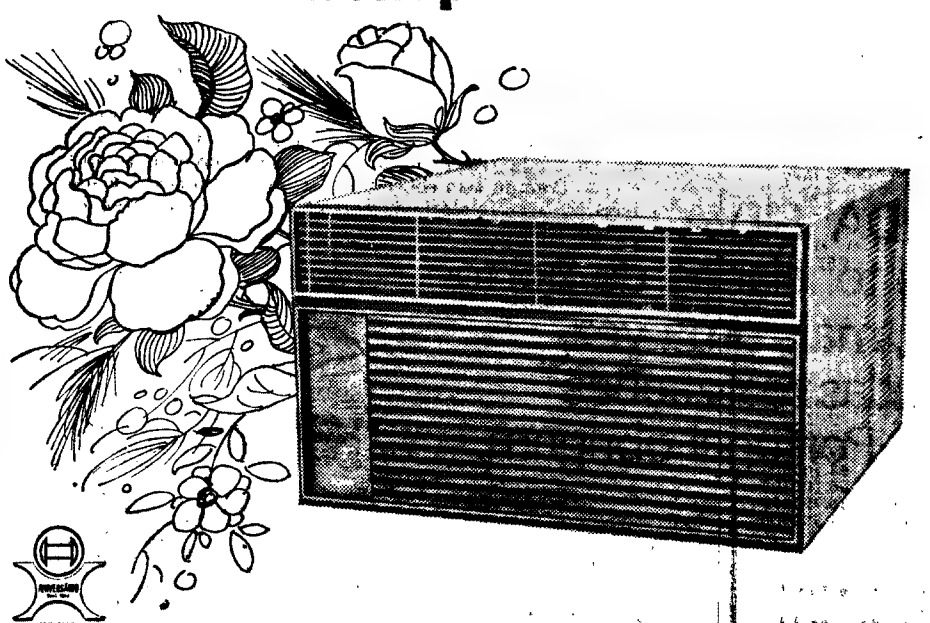
Esta coligação da Frente Nacional deve terminar no fim do mandato presidencial do sr. Pastrana, o qual apresenta a seu respeito o seguinte balanço: «Num país acostumado, desde há cento e cinquenta anos, à rivalidade das suas duas grandes colectividades históricas, não foi fácil pôr termo a uma guerra civil larvada. Esta paz que obtivemos, não cessámos de a consolidar. Doze anos após a assinatura do pacto entre os dois partidos, é possível governar com eles.»

O movimento a favor do antigo ditador Rojas Pinilla, na eleição presidencial de Abril de 1970, não inquieta excessivamente o presidente Pastrana. «A participação eleitoral cresceu consideràvelmente, explicou-nos ele. Se a A. N. A. P. O. (Aliança Nacionalista Popular do General Rojas Pinilla) progrediu, o mesmo aconteceu com as forças da Frente Nacional. Divididos aquando da eleição, estas forças revelam, hoje em dia, tendência para restabelecer a sua unidade.»

Resta acrescentar que, para a maioria da população, liberais e conservadores tanto faz dar-lhe na cabeça como na cabeça lhe dar. O antigo presidente, sr. Lleras Restrepo, tem consciência do facto. É esta a razão por que deseja renovar, até 1974, o Partido Liberal e insuflar-lhe ideias socializantes. Mas o sr. Pastrana que, como ministro do Interior no Governo antecedente, tinha contribuído para combater os políticos tradicionais, corre o risco de se deixar desorganizar por eles. O sr. Lleras Restrepo fazia-se «respeitar»: teve um «pulso de ferro» tanto para os notáveis e favorecidos como para os descontentes (estudantes e operários organizados). Deste modo, beneficiou de vasto consenso entre os eleitores. A situação do sr. Pastrana é diferente: o imobilismo do seu Governo desagrada a todos, posto que recorre abertamente à força para evitar imprevisíveis excessos das paixões.

PAPIRAL

ar condicionado
BOSCH
a temperatura do conforto



sistema "copyrapid"
cópia à medida das exigências

É notável o progresso alcançado no campo da cópia. Pela sua versatilidade e qualidade, o sistema «COPYRAPID», bom exemplo desse progresso, mantém-se fora de confronto.

Para cada caso há soluções «Copyrapid» á custos irrisórios.

Desde a simples fotocópia de um documento até à cópia em chapa de alumínio ou cartão para offset, o sistema «Copyrapid» oferece-lhe as suas numerosas possibilidades:

Pedidos de folhetos técnicos e demonstrações aos distribuidores «Copyrapid» ou a

AGFA-GEVAERT

LINDA-A-VELHA Tel. 2 19 00 31 (5 linhas) PORTO Tel. 2 45 05/6

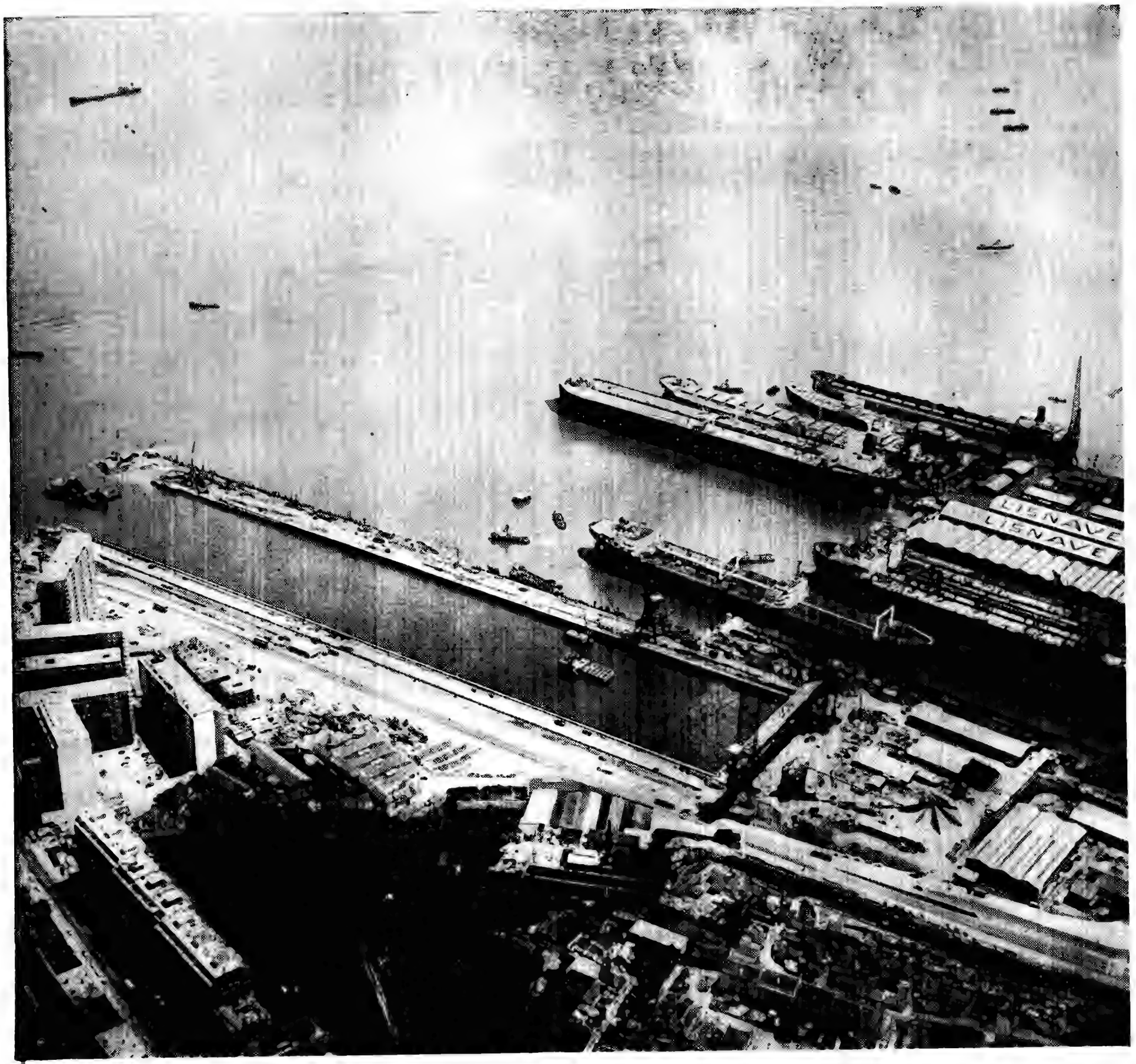


FOTO PENHA

θLISNAVE

Inaugurando a
DOCA ALFREDO DA SILVA
para navios de um milhão de toneladas de porte,
a Lisnave orgulha-se de, mais uma vez,
continuar na vanguarda das realizações
a que as tradições navais de Portugal obrigam.

QUARTO ANIVERSÁRIO DO ESTALEIRO NAVAL DA MARGUEIRA 1971 CENTENÁRIO DO INDUSTRIAL ALFREDO DA SILVA

FRANÇA:
A REALIDADE PRISIONAL ESTÁ MUITO LONGE DOS PRINCÍPIOS ENUNCIADOS

Por PHILIPPE BOUCHER

O Grupo de Informação sobre as Prisões em França (GIP), criado em Fevereiro último, ao mesmo tempo que uma comissão oficial encarregada de estudar os critérios de atribuição do regime especial de encarceramento, tornou público, no passado dia 4 de Junho, o primeiro balanço das suas actividades, sob o título «Inquérito em vinte prisões»; este documento será seguido, dentro em breve, de um outro estudo sobre a penitenciária de Fleury-Mérogis, intitulado «Inquérito numa prisão modelo».

«Ao fazerem greve da fome, no Inverno passado», explica-se na introdução do primeiro fascículo, «os militantes políticos encarcerados deram uma nova forma àquilo que ainda não passava de um surdo mal-estar. Reuniram à volta da sua acção muitos detidos; provocaram, no exterior, um movimento contra as condições prisionais.»

Os métodos que levaram á redacção daquela brochura são, deliberadamente, informais, mas têm um precedente, sublinha-se no fascículo, que traz á colação os inquéritos empreendidos, no séc. XIX, sobre as condições de vida do proletariado, inquéritos esses levados a cabo por elementos da classe operária. Os inquéritos actuais assentaram em dois princípios. O primeiro levou á constituição de quatro grupos de trabalho, correspondentes ás quatro prisões da região parisiense: a Santé, Fresnes, a Petite Rouquette e Fleury-Mérogis. O segundo provocou a reunião de indivíduos interessados em se debruçarem sobre uma questão particular, independentemente do estabelecimento prisional: as condições de trabalho ou, ainda, as relações com a magistratura ou os advogados.

Distribuiram-se uns mil questionários, especialmente á entrada das prisões, aos familiares que iam visitar os detidos. A princípio isso foi bastante mal acolhido pelas pessoas, que se recusavam a servir de objecto de estudo. Muito depressa, porém, graças, em especial, aos elementos mais jovens do GIP, as reacções se tornaram favoráveis, a ponto de os questionários serem difundidos mesmo quando as pessoas que os tinham levado eram interpeladas pela Polícia, como foi o caso, no dia 1 de Maio, de Michel Foucault, professor do Colégio de França.

É verdade que a administração prisional parece não se sentir muito satisfeita, ao ver que há quem se interesse por seguir, demasiado de perto, o seu funcionamento, sem se limitar aos exemplos, tantas vezes citados, das cadeias mal aquecidas ou da má alimentação. É evidente, com efeito, que o encarceramento, sanção que se basta, largamente, a si própria é acompanhado, por parte das autoridades de todos os níveis, por vezes exteriores ao sistema prisional, de comportamentos difíceis de descrever, e ainda mais difíceis de combater. É neste sentido que o inquérito tem o seu valor, reconhecendo-se que conferir ao encarceramento, em princípio uma função educativa e, nunca, «a priori», punitiva, nada é se os pormenores do dia-a-dia esvaziarem do seu conteúdo o princípio da reeducação.

EM NOME DE QUE?

Assim, compreende-se mal que os salários distribuídos aos presos sejam tão baixos, a ponto de tornarem ridículas as tarefas que se pretende remunerar. Numa cadeia de província, «por cem dúzias de alfinetes-de-ama espetados e metidos numa caixa, o preso recebe 1,25 F (6$25). Um detido bem adestrado, trabalhando oito horas, consegue fazer duas caixas por dia, o que corresponde a 2,5 F (12$50). O concessionário vende as cem dúzias a 150 F (750$00)». Este concessionário, deve notar-se, pode estar de tal modo inserido na administração que lhe chega a ser reservado um escritório dentro da prisão.

O inquérito do GIP cita um caso desta natureza, na cadeia de Caen, onde um fabricante de espaldares de cadeiras se permite acusar, junto dos guardas, a escassa actividade de certos presos, que chegam a ser castigados. Esta necessidade de rendimento, presente até num mundo que se suporia preservado das preocupações de rentabilidade, características da sociedade contemporanea, arrasta consigo o seu inevitável corolário: os acidentes de trabalho. A propósito daquele estabelecimento de Caen, os inquiridores do GIP citam as declarações de um preso: «Há uns anos, veio um tipo de Château-Thierry (centro médico-psicológico da administração prisional) Tinha ido para lá porque sofria da cabeça. Quando voltou, era um morto-vivo: drogado, até á raiz dos cabelos, com tranquilizantes. Via-se bem que não dominava os gestos. Parecia um autómato a andar. No dia seguinte á chegada, puseram-no á frente de uma máquina muito difícil. Avisei o contramestre (ao serviço do patrão, um estranho ao estabelecimento) de que aquilo não era possível. Claro, não me ligou nenhuma. Foi nessa mesma manhã. O homem ficou com a mão direita esfacelada. Sei muito bem o que estou a dizer, porque fui eu quem varreu os pedaços.»

É nestes termos que um preso formula a conclusão que se pode extrair deste primeiro inquérito: «As reformas prisionais não se podem empreender só em si, dependem, inteiramente, das reformas da polícia e da justiça. Agir doutro modo é serrar a árvore em pranchas, antes de a deitar abaixo. O sistema penitenciário faz parte de um outro, mais amplo, que se chama justiça.» E acrescenta: «Que um infractor recorra á violência, ao roubo até mesmo ao assassínio, isso só o compromete a ele. Um magistrado que emprega métodos semelhantes, a falsidade, o encobrimento de violências policiais, a recusa de objectividade, compromete um sistema inteiro, toda uma civilização. Se a justiça emprega os mesmos métodos do homem que julga, em nome de que é que o faz?

RELÓGIOS
FIRMA DISTRIBUIDORA

Pretende-se, idónea, para despertadores e relógios de parede, de marca conceituada e preços competitivos.

Resposta à este jornal ao n.º 842.

SOCIEDADE «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas.

VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES

Válidos para 10 semanas

Descrições que criam um verdadeiro «racismo antijovens»

ESTABILIDADE QU

Por PIERRE VIANSSO

«Não se passa nada», queixa-se o bom cidadão, preocupado com a vida pública do país, pronto para o compromisso qualquer que seja o seu sentido, segundo a fórmula da moda, do satisfeito ou descontente com os seus governantes. «A revolução marca passo», descobre melancòlicamente o antigo combatente das barricadas de Maio de 1968, desde há muito desmobilizado e que não consegue tomar verdadeiramente a sério, do alto dos seus vinte e três ou vinte e quatro anos, a agitação dos mais novos, os alunos liceais. «Assuntos correntes, mas nada de verdadeiramente novo e nem indício de perturbações no horizonte», repetem à porfia, para se lamentarem ou congratularem com o facto, o deputado da maioria e o da oposição, o sindicalista operário e o chefe de empresa, o jornalista político e o perito diplomático. «O senhor ministro do Interior poderá anunciar em 1 de Junho que o mês de Maio acabou...», advertiu, satisfeito e tranquilizador, o próprio presidente da República no decurso de um recente conselho de ministros. Que poderemos acrescentar? Nalgumas palavras, tudo está dito

Quase que se não encontra, de longe em longe, um exaltado ao qual, parece, uma árvore esconde a floresta e que se agasta, alarma ou reconforta a golpes de predições apocalípticas sobre a Europa, a moeda, a inflação, a reivindicação, a violência... Esta singular personagem espanta, irrita e incomoda: para quê encolerizar-se assim! A Páscoa foi cinzenta, o Pentecostes chuvoso, esperemos que o Verão seja bom e as férias agradáveis; e, para já, que faz o Poder para melhorar a circulação?

Com um olho percorrem-se os títulos dos jornais, ouve-se com uma orelha distraída, sem os escutar, os boletins de informação: a reforma comunal, a reforma aos sessenta anos, a unidade de dois ou três das esquerdas, o sr. Sadate e a sr.ª Faure que..., o Concorde e o Tupolev, algumas greves, novos incidentes em..., mais um rapto, a droga, e o caso Le Mire, e o caso Jaubert — ora! factos diversos... Não, decididamente, nada de novo.

NEM CRISES NEM AGITAÇÕES

Assim tranquilamente certos, crêem eles, da estabilidade à direita, à esquerda e noutras direcções, protegidos, pensam, das grandes agitações económicas, monetárias e sociais, nem completamente felizes e descontraídos — mas quem pode está-lo totalmente, neste mundo estranho? — nem realmente infelizes e preocupados, os franceses, na sua maioria e quase só com raríssimas excepções, encerram-se num casulo de egoísmo sagrado e de indiferença resignada ou digestiva.

Contudo, ao mesmo tempo, os acontecimentos não param, as situações evoluem, os homens mudam, e com eles todo o cenário da vida nacional. Mais subtis do que espectaculares, mais silenciosos do que barulhentos, difíceis de rodear e quase impossíveis de medir, estas mudanças, ou, melhor, estas escorregadelas, afectam não só o panorama político, a actividade económica e o mundo exterior como as relações sociais, os sistemas de vida, o estado de espírito e os costumes. São bastante numerosos e sérios para que seja lícito interrogarmo-nos sobre se a famosa estabilidade que experimenta ou parece experimentar actualmente o nosso país não é tão perturbadora como o foi a desordem dos anos precedentes, desde 1965 pelo menos ou mesmo desde que, em 1962, a França deixou de ser uma potência colonial e adoptou um regime presidencialista de tipo inédito. Que as pessoas julguem.

DUAS PÁGINAS VOLTADAS

A redistribuição das cartas e dos lucros do jogo nos passatempos africano e europeu está no auge. O fim dos interesses petrolíferos franceses na Argélia com todas as revisões que corre o risco de provocar ou que já provoca, o alargamento próximo e provável da Comunidade Europeia á Grã-Bretanha e a três outros parceiros, não poderiam passar por ligeiros retoques feitos na rede de compromissos, de alianças e de trocas que liga a nação.

A página foi, segundo tudo leva a crer, voltada, seja o que for que aconteça, sobre cento e quarenta anos de relações

VIOLÊNCIA EM FRANÇA—1

Por GILBERT COMPTE

«Não podemos admitir a violência, mas ela esconde um mal-estar profundo e difícil de analisar»—declarava, recentemente, ao receber o ministro francês da Educação Nacional, o sr. Armand, presidente de uma das duas grandes federações de alunos do ensino público. É da análise deste mal-estar em França que se ocupa Gilbert Compte, num estudo em que exprime com inteira liberdade os seus pontos de vista pessoais.

A França entrega-se, desde o Inverno, a temíveis efervescências. Através dos seus derivativos vulgares, a sociedade da abundância mantém ainda a massa do povo em consolidações tranquilizadoras. Com o regresso do sol, os automóveis dos pobres e dos ricos reconstituem nas auto-estradas a procissão nacional dos «week-ends». Estes pacíficos automobilistas transformam-se, todavia, em irredutíveis facciosos quando consideram que os seus direitos não são reconhecidos. Desde três anos, profissões inteiras passaram, assim, diversas vezes, da apatia á histeria com uma rapidez surpreendente.

Detentores do poder abdicam das suas obrigações comunitárias

A despeito dos recentes esforços do primeiro-ministro, a V. República permanece intelectualmente desarmada perante as manifestações de uma crise cuja lógica interna ela não compreende. Quando os motins acabam em Lille para renascerem em Toulouse, qualquer notável U. D. R., cuja notoriedade está em declínio, incrimina a acção clandestina de misteriosos agitadores profissionais, sem conseguir designar um único. Quando os «revolucionários» denunciam o carácter vetusto das salas de aula, mas se encarniçam em motivo contra os edifícios novos, vozes melancólicas se elevam da maioria e denunciam em termos vagos as «depredações», o «vandalismo», próprios, segundo eles, dos países industrializados. No Parlamento, o primeiro-ministro falou assim dos Estados Unidos. Mas nenhum dos seus colegas, frequentemente tão faladores, se aventura a dizer por que razão, desde o Outono, as desordens assumem um aspecto mais grave em França do que em Inglaterra ou na Dinamarca.

DO SUICÍDIO À AGRESSÃO

A dar crédito à esquerda e aos centristas, o desespero eclodiria em virtude de não poder exprimir-se em pacíficos debates parlamentares. Mas um regime dos partidos mais autêntico do que o da IV República não poupa a Itália a perturbações mais graves. Os extremistas responsáveis por numerosos incidentes proclamam eles próprios que «o poder se encontra nas ruas, não nas urnas».

Efectivamente, o crescente desnível provocado pela produção moderna entre o ritmo biológico e os imperativos da técnica ou da economia desagrega, sem dúvida, muito mais a harmonia social do que um mau sistema político. Os computadores e a racionalização intensiva poupam ás empresas muito tempo e fazem-lhes ganhar muito dinheiro. Mas, em contrapartida, exigem do pessoal uma cadência de trabalho intelectual e físico, até mesmo de esquecimento, dificilmente compatível com as identidades animais dos reflexos naturais. Da oficina ao escritório, todos realizam a fatigante prova, simultaneamente rotineira e variável, no holocausto de si próprios. Não sem se imolarem antecipadamente a proezas prometidas ao nada pelo progresso das estatísticas. As depredações estúpidas, os desenhos obscenos ou os contestantes em delírio que misturam sexo e revolução não patenteiam apenas o esgotamento das suas doutrinas. Manifestam, igualmente, o bramido instintivo da carne, ferida não pela «moral burguesa», que se tornou muito compreensiva acerca dos costumes desde que disso extraia dinheiro, mas comprimida, extenuada pela própria civilização tecnológica.

Simultaneamente, a inflação diária de notícias, trágicas ou insípidas, provenientes de todo o mundo, instala nos espíritos um misto equívoco de impotência e de insensibilidade, por intermédio da televisão. A interpretação contemporânea dos valores agrava a confusão. Em determinada cadeia de rádio periférica, os sons endiabrados de um alegre reclame comercial sucedem-se em dois segundos ao anúncio de uma catástrofe. Ora, o homem, ser tumultuoso e frágil, tem necessidade de unidade nos sentimentos para se sentir em equilíbrio. Muito cruelmente magoados por um século irrisório e funebre, alunos do liceu suicidam-se pelo fogo. Outros, mais agressivos ou menos desesperados, procuram numa violência elementar a ilusão divina de não sofrer sem cessar o absurdo.

A geração precedente tem dificuldade em compreender estas explosões acompanhadas de fanfarronadas, quando as compara com o seu próprio passado. Muitos adultos recordam uma época em que a vida impunha provações penosas mas diferentes da indefinível indecisão de alma atribuída aos jovens ou aos viajantes do metropolitano superlotado.

Mas não basta comparar os progressos de hoje em dia com as insuficiências de ontem para convencer toda uma juventude de que desabrocha no melhor dos mundos. Com uma indiferença muito natural, ela não se preocupa com as misérias de antanho, tal como os seus parentes mais velhos do desastre de Trafalgar. As satisfações materiais não são suficientes para ninguém. Através da «revolução», muitos adolescentes procuram o absoluto susceptível de dar um sentido á vida tornada vegetativa pela sociedade de consumo.

DOENÇA COMUM

Através de fracassos estranhamente paralelos quatro gerações esgotavam durante este tempo, até ao tédio, os grandes monoteísmos temporais nascidos no século dezanove sobre a morte de Deus, quer se trate da esperança socialista, da fraternidade nacional ou das instituições representativas. Sociólogos, filósofos esclarecedores e tecnocratas puderam então deitar as culpas, sem demasiada dificuldade, ao professorado-sacerdócio, á justiça-sacerdócio, á medicina-sacerdócio, e mesmo a estes instituidores suficientemente ingénuos para crerem que salvariam o mundo com a sua tábua de multiplicação.

Toda a nação colhe hoje em dia os frutos destas campanhas. Por terem dessacralizado funções essenciais, no

A EPIDEM

QUE PERTURBA

NSSON-PONTÉ

difíceis mas preferenciais entre a França e o país do Maghreb que fica defronte, sobre a outra margem do Mediterraneo. A página foi igualmente voltada, após seis anos de preparativos e treze anos de Mercado Comum, sobre a Europa dos Seis, a Europa franco-alemã dos democratas-cristãos e socialistas-democratas, depois dos velhos caciques nacionalistas. O sr. Pompidou esforça-se por preservar o que pode — a glória da língua, uma certa concepção das relações entre Estados, — mas, de qualquer modo, não se trata de ligeiras perturbações.

O caminho percorrido aqui e ali no espaço de alguns meses, talvez algumas semanas, conduz muito simplesmente de um mundo ao outro, no qual vai ser necessário encontrar um novo equilíbrio. Será preciso pôr também em destaque o facto de, em política interna, a ultima barreira que separava certos centristas e mesmo uma parte dos radicais e dos socialistas da maioria ter acabado de se desmoronar e de uma redistribuição bastante lata, difícil de imaginar ontem, parecer possível a partir de agora?

UMA TRANSFERÊNCIA ELEITORAL

Esta redistribuição inscrever-se-á pouco ou muito no tabuleiro do xadrez eleitoral dentro de dois anos, no caso das legislativas, e de cinco anos no da eleição presidencial. Ora, as grandes manobras, segundo tudo indica, já começaram. Deverão ter em consideração a extraordinária transferência que está a verificar-se, sob os nossos olhos, há três anos, desde Junho de 1968, na geografia eleitoral.

Onde está o tempo em que André Siegfried, inciador desta ciência, podia inculcar a gerações e estudantes regras declaradas imutáveis sobre a França moderada da batata e do trigo e a França revolucionária da castanha e da vinha, traçar a linha ideal que dividia de La Rochelle a Belfort (ou então de La Rochelle a Nevers e de Nevers a Chambéry) a esquerda da direita? É a consequência da evolução da Igreja, evolução que se reflecte na recente pastoral de Paulo VI sobre o compromisso político? É o efeito dos particularismos regionais ou, pelo contrário, o da mistura das populações?

A INDUSTRIALIZAÇÃO E A VIOLÊNCIA

O que não oferece duvidas, em todo o caso, é que o Oeste bretão e o Leste loreno, outrora bastiões da direita, depois feudos da Democracia Cristã antes de se entregarem quase por completo no gaullismo, parecem deslizar cada vez mais para a esquerda, para a oposição, enquanto que esta ultima perde no mesmo ritmo no Sudoeste, no Sudeste e numa parte do maciço central, posições socialistas e radicais consideradas havia pouco como impregnáveis pela maioria. Cada consulta, e ainda muito recentemente as eleições municipais, confirmam e acentuam esta dupla mudança que, também ela, é insignificante.

Se deixarmos a política para falarmos na economia, o clima social ou o sindicalismo, as novidades também não são em menor numero. Cada dia que passa fornece novas provas da entrada, tardia mas a partir de agora organizada, da França numa fase de industrialização, de adaptação tecnológica, de desenvolvimento económico acelerado. Concentrações, informática, pesquisas e industrias de ponta, transformação da distribuição, crise da modernização da agricultura: todos os sectores são afectados, mesmo que os resultados nem sempre estejam á altura das ambições, mesmo que os numeros não coloquem a França precisamente no primeiro grupo das grandes nações evoluídas. Entre a pulsação interna provocada por esta febre e a concorrência externa que a entrada da Grã-Bretanha numa Comunidade renovada vai, sem duvia, aumentar e pelo menos reorientar, é lícito predizer que as revisões mais radicais neste domínio, e talvez definitivamente os sucessos mais assinaláveis, se encontram perante nós, e muito perto.

Ora, este acesso indiscutível ao numero dos países industrializados avançados verifica-se na própria hora em que uma violência social difusa se estende a novas camadas da população. Não se trata, é certo, de um fenómeno francês. A questão de saber se, precisamente, a desesperada defesa das formas arcaicas de produção e de comércio, até mesmo dos hábitos e formas e vida tradicionais, não se encontra na origem desta reacção assemelha-se ao debate sobre o copo de água que um vê meio cheio, o outro meio vazio.

Perante tais perturbações económicas e sociais, o sindicalismo tradicional estará bem adaptado, com os seus particularismos ciosamente defendidos, as suas rivalidades, as suas promessas, as suas disputas de homens, as suas inclinações políticas, ocultas ou admitidas? É possível, é para desejar que ao abrigo das siglas borbulhem, como se assegura, os fermentos de uma renovação. Uma vez mais, a unica certeza reside no facto de as actuais formas de representação e expressão os trabalhadores corresponderem frequentemente mal a uma situação mais do que movediça; todos o sentem, se bem que nem todos o admitam, pelo menos publicamente.

Poder-se-ia, deste modo, continuar a recensear tudo o que mexe, o que nasce e o que morre, neste momento mesmo, sob os nossos olhos A organização progressiva de um esquerdismo político, acerca do qual começamos a interrogar-nos sobre se ele não constituirá em breve uma força durável á esquerda do Partido Comunista, está em paralelo com a existência de uma nova Imprensa política, de um humor cruel e de uma violência pouco habitual.

O recurso cada vez mais frequente á força, á sabotagem, ao rapto devem-se não só a contestantes mais ou menos neo-esquerdistas, estudantes e operários, e aos seus aliados ocasionais que podem encontrar-se, por vezes, em grande numero, mas as categorias tão pacíficas como os pequenos comerciantes ou os camponeses, de corpos que deveriam ser tão senhores de si próprios como a polícia e mesmo, decididamente, adultos assustados, encurralados — ou convencidos disso — por uma juventude acerca da qual, generalizando, se lhes oferecem descrições na maioria dos casos falaciosas, que criam um verdadeiro «racismo antijovens»

Tentemos antes saber se todas estas violências sucessivas ou simultaneas não correm o risco, a longo prazo, de se coagular em alguns temas mobilizadores bastante vagos para parecerem comuns, ou a favor de um choque da consciência publica, e fazer surgir uma situação pré-revolucionária que desembocaria na decomposição anárquica ou no autoritarismo mais brutal, ou num após o outro. Dir-se-á então que nada se passa?

MIA E A AUTODEFESA

momento em que as doutrinas políticas revelavam as suas fraquezas, os especuladores generalizaram a irresponsabilidade.

Temos professores evanescentes, médicos descuidados, juizes expeditivos, funcionários longínquos. Como é evidente, cada um reclama para si a consciência que recusa aos outros. Pais honestos admiram-se por verem a sua progenitura sair do liceu práticamente analfabeta. Os que alguma vez se encontraram sujeitos á jurisdição de um tribunal insurgem-se contra os processos, demasiadamente lentos ou demasiadamente rápidos.

O doentes podem avaliar nos hospitais o desdém que se experimenta a seu respeito.

Os gaullistas não se enganam, pois, inteiramente, quando atribuem o mal-estar actual a uma doença comum ás «nações industriais», para usar as palavras de Chaban-Delmas. O diagnóstico toma na sua boca um desagradável sabor de alibi. Chaban-Delmas desculpa-os com demasiada oportunidade das suas responsabilidades particulares na insatisfação francesa. Um fenómeno geral incarna-se sempre através dos intérpretes locais, onde a autonomia relativa das instituições e dos homens torna cada um plenamente responsável pelos seus actos. Pouco concebível em Londres ou em Lucerna, a desventura da Gilles Guiot sancionou assim um funcionamento da polícia e da justiça próprio da França.

Abordamos aí, sem dúvida, a causa principal do drama francês. Na Itália, os conflitos de províncias unificadas demasiadamente tarde em nação, as incertezas parlamentares, suscitam perturbações de origem política. De Dunquerque a Béziers, em contrapartida, a agitação muda de carácter no caminho e não pertence exclusivamente aos esquerditas. Em Pérone, em Janeiro, a administração do liceu local lançou, assim, uma greve apoiada pelos professores e alunos com a aprovação dos pais, para protestar contra o grave acidente de que foram vítimas duas jovens atropeladas por automóveis ao atravessarem a Nacional 17, que passa entre os edifícios escolares, onde não existe uma «zebra» para peões nem passagem subterranea. Mais ou menos pela mesma altura, um série de acidentes análogos, entre os quais um mortal, provocou as primeiras perturbações universitárias de Poitiers. Foram necessárias violentas manifestações estudantis para convencer a administração a proteger as vidas.

Nestes casos, os cidadãos insurgem-se não contra a ordem social, mas sim contra o funcionamento, prejudicial para a sua segurança, de serviços públicos mal equipados ou deficientemente administrados. Demasiadas tragédias justificam este perigoso reflexo. Em Setembro, nos subúrbios de Paris, um comissariado levou 25 minutos para enviar auxílio a uma pessoa em perigo de morte.

Perante a Academia de Medicina, três meses mais tarde, o professor André Sicard, chefe de serviço na Pitié-Salpêtrière, denunciava, numa comunicação sobre os cuidados de urgência, lacunas ainda piores: «Um grande número de serviços da capital ou dos subúrbios têm a obrigação de receber e tratar traumatismos cranianos sem possuirem os meios materiais para o fazerem».

Em Dezembro, a revista «Pédiatre» deplorava a impossibilidade de comunicar telefónicamente com o hospital das Crianças Doentes em Paris, entre as 9 e as 17 horas, em virtude da insuficiência de linhas.

Embora invoque a falta de créditos para explicar semelhantes carências, o Governo exige dos franceses, com uma severidade altiva, que cumpram rigorosamente os seus deveres para com ele. Dir-se-ia um pai de família cioso das suas prerrogativas mas que já não garante aos seus filhos uma educação correcta, a segurança e a saúde. Com o tempo, semelhante desenvoltura desata os laços naturais entre os indivíduos e o poder público, e cada um recorre á força para se subtrair pessoalmente aos efeitos do perigo. Neste limite, a agressividade ressalta da autodefesa.

Com a complexa confusão das suas inúmeras células, a burocracia moderna ofereceu durante muito tempo profundos refúgios á arbitrariedade e á indiferença. Como encontrar o autor de um erro, de uma injustiça, de uma negligência nas centenas de peças de todo um ministério? Hoje em dia, os adeptos de Gérard Nicoud partilham, com os estudantes e os operários dispostos a sequestrar os seus directores, a ideia de que basta castigar colectivamente o responsável através dos seus colegas para o atingir.

Com os homens no poder, a burguesia donde saem assume perante a história a responsabilidade principal por esta degradação. Por tédio, ambição sem escrúpulos, submissão, os seus membros não deixam de aceitar o inaceitável, admitir o inadmissível, e, justamente, a constante violação das disciplinas sociais evocadas pelo primeiro-ministro.

Por toda a parte, detentores do poder abdicam das suas obrigações comunitárias. Não subsiste, portanto, a mínima parcela da sua autoridade antes mesmo de os esquerditas virem nominalmente, pô-la em causa. Os professores maltratados, os chefes de empresa sequestrados, os funcionários atacados sofrem então uma represália social preparada por uma perda de fé da sua classe no interesse geral.

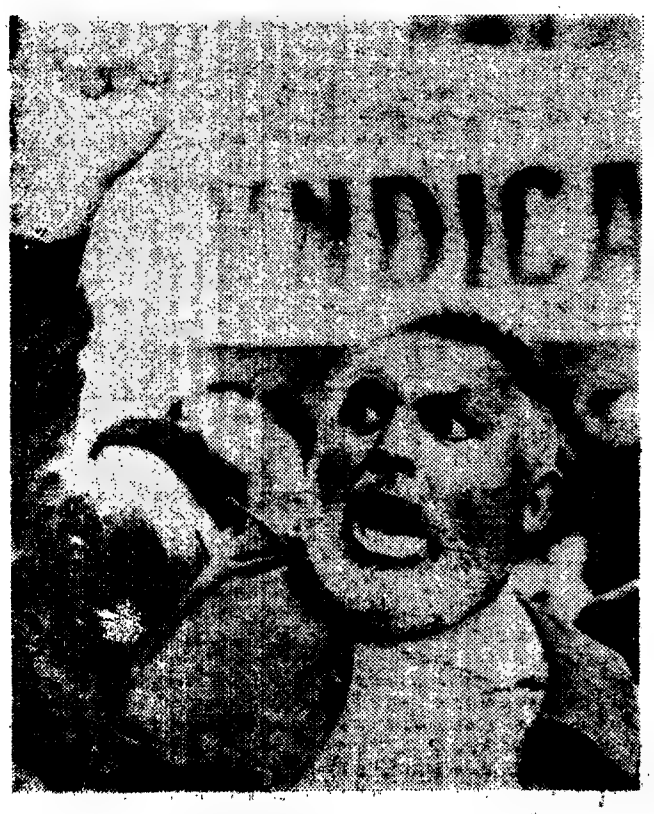
Todavia, se bem que se indignem com estas brutalidades, são incapazes de ver as suas origens. À sua maneira, os notáveis de hoje em dia assemelham-se aos aristocratas de 1789. Invocam o espírito do tempo para se desobrigarem dos seus deveres tradicionais, mas não querem admitir que um privilégio sem reservas degenera depressa em abuso. É certo que uma atitude mais responsável exigiria agora uma grande coragem dos seus chefes. A força de alma solitária não se impõe sem dificuldade á indolência de todos. Mas tão-pouco o respeito se obtém sem abnegação.

A REPRESÁLIA SOCIAL

A despeito das aparências, a grande orgia de Maio de 1968 já não determina senão indirectamente as perturbações actuais. É certo que sistematizou a contestação entre os adolescentes. Incapazes de descobrirem outra proveniência muitos ainda apelam para isso. Mas ela deixaria poucos vestígios nos espíritos se a V República cumprisse melhor os seus deveres.

Se Jean-Paul Sartre se convertesse por milagre ás maravilhas da livre iniciativa e se juntasse ao seu antigo companheiro David Rousset nos bancos da U. D. R., as estradas, o telefone, os hospitais funcionariam finalmente de molde a satisfazer toda a gente? Se, na sua prisão, Alain Geismar se arrependesse, o que não parece provável, a polícia, a justiça e o ensino voltariam a encontrar imediatamente prestígio e valor social aos olhos dos cidadãos?

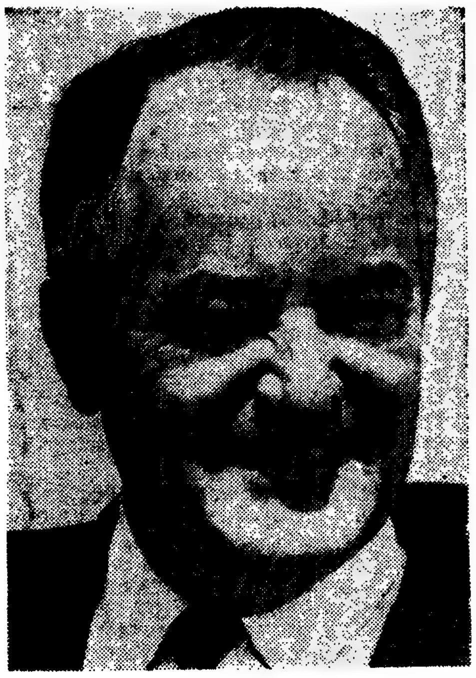
Em 20 de Abril, Jacques Chaban-Delmas teve razão ao recordar no seu discurso que nenhuma sociedade «pode viver sem regra do jogo». Mas é preciso que a disciplina seja em primeiro lugar respeitada por aqueles que a fazem. No sistema inverso, a violência não é a causa do mal, mas sim o seu resultado, o seu símbolo e a sua flor.



Os cidadãos insurgem-se não contra a ordem mas contra o funcionamento dos serviços públicos...

«NÍQUEL POR VOTO» — A POSSÍVEL

Por DAVID BRODER



Herbert Humphrey — Considerável apoio financeiro

Até agora, a corrida á presidência tem sido um mar de rosas para os democráticos. Qualquer político, cujo estado de saúde lhe permitisse piscar os olhos quando lhe perguntassem se considerava necessário candidatar-se, era logo classificado de «candidato possível à Presidência». Se esse político dispusesse das centenas de dólares necessárias para abrir ecritório em Washington durante um ou dois meses, e para contratar um economista desempregado como «director de investigação», era imediatamente qualificado de «candidato activo»

Mas eis que soou a hora da verdade. As primeiras eleições primárias realizar-se-ão daqui a menos de nove meses e é manifesto que a maioria desses «possíveis candidatos» não tem o dinheiro suficiente para edificar a verdadeira organização política que uma candidatura exige

Os problemas financeiros do senador Edmund Muskie são os mais conhecidos, mas o seu caso não é único. Na verdade, a acreditarmos no que dizem os financeiros do Partido Democrático, nenhum dos candidatos cujos nomes foram já citados para as primárias — Muskie, McGovern, Henry Jackson, Harold Hughes, William Proxmire ou Wilbur Mills — tem dinheiro suficiente para financiar a larga viagem que vai das eleições primárias do New Hampshire, em Março próximo, até ás da Califórnia, em Junho de 1972.

Edward Kennedy tem dinheiro que chegue, mas afirma que não vai gastar a parte que lhe cabe da fortuna da família com as eleições presidenciais de 1972 Herbert Humphrey sustenta que dispõe de considerável apoio financeiro, mas declara que economizará os seus recursos, limitando-se a lançar uma ofensiva nas primárias da Califórnia ou, talvez, apenas por ocasião da Convenção Nacional do partido.

E mesmo esses democráticos relativamente à vontade em questões financeiras (Edward Kennedy, Herbert Humphrey e Bircle Bayle) partilham a opinião do presidente nacional do Partido Democrático, Lawrence O'Brien, o qual receia que o Partido esgote os seus recursos financeiros, durante essa batalha preliminar, ficando sem recursos para se lançar na verdadeira batalha — contra o presidente Nixon

Por isso se viram forçados a entrar em acordo no sentido de limitarem os seus gastos, durante a campanha para as eleições primárias. É claro que há tendência para pensar que é inconcebível um «gentlemen's agreement» entre candidatos rivais à Presidência e que a única regra é a de se gastar sobretudo o dinheiro que não se tem...

DOADORES PARCIMONIOSOS

As primárias do New Hamphsire, as primeiras da campanha, adquiriram uma importância desproporcionada com o valor numérico do corpo eleitoral desse Estado. As despesas dos dos candidatos tendem a avolumar-se vertiginosamente no New Hampshire, mas um limite desses gastos, reduzidos a um «niquel por voto» (5 cêntimos=quinze tostões) fazia com que cada candidato gastasse 30.000 dólares (cerca de 870 contos) na Rádio e na TV.

Esta mesma regra redu-

O MUNDO

por CHIANCA DE GARCIA

Vim muito do Rio de Janeiro. Falando do Brasil paisagem, e do Brasil como ser humano, mas — e isto é lamentado, em carta, por leitor deste nosso «Diário de Lisboa» — *evidentemente escreva uma frase mesmo* [illegible] *quica que permita intuir, em conjunto, uma interpretação deste continente (onde o Bra-* [illegible] *do leão) — e que se divide em duas dezenas de países falando espanhol.*

Certo, O Brasil é Luís de Camões cercado por Quixotes e Sanchos de Dom Miguel de Cervantes. Argentinos, uruguaios, paraguaios, peruanos, colombianos, bolivianos, são alguns dos vizinhos mais directos. Nações [illegible] lhano, se misturaram, aqui e ali, com gotas raciais vindas do resto do mundo.

DOIS

No centro deste continente, qual gigante *deitado eternamente em berço esplêndido* (como se diz num verso do hino [illegible]

nacional) encontrei, há trinta anos, com surpresa, um total desinteresse de comunidade entre o grupo de nações a que se dá o nome, justo ou injusto, de América Latina...

Eu ainda trazia na lembrança aquela piada tantas vezes repetida na Europa, de que, deste lado do Atlantico, se vivia num regime pitoresco de *repúblicas de ópera-bufa*. Nem repúblicas. Dizia-se mesmo *republiquetas*.

Ora quem tem olhos é para vér. Então, pouco a pouco, fui descobrindo que esse regime de *republiquetas* era, para falar claro e franco, uma malicia criada, em primeiro lugar pela Inglaterra, a fim de divulgar, como comédias, o que ela promovia como tragédias shakesperianas. Mas, logo após, a Inglaterra, pela força das circunstancias, foi cedendo o seu lugar aos Estados Unidos. As republiquetas passaram a segundo plano. Então o que começou a ser evidenciado foi a existência de sub-raças onde tudo se podia comprar barato, desde a banana e o açucar, até ás consciências. E assim durante anos, os ianques provocaram subliminarmente revoluções, golpes políticos, traições, ódios, caudilhos, etc., etc. que serviam para justificar universalmente a tutela a que eles chamavam, com menor ou maior hipocrisia, de boa vontade norte-americana.

TRÊS

Contigências de uma época que me haziam ligado ao Teatro de revista levaram-me a conhecer o Peru, o Chile, a Venezuela e, acima de tudo, a Argentina.

Buenos Aires, então o centro da América Latina, acreditava-se e creio que ainda hoje se acredita (leia-se Manuel Puig) uma cidade estruturalmente e culturalmente europeia. Qualquer coisa entre Paris e Londres. Isto sem se dar conta de que o fazia por equívoco. A tal ponto que hoje a Argentina «snob» já mal defende as ociosas estruturas, que eram menos estruturas do que armadilhas, colocando o país num clima de paixões, interesses e desencontros de difícil solução.

Tem, no entanto, uma coisa a salvá-la. O abrir-de-olhos que, talvez devido aos acasos da comunicação em massa (onde todos estão por dentro de tudo) revelou que a salvação do continente residia em todos se unirem numa só força que libertasse a América Latina, da secular prepotência norte-americana. E, aí, de repente, todos começaram a reagir.

QUATRO

O que, infelizmente, criou um novo problema pois cada país tenta ser activo no mesmo sentido, mas por caminhos opostos. O próprio Brasil sempre tão ligado aos Estados Unidos já descobriu, embora conhecendo o poder persistente do competidor, Ci-

REGRA DEMOCRÁTICA DOS E. U. A.

WASHINGTON

Senador Muskie — Dinheiro suficiente para a longa viagem...

ziria os gastos a cifras razoáveis nos Estados onde todos os candidatos figuram automàticamente nas listas: 147000 dólares (cerca de 4263 contos) no Wisconsin, ou 73 650 dólares (cerca de 2135 contos) no Oregon.

Esta regra seria muito útil na Califórnia, onde candidatos gastaram mais de dois milhões de dólares (cerca de 58 000 contos) por pessoa em 1964 e 1968 e se arriscam a gastar ainda mais em 1972, se não se impuser um limite.

Mas é possível que a campanha de 1968 tenha sido a última no género: há o triplo de candidatos para 1972, e o custo dos diversos capítulos de uma campanha aumentou pelo menos, de 20 %. A diminuição dos lucros, a crise de Wall Street fizeram que muitos doadores democráticos se mostrem parcimoniosos, com a agravante de alguns não terem sido ainda reembolsados dos empréstimos que concederam em 1968. Companhias aéreas, companhias telefónicas, e agências de publicidade têm ainda facturas de 1968 por liquidar e não é provável que concedam crédito aos candidatos de 1972.

Por todas estas razões, é muito possível que os democráticos tenham que fixar um limite para as suas despesas com as eleições primárias.

MEDIDA DE POUPANÇA

Se as sondagens actuais o encorajarem nesse sentido, o presidente do partido O'Brien, reunirá, neste Verão, os candidatos do Partido Democrático, para tentar chegar a um acordo sobre a regra do «níquel por voto».

Isso não significará que um candidato possa fazer uma campanha por tuta e meia.

Se um candidato se apresentasse às duas dúzias de primárias que se efectuarão no próximo ano, teria de pagar 5,5 milhões de dólares (cerca de 159 500 contos) para a Rádio e a TV, com base nessa regra,.

O interesse real desta regra seria o de impor um limite aos gastos de Rádio-TV no Estado onde essas despesas ameaçam ir além do *plafond*. Na Califórnia, nomeadamente, esse limite seria de 711850 dólares (cerca de 20 643 contos). Se houver apenas três candidatos, esta medida permitiria que os democráticos 'poupassem só na Califórnia uns 6 a 8 milhões de dólares (cerca de 174 mil contos e 232 mil contos, respectivamente) — soma que poderia ser consagrada à campanha contra Nixon.

ATRIBULADO DA AMÉRICA LATINA

te-se como mero exemplo, o caso recente do Brasil impondo sobre o atlantico os seus direitos a um mar de duzentas milhas.

CINCO

Toda a América Latina parece, neste momento, querer exprimir-se socialmente. Onde, por vezes, se desce do equilíbrio ao terror e à violência, porque cada um, para seu lado, defende os caminhos mais opostos. Uns a querem no sentido de um socialismo democrático. Outros á maneira de um capitalismo moderado. Outros preferem um autoritarismo militar. Outros tentam ir mais longe como Allende, no Chile.

Porém, acima de tudo, creio que uns e outros estão dispostos a entender-se entre si.

Pois é. Mas de tanta vicissitude alguma coisa já se ganhou. A América Latina possui, hoje, alguns dos mais importantes poetas e escritores contemporaneos.

MAS DEIXEMOS ISSO PARA LÁ!

Às vezes ponho-me a pensar no que, afinal, gostaria de ter sido na vida, se não me tivesse gasto, no decorrer de vários decénios em experiências, tentativas, ver como é por dentro, e coisas assim.

— Que gostaria de ter sido, afinal?

Pois juro que não sei. Isto de dedicar toda uma existência a uma carreira, a uma determinada profissão, sempre me pareceu uma atitude demasiado estática. Amei a vida no direito que ela nos dá se saltar de lua em lua. Gosto dos que lavam carros em postos de gasolina, dos qe servem como garçons em espeluncas, ou vendem pipocas nos estádios, para logo a seguir, como andarilhos, correrem o mundo de mochila ás costas, dormindo ao acaso, para acabarem virando génios ou morrendo de fome. Mesmo assim vale mais do que ser toda-a-vida funcionário publico.

O que não entendo é a profissão vitalícia. Uma delas, por exemplo, é a do crítico literário. Como se pode passar trinta, quarenta, cincoenta anos dando palpites mais ou menos científicos sobre livros que vão sendo publicados? O talento é agreste e nasce e vence sozinho.

No entanto há quem tenha a devoção do crítico literário. Mas nesse género nunca vi nenhum autor mais rendido e humilde (se ouso dizê-lo) do que José Marmelo e Silva de quem recebi, com palavras bem-humoradas, o seu volume «Anquilose». Não é esta a sua primeira obra. Tem outras que, infelizmente, desconheço. Mas o que há de surpreendente em «Anquilose» é que, tratando-se de um volume de 166 páginas, ele cedeu nada menos do que *trinta e três* (33) á transcrição de críticas aos seus trabalhos. Trinta e três páginas tão valorizadas gráficamente como o texto do autor.

Aí comecei ficando naquela do burro de Buridan: — *começo por ler a novela ou as críticas copiosas?* Creio que esses críticos são dos melhores que há em Portugal. Para meu azar, pouco lidos por mim, ou nunca. Que fazer, porém? Começar por eles, ou pelo autor? E nesta duvida fiquei durante duas semanas:

— Será que Marmelo e Silva não acredita nele mesmo, e quer que o leitor olhe primeiro para as grã-cruzes que lhe ornam o peito?

Por fim, segui o caminho justo. Li apenas a novela. Li «Anquilose» de começo ao fim. E mesmo sem auxílio dos mestres, gostei. Querem até saber? Lamento que aquelas trinta e três páginas que (já sabem) acabei não lendo — o autor não as tivesse utilizado publicando algo mais de sua própria lavra. Prende-nos com o que há de mordaz e de maligno na carreira do seu heroi, ou anti-heroi. Deve-me, pois, a mim, seu leitor, trinta e três páginas de trabalho seu. Só isso é que conta. Lerei, de novo, trinta e três páginas de «Anquilose», só para compensar do espaço perdido...

E, PARA FECHAR, TEIXEIRA DE PASCOAIS

Aqui está finalmente por gentileza do seu pessoal directivo o esperado primeiro numero da revista «Colóquio-Letras». Parabéns. Não será, talvez, digo já porquê, a revista exactamente necessária em Portugal. O mundo conturbado do nosso tempo não se pode alhear da discussão. Ora, para começar, *Colóquio* promete não ser polémico. Deseja apenas ser uma revista *serenamente reflexiva, problemática e ensaística*. Deseja ao mesmo tempo considerar-se uma revista *viva em busca dos mais novos*, aqueles onde germina o futuro. Ora não há juventude sem polémica. Camilo é polémico. Eça também o é. Razão por que são inesquecíveis. No meu tempo de Lisboa a juventude devorava António Sérgio e Raul Proença. O que é visível é que nas páginas de «Colóquio-Letras» falta o corajoso tom polémico em que se debatem, sem medo, as tendências em que se divide o mundo.

Aqui está a revista, e volto a folheá-la. De muito interesse, sem duvida, o estudo de Jacinto do Prado Coelho, sobre o conto de Camilo: «História de uma porta». Mais isto, e mais aquilo. Sem esquecer, é claro, o pequeno e sangrento conto de Mário Torga.

Mas, na verdade, o que enche a revista, o que a ilumina, além das páginas dedicadas á Poesia, com a colaboração de Carlos Drummond de Andrade, António Gedeão, Eugénio de Andrade, e Natércia Freire, o grande clarão que se ergue de «Colóquio-Letras» n.º 1, é aquele texto intitulado «Alma Ibérica», escrito por Teixeira de Pascoais, e que, ao que parece, se julgava perdido, e que devia ter sido publicado em 1957, como prólogo ás «Cartas de Pascoais a Unamuno».

Um texto da maior beleza, numa peregrinação onde perpassam santos e santas, anjos e demónios, Camões e Cervantes, o sagrado e o profano, o amor humano e o amor divino. Dito assim, não é nada. O importante é ler. Não só isso. Está ali o que vale o sentido da Poesia. Nestas breves páginas (desculpem, que deviam abrir a revista) é que se vê claramente a importancia de escrever para a eternidade.

COPACABANA, Junho de 71.

Para correspondência:
Rua Fernando Mendes, 28, Ap. 908
Copacabana, G. B. — Brasil

AS «AVES DO SOL» EM VIAS DE EXTINÇÃO

LIMA

Por DAVID BELNAP

Segundo a mitologia inca, é um gigantesco condor que pega, todos os dias, no Sol, pelo bico, puxando-o para o alto dos céus. Nasce, assim, o dia. O astro-rei tomba no ocaso quando aquela mesma ave agarra nele, de novo, e o vai deitar, para aí permanecer toda a noite, num paláclo, que fica no fundo de um lago.

«Se a lenda fosse verdadeira, só teríamos mais uma dezena de anos de nascimentos e ocasos do Sol» — declara Filipe Benevides Barreda, presidente da Sociedade Zoológica Peruana.

Com efeito, o condor está em vias de extinção.

«Desconhece-se o numero exacto dos sobreviventes, mas sabemos que a espécie está prestes a desaparecer. Dantes, era possível ver enormes bandos; hoje, já é muito bom ver um só condor que seja. A ave desapareceu da Venezuela e há apenas umas tantas na Colômbia, no Equador e no Chile. Torna-se necessário tomar medidas rigorosas para as salvar.»

O condor dos Andes, que é um abutre de soberbo porte, é a maior ave do Mundo, chegando a atingir 3 metros de envergadura e uns vinte quilos de peso.

Os incas veneravam os condores, que eram, para eles, mensageiros dos deuses. Acreditavam que tais aves encerravam a alma de um guerreiro morto em combate. Matar um condor era um crime sujeito a pena capital.

Os índios de hoje continuam a ter os condores como imortais. Mas tais aves já não são intocáveis como o eram antes da conquista espanhola. Em certas províncias, os índios dedicam-se a um «desporto», em que cabe ao condor papel importante, se não mesmo glorioso. Amarram-no ao dorso de um touro, que procura, com desespero, livrar-se da ave que lhe dilacera os lombos, com o bico e as garras.

Se conseguir sobreviver a esta «corrida do condor», o alado protagonista é posto em liberdade, e o feiticeiro da tribo, conforme o rumo tomado pela ave, assim prediz, para os seus vizinhos, dias felizes ou nefastos.

Mas os condores têm, também, que temer os comerciantes que os vendem para os jardins zoológicos, ou os mandam empalhar. As soberbas aves são, além disso, perseguidas pelos guardas das ilhas de guano, que as acusam de devastar os ninhos de alcatrazes.

Para evitar a extinção dos condores, o Governo peruano proibiu, recentemente, a sua caça e captura. E o Governo dos Estados Unidos, a pedido do de Lima, não permite a importação, do Peru, de condores, mortos ou vivos. Mas os demais Governos sul-americanos não se associaram áquela medida e continuam a enviar, legalmente, para a América do Norte, condores exportados, ilegalmente, do Peru.

VIETNAM SEM PONTOS CARDIAIS

Por ALAN CLEMENT

Seria impossível exprimirmo-nos melhor do que os nossos dois eminentes colegas Marvin Kalb e Elie Abel nas ultimas páginas da sua ultima obra, «*As raízes do compromisso* (1): «Estamos convencidos de que os Estados Unidos não voltarão as costas á Ásia mesmo que consigam, num futuro próximo, safar-se do Vietname». Dirigindo-se a um grupo de jornalistas, em 16 de Abril ultimo, o Presidente Nixon, ao contrário dos nossos autores, recusou-se a admitir uma solução mais ou menos «coreana» que conservaria perpetuamente no país uma «força residual» de vários milhares de homens. Segundo ele, a verdadeira paz, mesmo nas condições americanas, implica a evacuação total. É certo que ele não julgou oportuno recordar que a ilha de Guam, base dos bombardeiros B-52, bem como os cinco aeródromos militares modernos que construiram na Tailandia, guardavam o Sueste da Ásia entre as suas garras pacíficas.

O elemento decisivo do problema não depende, sem duvida, nem das concessões de Hanói, nem das vacilações retóricas de Washington; depende muito mais da ideia que os americanos fazem deles próprios e do lugar que a História lhes reserva: não imaginam um grande povo sem missão. Talvez o cidadão médio não tenha a este respeito senão concepções bastante vagas. O mesmo acontece com o Governo federal, a julgar pelo que — não apenas de uma Administração para a outra, mas, por vezes, de um mês para o outro — declara «vital» para os interesses americanos, quer em publico, quer em meios mais restritos. Tal como afirma o sr. Stanley Hoffmann num admirável e curto ensaio-programa (2), Washington não elaborará senão fórmulas ocas e indecisas, a menos que os Estados Unidos proponham uma solução para o Vietname que faça explícitamente parte de uma política de conjunto na Ásia. É, aliás, aquilo que tentaram fazer, em condições de improvisação que é melhor esquecer, com a sua «doutrina de Guam»: a Ásia para os asiáticos; que estes se matem uns aos outros. Os Estados Unidos não voltarão a imiscuir-se tão de perto. Deslocação mais do que retirada, e que não responde ao argumento fundamental do sr. Stanley Hoffmann, na ausência de uma visão que abranja mais do que a própria Indochina, Washington nunca terá senão duas alternativas, pelas quais experimenta a mesma aversão, e que mais não são do que derrotas disfarçadas: ou continuar a guerra indefinidamente, ou, sob uma forma ou outra, abandonar Saigão ao domínio de Hanói.

RECONCILIAÇÃO E REVISIONISMO

Com efeito, um plano de retirada do Sueste da Ásia tornado viável e defensável perante a opinião americana supõe tanto a reflexão sobre o futuro desejado pelo sr. Hoffmann, como um regresso ao passado sobrecarregado da «políticas asiáticas» esquecidas e enterradas no inconsciente colectivo. Talvez não seja inutil debruçarmo-nos, por breves instantes, sobre certas reconciliações que elas inspiram hoje em dia, antes de nos opormos a um revisionismo coerente. A «perda» da China de Chiang Kai-Chek, com as suas repercussões internas, maccarthistas e outras, não teria, talvez, afectado tanto a imaginação americana se as circunstâncias do pós-guerra tivessem dado tempo para operar esta recapitulação. O isolamento da China Popular, por Washington, durante vinte anos, terá, talvez, contribuído involuntáriamente para acalmar os espíritos, afrouxando, com o andar dos tempos, a trama extremamente complexa da sua representação do Oriente.

Não se trata apenas do ultimo lustre, nem dos antecedentes da política da porta aberta no sentido mais lato, mas antes de remontar a questões consubstanciais á descoberta da própria América. Onde podia esta inscrever-se no mapa do mundo conhecido nessa época? Que função providencial patenteava o seu aparecimento? Quaisquer que tenham sido os «segredos» de Colombo (3), é, pelo menos, provável, que ele procurasse a linha recta que permitiria alcançar as fabulosas riquezas descritas por Marco Polo. O que esquecemos mais depressa do que a cavalgada abortada de Chateaubriand em busca de um atalho semelhante, são os comentários meio mitológicos, meio proféticos, de um dos primeiros propagadores da descoberta de 1493, Peter Maryr d'Anghera, o qual, numa das suas *Décadas*, interpreta a abundancia e a acessibilidade do ouro das Caraíbas (todavia sem proporção com as reserevas de que Cortés se apossará um pouco mais tarde) como o indício de que Colombo tocou no próprio centro do Universo (4).

A ESCOLA DO JOGO TRIPLO

A maneira como esta lenda se transmitiu aos Estados Unidos que então nasciam, dominados ainda, todavia, pela ideologia agrária dos fisiocratas, fecundando depois um embrião de geopolítica onde os pontos cardiais traçam as grandes orientações de que Washington seria como que a intersecção natural, necessitaria mais do que uma explicação rápida. Referir-nos-emos, apenas, ao optimismo exagerado que comunicará, no decurso do século XIX, ao desenvolvimento da República-Império. «Esta nação é um globo», proclamou o ministro dos Negócios Estrangeiros, William Henry Seward, o comprador do Alasca. Citaremos, igualmente, a título de curiosidade pouco conhecida, que o expansionismo americano e a sua escola «continentalista» verão nos Estados Unidos, a oeste do Mississipi, menos uma imensidade a explorar do que uma terra de trânsito, capaz de atrair, logo de interceptar eventualmente, todo o comércio Este-Oeste, e isso muito antes que o tema da «Fronteira», mais inverso do que complementar, conheça a fortuna que sabemos, e que sobrevive nos nossos dias na película dos «Westerns». Seria, também, preciso estudar em corolário a subapreciação crónica das rotas marítimas

normais que, ao evitarem os transbordos implicados pelo «continentalismo», condenavam ao nada estes devaneios de monopólio mercantilista (5). A despeito do exemplo britânico, os Estados Unidos, até á Segunda Guerra Mundial, e mesmo até aos nossos dias, nunca souberam construir e manter uma frota mercante em relação com o resto da sua economia.

O que nos interessa desta sobre posição de imagens directoras é o facto de a política asiática reclamada pelo sr. Stanley Hoffmann fazer regressar ás próprias origens da América e tender nada menos do que a uma redistribuição de posições seculares. A tentação medianeira dos Estados Unidos entre o mundo muito antigo e o mundo antigo, que conhece variadas versões, só se compreende em relação com a sua noção de uma Europa pervertida e aviltada por um milénio de opressão feudal. Um Wilson virá, em vão, tentar pôr um pouco de ordem e virtude nos sórdidos assuntos de vencedores que não valiam já, aos seus olhos, mais do que os vencidos. A Sociedade das Nações devia ajustar-lhes as contas, para servir a força e as astucias ainda mais pérfidas do «equilíbrio das potências». Não se pode negar que Wilson fosse um ingénuo. A Europa não se poupou no curso dos tempos; produziu civilizações mas derramou o seu sangue em paixões que sempre pareceram confusas ou atrozes aos cidadãos do Novo Mundo. Por uma singular reviravolta das coisas, desde que ela «compreendeu», finalmente, prefere a vida á morte e depôs praticamente quase todas as suas armas, irritando os dirigentes americanos, os quais, por seu turno, têm de suportar um orçamento esmagado pelos superarmamentos.

Resta-nos, talvez, contemplar o que poderia ser o descer da cortina sobre a idade dos conflitos clássicos: os Estados Unidos forçados pela nova China a ingressar na escola europeia do jogo duplo e triplo, a contentarem-se com compromissos, a meditar as suas «doutrinas» de intervenção antes de proclamarem como justificação imaculada alibis defeituosos. O Oriente teria rendido, neste papel, uma Europa menos demissionária do que desacreditada pelas suas obstinações e pelas dos Estados Unidos, num mundo que já não teria nem «centro» nem árbitro supremo e onde a Terra, tornada de novo a dos cosmógrafos mais do que dos geopolíticos, encontraria, em primeiro lugar na Indochina, a paz e a prosperidade que teóricos e rendentores profissionais se obstinam em disputar-lhe.

---

(1) «Roots of Involvement. The U. S. in Asia 1784-1971». W. W. Norton, editores, Nova York.

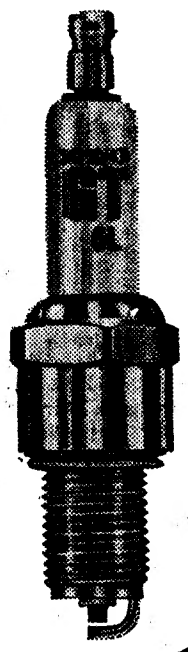
(2) In «Foreign Policy», n.º 2 Primavera 1971.

(3) Assunto inesgotável. Contentemo-nos em assinalar a réplica de Marcel Batoillon á obra de Edmundo O'Gorman «The Invention of America», Indiana University Press, no numero XL do «Bulletin Hispanique». A ultima palavra provisória da disputa pertence, sem duvida ao artigo de Wilcomb Washburn; Meaning of discovery, 15th and 16th centuries» in «The American Historical Review», vol. LXVIII, Outubro 1962.

(4) Ver, entre outros, o artigo de Henry S. Bausam, «Edenic Images of the Western World: «A Reappraisal», in «The South Atlantic Quaterly», vol. LXVIII, 1968.

(5) A literatura sobre o «continentalismo» como prefiguração de todas as concepções do expansionismo americano é tão abundante que nos limitaremos a recomendar ao leitor a excelente bibliografia indicada por Charles Vevier no seu artigo de «The American Historical Review», ano de 1960. Para o período 1870-1910, encontrar-se-ão fontes de consulta complementares, mais orientadas para a crítica, na contribuição de Marilyn Blatt Young para a compilação intitulada «Towards a New Past», Panthen Books, New York, 1968.

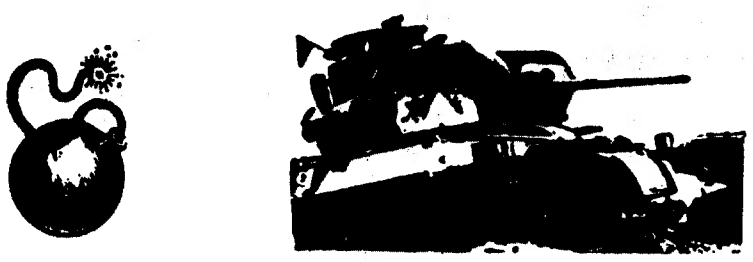
A VELA DA SUPER-ACELERAÇÃO



KLG GT SUPER

Só recomendável para aqueles que gostam e sabem conduzir.

À venda nas casas da especialidade e nos agentes exclusivos:
SOC. LUBRIFICANTES INGLESES, LDA.
Av. Praia da Vitória, 73-A, 73-B — Lisboa



RETIRADA TOTAL DOS AMERICANOS E SUBSTITUIÇÃO DO REGIME THIEU-KY

CONDIÇÕES POSTAS PELO VIETNAME DO NORTE

PARIS

Por CHALMES ROBERTS

O chefe da delegação norte-vietnamia ás conversações de Paris declarou, no passado dia 8 no decurso de uma entrevista exclusiva, que a questão dos prisioneiros de guerra poderia ser regularizada, no caso da retirada total das forças americanas com o regime Thieu-Ky no poder, mas indicou que Hanói não aceitará libertar os prisioneiros de guerra americanos se os Estados Unidos tiverem a intenção de prosseguir no armamento e apoio que estão a conceder ás forças sul-vietnamitas.

Durante a entrevista, de uma hora e meia, na sua residência de Choisy le Roi, o chefe da delegação norte-vietnamia respondeu, com efeito ás seguintes perguntas.

Pergunta: O senhor afirmou que os Estados Unidos deveriam fixar uma data «razoável» para a retirada completa e incondicional de «todas» as forças americanas. Poderá esclarecer o que entende por «todas»?

Resposta: Quando utilizo a palavra «todas» quero referir-me á totalidade das forças americanas no Vietnam, o que compreende todas as armas — terrestres, aéreas, navais, que se encontram em terra, no espaço aéreo e nas águas territoriais do Vietnam, isso se incluindo os militares americanos e os conselheiros militares... Não temos objecções a fazer contra a presença de aviões americanos com base em países estrangeiros, desde que não sejam utilizados contra o Vietnam.

(Esta alusão aos aviões americanos com bases no estrangeiro respondia a uma pergunta formulada pelo correspondente do «Was-

hington Post» sobre a presença do exército do ar americano na Tailândia)

P. — A expressão «todas as forças americanas» refere-se a toda e qualquer força residual e a instrutores?

XUAN THUNG (á direita) — A totalidade das forças americanas no Vietnam

R. — Esses militares estão compreendidos na «totalidade» das forças americanas

P. — A expressão inclui, também, as forças da Coreia do Sul, da Tailândia, da Austrália e da Nova Zelândia, que se encontram, actualmente, no Vietnam do Sul?

R. — Sim.

A CHAVE DO ACORDO

P. — Quando o senhor diz que se fosse fixada uma data «razoável» para a retirada de todas as forças americanas, a questão dos prisioneiros de guerra americanos poderia ser regularizada «rápida» e «fácilmente», fala, apenas, dos prisioneiros detidos no Vietnam do Norte, ou, também, dos que estão no Vietnam do Sul, no Laos e no Camboja?

R. — O chefe da delegação norte-vietnamita declarou que falava dos que se encontram prisioneiros nos Vietnames do Norte e do Sul. Quanto ao Laos, lembrou que o príncipe Soupha Nouvong «leader» do Pathet Lao, declarou que os prisioneiros serão postos em liberdade logo que cessem os bombardeamentos No que respeita aos prisioneiros detidos no Camboja, declarou Xuan Thuy, a sua libertação depende do príncipe Sihanouk exilado em Pequim.

P. — Se o presidente Nixon fixasse uma data que vos conviesse, os prisioneiros seriam imediatamente postos em liberdade, ou apenas quando terminasse a retirada das forças americanas? Ou, ainda, simultânea e proporcionalmente?

R. — Xuan Thuy respondeu, erguendo os braços: «Não posso responder, por agora, porque reside aí a chave do acordo. Enquanto Nixon não fixar uma data, não podemos entrar em pormenores sobre a matéria. A questão dos prisioneiros é uma consequência da guerra, pelo que deviam ser primeiro resolvidas todas as outras questões. Mas nós demos provas de flexibilidade.

P. — O que é que o senhor entende por uma data «razoável», tendo em conta os problemas logísticos: seis meses, nove meses ou um ano depois?

R. — O Governo Provisório Revolucionário propôs uma data razoável: o dia 17 de Setembro de 1971. Mas Nixon rejeitou-a. Seja ele agora a propor uma. Compete-lhe o fixá-la.

(Thuy lembrou que o espaço aéreo e os mares são controlados pelos americanos e que o general reformado dos «marines», David Shoup declarou que bastariam dez dias para preparar a retirada e mais 15 para a concretizar).

P. — O senhor fez, por diversas vezes, alusão a «duas questões cruciais» para a regularização do problema vietnamiano: as questões militares e políticas e sublinhou que eram «inseparáveis». A questão política é a demissão do Governo Thieu-Ky, para se formar um Governo de coligação. Esta questão política é, também, uma condição para a libertação dos prisioneiros americanos?

R — O problema da libertação dos prisioneiros está apenas ligado á questão militar. Isto demonstra a nossa flexibilidade, pois o caso deveria ser ligado á questão política.

P.— Mas o que quer dizer, então, a palavra «inseparável»?

R. — Se falamos do conjunto da questão vietnamita, da solução da guerra, do fim da agressão americana, as questões militares e políticas deveriam estar ligadas. Mas se for fixada uma data razoável, a questão dos prisioneiros poderá ser resolvida.

O CHAMADO NEOCOLONIALISMO

P. — Porque é que o senhor diz «poderá» e não «será» resolvida?

R. — Pode pôr «será».

P. — Dado que o senhor afirmou que a retirada das tropas americanas e á libertação dos prisioneiros americanos poderá ter lugar com o regime Thieu-Ky ainda no poder, que tem a declarar sobre um auxílio militar e económico que os Estados Unidos possam, depois, conceder aquele mesmo regime?

R. — E neste ponto que se ligam as questões políticas e militares... Será necessário, também, resolver os problemas da administração de Saigão... Suponhamos que os Estados Unidos se retiram mas que mantêm a administração actual em Saigão e lhe concedem auxílio militar. Voltaríamos ao período que precedeu a chegada do corpo expedicionário americano. É o que nós chamamos neocolonialismo e os americanos continuariam a imiscuir-se nos assuntos do Vietnam.

A concluir, Xuan Thuy declarou que «o que queremos é a retirada total dos

americanos, e a substituição do regime Thieu-Ky por um Governo escolhido pelo povo sul-vietnamita. A seguir, os sul-vietnamitas aceitarão o auxílio dos Estados Unidos, numa base de reciprocidade».

O Norte, declarou ainda o nosso entrevistado, estaria pronto a restabelecer relações com todos os países, incluindo os Estados Unidos, e a aceitar o seu auxílio, nas mesmas bases.

NOVA YORK: O ESPECTÁCULO É NA RUA

NOVA YORK

Por B. POIROT-DELPECHE

Nova York está a caminho de acrescentar mais um aos seus indiscutíveis «records». Trata-se, agora, do das lendas São então verdade os crimes, o nu, a droga, a poluição? Apesar das dezenas de voos transatlânticos, por dia, e das imagens «em directo», o visitante que regressa aos pátrios lares vê-se assediado de perguntas, como se fosse um explorador do século XVIII, perguntas essas que ressumam uma espécie de ávido terror.

Uma tal cidade não se desvenda em duas semanas. Mas os seus espectáculos podem conduzir, por fragmentos, ao mais secreto do mal que a afecta, pois é de mal que se trata. E, antes de tudo o mais, o espectáculo da rua.

«Este táxi tem os vidros blindados». A partir do aeroporto, e antes que surgisse a parada fabulosa dos arranha-céus, este letreiro encarregava-se de dar o tom: a liberdade é, em primeiro lugar, cada um por si e para si.

Uma pessoa é também avisada de que «o motorista não pode ser agredido pelo passageiro... nem o passageiro pelo motorista». Por vezes, este último, ainda que negro ou guedelhudo, complicará ainda mais as coisas pedindo-nos que subamos os vidros de trás ao passarmos perto de Marlem ou GreenWich Village.

Como não acreditar, depois dito, em todas as terríficas histórias que correm a cidade! Porque a insegurança ocupa aqui, nas conversas, o lugar privilegiado de preambulo e de recurso para se dizer qualquer coisa, do mesmo modo que em Inglaterra se fala da chuva que está para cair e, em França, das previsões meteorológicas ou das culturas.

Cita-se, todos os dias, pelo menos uma tentativa de violação no Central-Park, isto em pleno dia, ou uma carteira roubada, em East-Village, com o seu recheio de 10 dólares. «O preço de uma dose», acrescenta-se, com ar entendido. Porque são, por força, os drogados a dar os golpes, quando não são os negros...

QUESTÃO DE SORTE

Claro, os números falam por si: a criminalidade nova-iorquina duplicou em cinco anos e é dez vezes superior á nossa. Não é por graça que os joalheiros da Quinta Avenida substituem as jóias das montras por fotografias e que se multiplicam os porteiros á entrada dos edifícios, velhos possantes enfiados em fardas surradas, tal como acontece nos circos e diante dos clubes nocturnos. Sem temor ao ridículo, as pessoas que nos hospedam escoram as portas com pesadas barras de ferro. É verdade que na rua ou no metro as pessoas estugam o passo ao menor sinal, que nos fogem com os olhos, ao mesmo tempo alertados e ausentes — olhares de pássaro esquivo e assustado.

Mas é verdade, também, que a excitação amplia tudo. Porque se não vê polícia nas ruas — a não ser as patrulhas automóveis cujas sirenas espalham o panico — e, mais ainda, porque o sistema exclui a solidariedade — o atacado tem sempre culpa, tal como os pobres — o homem da rua disfarça o seu medo com as mais sombrias histórias. A gente das esquerdas esconde mal a sua satisfação por verificar, através da insegurança, a falência do capitalismo e os defensores deste quase se sentem orgulhosos com o perigo ambiente, mostrando o riso divertido dos jogadores e dos pioneiros.

Se uma pessoa conseguiu regressar à noite, a casa, sem ser roubado, se nenhum indivíduo patibular lhe pediu a sua dose de ilusão, se o acaso a fez esperar por um taxi em Harlem e, mesmo assim, ali está, sem orgulho mas sem cicatrizes, para contar tudo isso, as outras explicar-lhe-ão que não esteve nas zonas verdadeiramente perigosas, que as piores horas ainda não tinham chegado, que, em tal ou tal ponto, a Mafia está atenta, que, em tal ou tal lugar, o sotaque francês é como uma braçadeira da Cruz Vermelha, ou, muito simplesmente, que a pessoa o que teve foi sorte. E eu tive-a.

É como sobre a pornografia, sobre a qual nos fazem perguntas com o mesmo ar febril com que querem que falemos das facadas: cada qual viu o que queria ou não queria ver.

É impossível, evidentemente, ignorar as lojas «para adultos», que proliferam á volta da 42.ª Avenida e os cinemas especializados.

É impossível ignorar a escalada dos espectáculos «off-off Broadway», tais como um certo «Dirtiest show in town», onde várias pessoas dos dois sexos simulam toda a espécie de relações sexuais colectivas, um outro chamado «Pork» — com a assinatura de Warhol — onde uma mulher ilude, escabrosamente, a sua solidão, ou uma «Vida privada de Jesus Cristo», em que a blasfémia se mistura — numa antiga igreja — com exibições hoje banais. A questão posta por estes «quadros vivos» não é tanto o de saber como é que os seus participantes se atrevem a ir tão longe mas, em vez disso, como é que conseguem parar a tempo... É verdade, enfim, que os apaixonados do Central-Park nem sempre têm tal treino nem a sublime paciência louvada por vinte séculos de moral e de cultura ocidentais.

SEM PENSAR NO MAL

Mas que dizer dos casais dos nossos parques? E o que é que tem de menos lascivo os nossos bairros da devassidão? A única diferença, em relação a nós — e será isso de lamentar? — é que no paraíso do livre exame e da livre concorrência não há funcionários nem políticos que se julguem no direito de regulamentar os costumes alheios. Como para as demais coisas, são a oferta e a procura a decidir. Se as coisas mais belas da vida são postas em leilão em lojas um tanto mais numerosas e sebentas, entre os «hot-dogs» e a pacotilha «made in Japan», é, talvez, por Nova Iorque ser um porto, e se ser aqui mais franco, mais só, ou, simplesmente, por se levar avanço sobre Paris.

E, depois, existe a outra América. A dois passos dos «sex-shops» temos o Exército de Salvação, que canta as alegrias do bom proceder, e os autocarros que aconselham a «semear mais amor na nossa vida». Para um pequeno anuncio que nos propõe, ás claras, o amor com um grande grupo de gente, há dezenas a convidar a ginástica menos perversa, á iniciação mística, ao Zen, á macrobiótica. Na plétora de profetas, de grupos marginais, de demonstrações em pêlo e da droga, há mais aspiração comunitária, apelo ao bem-estar e autêntica ingenuidade do que quanto pensa o turista eivado de subentendidos. Sempre o melhor e o pior andaram a par na barafunda, no caos, na cloaca de Nova York.

AS LOUCURAS DO LUCRO

Os espantos caminham a par. Em nenhum outro ponto atingiu a arquitectura esta perfeição na audácia — ainda que a reunião de vidro fosco e de metal negro dê aos novos arranha-céus qualquer coisa de fúnebre. Mas em nenhum outro local, também, a lei do lucro, sem passado nem escrúpulos, se deixa aletrnar tão cinicamente, ou com tanta franqueza, com as construções mais mirabolantes é a piolhice. Como se fraseiras do Crillon dessem para o «Marché aux puces»!

Vêem-se os mesmos contrastes por todo o lado, e sempre segundo a louca mecanica do lucro. Aqui, auto-estradas com dezasseis faixas de rodagem; além, ruas esventradas e poeirentas como trilhos africanos. Aqui, anúncios de carros cada vez mais pomposos; além, as taxas dos parques de estacionamento e as multas deixando a cidade — para seu bem, aliás, porque se transita melhor nela do que em toda a Europa — aos taxis de «stock-car». Aqui, infinitos cuidados com a higiene; além, os colchões impregnados de urina no meio dos passeios, as carcaças dos frigoríficos e dos camiões a atravancar as ruas (como se fossem restos de um motim, escombros de gerra) os detritos que revoluteiam, os motores que roncam, enquanto os edifícios cromados se elevam por cima das nuvens, num gigantesco empilhamento.

O melhor e o pior sempre andaram a par na barafunda e no caos

Quando uma cidade perde assim todo o sentido da medida, como é que os seus habitantes o conservarão? Também eles já se não espantam. Há meninos muito bem vestidos e vadios de toda a espécie nos relvados de Central-Park. Não é raro ver, junto aos Bancos de Wall Street, onde as ruas se desdobram em labirintos sem sol e onde se agitam os jovens «quadros», sempre com um ar eficiente e bem educado, vagabundos a dansar perdidamente, lá para eles, novos «jougleurs» destas novas catedrais, novos convulsionários destas novas necrópoles.

Vê-se, cada vez mais, os jovens a levarem uma vida de boémia aceitando, ao mesmo tempo, o «establishment», graças a perrucas compridas ou curtas, conforme o estádio da sua metamorfose, e de não se sabe que sonhos postiços. Vêem-se, também, mendigos de ocasião, — a droga? — misturarem-se, com um sorriso que não engana, aos verdadeiros necessitados, que o sistema de assistência e o êxodo dos negócios atira para a rua, num clima de bancarrota próxima. Rematados por permanentes á antiga o perdidos sob um emaranhado capilar á moda, quantos rostos fechados, quantos sorrisos fugidios, quantos tiques! Sente-se, assim, um certo alívio — os paradoxos não têm conta — ao cruzar com grupos de desempregados ou de marginais, ameaçadores, ferozes, excluídos da felicidade americana, mas, também dos seus temores, e gozando, longe das televisões de «western» permanente, a fraternidade quase provinciana das aldeias onde ainda tem lugar o calor humano.

A convicção protestante de que a iniciativa e o interesse privado contribuem, naturalmente, para o bem comum está, assim, a receber, na cidade mais desabrida, o mais desabrido dos desmentidos. Mas não há razão para se esconder que a duas horas do inferno o mesmo «credo» continua a operar milagres, únicos no mundo.

Sabe-se, graças a Fitzgerald, seu antigo aluno, e a Enstein, que decidiu aí envelhecer, que a Universidade de Princeton é um paraíso. Não se pode, contudo, imaginar até que ponto. Em redor dos edifícios espalhados pelos relvados como recordações da arte grega ou gótica, só há casas baixas de madeira branca onde, á razão de uns tantos alunos por professor e de umas tantas horas por semana, seis mil jovens, bronzeados e de pés descalços, conhecem, ao mesmo tempo, o perdido silêncio dos velhos mosteiros, o luxo dos clubes e a liberdade das férias mistas. Ao ponto de, fora a guerra do Vietnam, nada alimentar a contestação destes meninos de coro nem turvar a sua alegria de viver.

Fitzberald tinha, no entanto, razão ao adivinhar sob a graça de Princeton «o inverso do Paraíso». Se é aí possível a paz, é ao preço de enormes falsidades e de incessantes malentendidos. Reina aí o pior dos paternalismos. Salvo, talvez nos exames, a fraude moral reina por todo o lado. A igualdade de oportunidades continua a ser um tema para os discursos dos dias de graduação. Nenhum negro, por exemplo, frequenta estas «Green Pastures», a não ser, por acaso, para varrer as áleas. A espera de, improvávelmente, lhe abrir as portas de Princeton e de Casa Branca, a América dos antigos alunos mantém os negros á distancia, á volta das escadarias em ruínas e das lojas abandonadas de Harlem.

TRÊS HIPÓTESES

Mas há muitos outros problemas além deste. Não é possível manter-se, em Nova York, uma conversa sem virem á baila perspectivas terríveis e hipóteses apocalípticas.

Não que o americano tenha renunciado ao seu culto dos factos: continua a falar-se do divórcio de Fulano, do carro de Beltrano ou do preço das coisas, nisto se incluindo você e eu; continua-se bastante longe do «chit-chat» á europeia, onde de um acontecimento menor e depressa esquecido nos elevamos ás ideias gerais sem consequências, como se tivessemos acabado um jogo de cartas... Mas evoca-se, agora, o futuro mais do que em numeros e á maneira de uma força que, possivelmente, e pela primeira vez, a pátria da iniciativa e da previsão não será capaz de dominar.

Neste jogo de prognósticos, três tipos de reacções se nos deparam. Há, primeiro, os que continuam agarrados á lógica dos mecanismos financeiros conhecidos e á sua «moral». Há os que começam a ter duvidas, mas para quem o passado responde pelo futuro: sempre tivemos que enfrentar crises, e sempre conseguimos superá-las; esta será, sem duvida, mais dura, mas o país aparará o golpe ainda mais uma vez, sendo imensas as suas faculdades de assimilação, tal como a sua área, e Nova York não é, sem duvida, toda a América. Se for necessário renunciar ás cidades, renunciaremos...

Encontram-se, por fim, os apostadores, ao mesmo tempo mais inquietos e mais optimistas. Inquietos porque a morosidade lhes parece ainda mais profunda no Oeste do que no Leste do Atlantico, porque um nova-iorquino em sete vive — mal — de fundos publicos que não voltam a entrar, porque os negros e os latinos nunca aceitarão o sistema, porque os outros já não acreditam verdadeiramente nele e que em vez de «gadgets» ou obras de arte compram armas e cães. Inquietos porque depois de ter procurado a máxima riqueza para todos, a abundancia dos detritos humanos e materiais vai obrigar a organizar, sob pena de morte, uma vida mínima com regulamentação das calorias e dos detritos, como nas cápsulas espaciais, e porque será dramático fazer aceitar este racionamento a uma população que tem sido incentivada a correr riscos e a consumir.

«Para reorientar tanta energia, será necessário, sem duvida, o cacete, o socialismo, o «hippismo», a droga, e, talvez, as quatro coisas ao mesmo tempo...»

Mas cabe ao optimismo a ultima palavra: «Há-de ver que conseguimos e espantaremos o Mundo, uma vez mais!»